

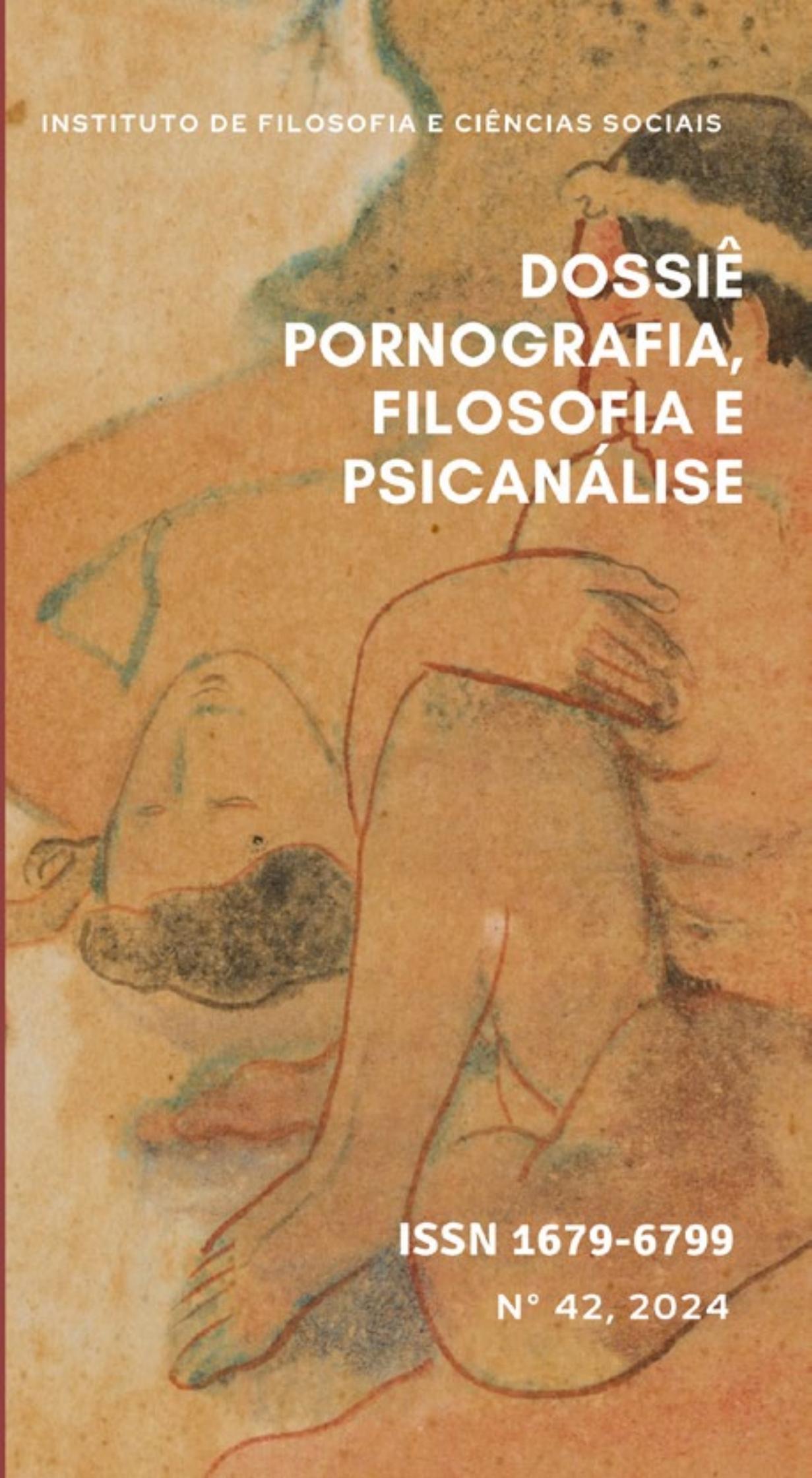
REVISTA ÍTACA

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

**DOSSIÊ
PORNOGRAFIA,
FILOSOFIA E
PSICANÁLISE**

ISSN 1679-6799

Nº 42, 2024





Reitor
Roberto Medronho

Vice-Reitora
Cássia Turci

Diretor
Prof. Dr. Fernando Santoro

Vice-Diretora
Prof. Dra. Beatriz Bissio

Chefe do Departamento de Filosofia
Prof. William Mattioli

Coordenadora do PPGF/UFRJ
Profa. Carla Francalanci

Vice-Coordenador do PPGF/UFRJ
Prof. Henrique Fortuna Cairus

REVISTA ÍTACA | EQUIPE EDITORIAL

Editoria Geral

Bruno Latini Pfeil (PPGF/UFRJ)
Cello Latini Pfeil (PPGF/UFRJ)
Quésia Olanda (PPGF/UFRJ)

Organização do Dossiê

Allan Henrique Bacelar da Silva (PPGE/UNICENTRO)
Bruno Latini Pfeil (PPGF/UFRJ)
Cello Latini Pfeil (PPGF/UFRJ)
Marcos Antônio da Silva Santos Ferreira (PPGF/PUC-PR)
Milena Costa Morvillo (PPGES/UNESP)
Viviane Rodegheri (PPGF/UFRJ)

Capa

Larissa Medeiros (PPGF/UFRJ)
Quésia Olanda (PPGF/UFRJ)

Editoria de Layout

Beatriz Zampieri (PPGF/UFRJ)
Larissa Medeiros (PPGF/UFRJ)
Quésia Olanda (PPGF/UFRJ)

Editoria de Seção

Bruno Latini Pfeil (PPGF/UFRJ)
Carla Regina dos Santos Rocha (PPGF/UFRJ)
Cello Latini Pfeil (PPGF/UFRJ)
Pâmela Bueno Costa (PPGF/UFRJ)
Viviane Rodegheri (PPGF/UFRJ)

Conselho Editorial

Bruno Latini Pfeil (PPGF/UFRJ)
Cello Latini Pfeil (PPGF/UFRJ)
Martha Bernardo (PPGF/UFRJ)
Viviane Veloso Rodegheri (PPGF/UFRJ)
Pâmela Bueno Costa (PPGF/UFRJ)

Comissão Editorial

Juliana Aggio (UFBA)
Ernani Chaves (UFPA)
Carla Rodrigues (UFRJ)
Rafael Haddock-Lobo (UFRJ)

REVISTA ÍTACA | UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ISSN 1679-6799

Disponível na internet: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca>

Secretaria do Programa de Pós-graduação em Filosofia

A/C Comissão Editorial da ÍTACA

Largo de São Francisco de Paula, 1 sala 310 - Centro

Rio de Janeiro - RJ CEP: 20051-070

E-mail: revistaitacappgf@gmail.com

SUMÁRIO

- 4** EDITORIAL
- 6** PORNOFEITICARIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE PORNOGRAFIA, TRABALHO E IMAGINAÇÃO POLÍTICA NAS RUÍNAS DO CAPITALISMO
Annelise Schwarcz e Clara Biondo
- 22** HIPER-SUJEITOS TOXICOPORNÔGRÁFICOS: A SUPERAÇÃO DO NEOLIBERALISMO PELA MICROPOLÍTICA DA DESINTOXICAÇÃO DO DESEJO EM PAUL PRECIADO
Pedro Ricardo Souza Morais
- 40** PORNOGRAFIA ONLINE, TEORIA CRÍTICA E MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: APROXIMAÇÕES
Alberto Gomes de Freitas Filho e Mauricio Rodrigues de Souza
- 59** UMA INCURSÃO SOBRE A OBRA DE ARTE, A TECNOLOGIA E A PORNOGRAFIA
Marcos Antonio da Silva Santos Ferreira
- 74** A PORNOGRAFIA COMO UMA QUESTÃO LÓGICA E PSICANALÍTICA
Maria Cristina de Távora Sparano
- 84** REFLEXÕES ACERCA DA SEXUALIDADE E DA PORNOGRAFIA: UMA INTERPRETAÇÃO DA PSICANÁLISE FREUDIANA
Iara Luzia Henriques Pessoa
- 100** WEBCAMMING: TRANSFORMAÇÕES DO MERCADO DO SEXO FRENTE À PANDEMIA
Eduardo Silva e Gabrielle Korczagin Padilha
- 122** PRAZER VISUAL E IDENTIFICAÇÃO: UMA LEITURA POSSÍVEL ENTRE TEORIA DO CINEMA ERÓTICO/PORNOGRÁFICO E PSICANÁLISE LACANIANA
Danilo Martins Vitagliano e Vit Tiscoski Ramos

EDITORIAL

É com muita alegria que apresentamos o dossiê *Pornografia, filosofia e psicanálise*, inaugurando 42ª edição da Revista Ítaca. Este dossiê é fruto de uma parceria entre a Revista Ítaca e o grupo de estudos FILPSI. Participaram de sua organização os integrantes Bruno Pfeil, Cello Pfeil e Viviane Rodegheri, da Revista Ítaca, e Allan Henrique Bacelar da Silva, Marcos Antônio da Silva Santos Ferreira e Milena Costa Morvillo, do FILPSI.

Esta edição conta com artigos variados, abordando problematizações acerca do trabalho sexual virtual até a construção tecnobiopolítica de corpos pornificados, a fim de buscar um diálogo entre a filosofia, a psicanálise e a pornografia.

Iniciamos com o artigo *Pornofeticiária: algumas considerações sobre pornografia, trabalho e imaginação política nas ruínas do capitalismo*, de Annelise Schwarcz e Clara Biondo. As autoras buscam compreender o entrelaçamento entre a pornografia e a prostituição, criticando as hierarquias de valor que atravessam a mercantilização do trabalho sexual. Trazendo autores como Paul Preciado e Virginie Despentes, Schwarcz e Biondo nos fazem refletir sobre o papel do ciclo de excitação-frustração da era farmacopornográfica, evidenciando o impacto do capitalismo tardio na produção de subjetividades pornificadas.

Em seguida, temos Pedro Ricardo Souza Morais com *Hiper-sujeitos toxicopornográficos: a superação do neoliberalismo pela micropolítica da desintoxicação do desejo em Paul Preciado*, no qual o autor busca investigar a constituição de um novo tipo de subjetividade, qual seja, a do hiper-sujeito farmacopornô. Possibilidades de desintoxicação do neoliberalismo são exploradas a partir de conceitos precidianos e psicanalíticos e de mergulhos no mundo da pornografia.

Em *Pornografia online, teoria crítica e masculinidade hegemônica: aproximações*, Alberto Gomes de Freitas Filho e Mauricio Rodrigues de Souza refletem sobre a construção de uma masculinidade hegemônica pela ótica da produção audiovisual pornográfica.

Logo após, Marcos Antonio da Silva Santos Ferreira, com *Uma incursão sobre a obra de arte, a tecnologia e a pornografia*, disserta sobre a funcionalidade da pornografia pelas lentes artísticas e tecnológicas, analisando a obra de Polly Barton entremeada à de Walter Benjamin.

Também abordando a obra de arte em *A pornografia como uma questão lógica e psicanalítica*,

Maria Cristina de Távora Sparano traz a temática da pornografia com a densidade de conceitos psicanalíticos lacanianos e com problematizações sobre o papel do audiovisual pornô na busca por satisfação, prazer e gozo.

Com *Reflexões acerca da sexualidade e da pornografia: uma interpretação da psicanálise freudiana*, Iara Luzia Henriques Pessoa compreende a pornografia como expressão da sexualidade humana, buscando compreender como os conceitos de pulsão escópica e fantasia atravessam a temática do mundo pornô.

Em *Webcamming: transformações do mercado do sexo frente à pandemia*, Eduardo Silva e Gabrielle Korczagin Padilha abordam os impactos da pandemia de COVID-19 no mercado sexual virtual. Por meio do método da cartografia, os autores apresentam uma pesquisa empírica com profissionais do ramo de *webcamming*, trazendo à tona discussões acerca das violências sociais que perpassam este campo.

Por fim, chegamos ao artigo *Prazer visual e identificação: uma leitura possível entre teoria do cinema erótico/pornográfico e psicanálise laciana*, de Danilo Martins Vitagliano e Vit Tiscoski Ramos, que trata da constituição do cinema a partir dos processos de identificação abordados pela psicanálise laciana.

Agradecemos a todas as pessoas que confiam em nosso trabalho editorial, especialmente àquelas que se dispõem a ser pareceristas, debruçando-se sobre um trabalho tão essencial para o caminhar de nossa Revista. Desejamos uma ótima leitura!

Equipe Editorial

PORNOFEITIÇARIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE PORNOGRAFIA, TRABALHO E IMAGINAÇÃO POLÍTICA NAS RUÍNAS DO CAPITALISMO

Annelise Schwarcz¹ e Clara Biondo²

RESUMO

Nosso objetivo é desdobrar as questões e os argumentos sobre a pornografia e a prostituição, assim como seus efeitos psíquicos. Na tentativa de superar moralismos, buscamos endereçar uma crítica queer ao debate em torno da pornografia e explorar especialmente a relação entre trabalho, sexo, gênero e capitalismo: afinal, de que forma os outros trabalhos não sexuais são menos cafetinados do que a prostituição? De que forma as relações sexuais não remuneradas se distinguem das relações sexuais remuneradas? Qual a relação entre uma imagem pornográfica – e o que essa nos ensina a desejar – de uma propaganda qualquer? Qual o papel da excitação e da frustração no capitalismo tardio? De que forma se dá a atual divisão sexual do trabalho? Essas são apenas algumas questões que nos impulsionam nessa escrita, mas que não necessariamente possuímos a intenção de responder. Pelo contrário, antes de pretender esgotá-lo, nosso intuito é fomentar um debate, localizando seus pontos vitais a partir de pensadoras e pensadores como Silvia Federici, Virginie Despentes, Monique Wittig e Paul Preciado.

PALAVRAS-CHAVE

Trabalho; divisão sexual do trabalho; pensamento hétero; prostituição; pornografia; gênero.

ABSTRACT

Our aim is to unfold the questions and arguments about pornography and prostitution, as well as their psychic effects. Trying to overcome moralisms we seek a queer point of view, where we seek to explore the relationship between labor, sex, gender and capitalism: after all, how are other non-sexual jobs less pimped out than prostitution? How do unpaid sexual relations differ from paid ones? What is the relationship between a pornographic image – and what it teaches us to desire – and any advertisement? What is the role of excitement and frustration in late capitalism? How does the current sexual division of labor occur? These are just some of the questions that drive us in this writing, but which we don't necessarily intend to answer. On the contrary: our intention is to encourage a debate, locating its vital points, before claiming to exhaust it based on thinkers such as Silvia Federici, Virginie Despentes, Monique Wittig and Paul Preciado.

KEYWORDS

Labor; sexual division of labor; straight mind; prostitution; pornography; gender.

¹ Graduada e mestra em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Contato: schwarczanne@gmail.com

² Graduada em História pela Universidade de São Paulo - USP e mestra em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Contato: clarabaraujo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Adolescente (18+), madura, amador, caseiro, entre amigos, avó, anal, shibari, punição, dominação financeira, fisting, pau pequeno, pau grande, esposa, corno, estímulo elétrico, brinquedos, extremo, bondage, sadomasoquismo, dominação, submissão, tabu familiar, madrasta, vizinho, feio, fetiche por barriga, fetiche por mãos, fetiche por pés, peitos, bunda, de quatro, hardcore, irmão e meia-irmã, leitada na cara, leitada em buceta, massagem erótica, sexo bruto, masturbação, MILF, porra na boca, primeira vez, roçando no travesseiro, erótico, sufocando, tia, sexo na rua, no ônibus, em público, escondido, ménage, travesti, FTM, PCD, gays, lésbicas, orgias, estudantes, shoplifters...

A gama de conteúdos pornográficos é tão vasta quanto os argumentos contra ou a favor da pornografia. Neste artigo, para além de nos situarmos em algum desses polos binários, pretendemos apresentar como se constrói o debate sobre pornografia e cisheteronormatividade, reconhecendo a existência de uma estrutura discursiva e material que reforça essa norma e da qual a pornografia faz parte. Se as práticas sexuais são múltiplas – tal como nossa breve pesquisa aponta –, a pornografia parece indicar caminhos críticos igualmente plurais, que precisam considerar de que modo ela se configura como um regime de trabalho no atual momento do neoliberalismo. Nesse sentido, observamos aspectos opressivos e suas implicações materiais, mas também reconhecemos que a pornografia é apenas mais um dos processos de apropriação de mais-valia, no qual os sujeitos implicados precisam de seguranças e direitos. Por isso, trata-se de um olhar que não reconhece como mais degradante trabalhar para a indústria pornográfica do que seria para outros tipos de serviço no capitalismo tardio, ainda que não envolvam sexo.

Não é mais possível falar de pornografia como se houvesse apenas uma Indústria, com uma estética e uma política específicas – tal como ocorria nos primórdios dos filmes pornô –, quando podemos notar mudanças nas dinâmicas de produção, distribuição e consumo, proporcionadas pelo advento de novas tecnologias e pelo crescimento de plataformas online. No entanto, ao mesmo tempo, não é possível negligenciar a construção de um imaginário hegemônico, responsável por condicionar nosso modo de fazer, consumir e desejar pornô, afinal, foram anos sendo expostas/os aos mesmos conteúdos pornográficos.

Afinal, por que supostamente a profissão das/dos trabalhadoras/es do sexo é tão mais violenta e preocupante do que outros trabalhos que também exigem do corpo, como lutadoras/es de boxe ou estoquistas, por exemplo? Por que trabalhar com o sexo é visto como especialmente degradante? Dessas perguntas iniciais, outros problemas parecem surgir, desmistificando a ideia de que podemos adotar uma postura radicalmente contra ou

a favor da prostituição ou da pornografia.

A princípio, parece uma questão simples e ingênua. Mas como abordar de forma simplista um dos setores que mais lucra no mundo? Como falar de forma simples de um setor que produz e se alimenta de fetiches e desejos – duas dimensões tão profundas e fundadoras das relações humanas? Como distinguir um desejo privado e singular que engendra uma demanda por algo de um desejo que foi feito sob medida para você desejá-lo? “Disso tudo, uma única coisa surge com clareza: filmar o sexo não é inofensivo” (Despentes, 2016, p. 75). O que queremos dizer é: o que nos excita em uma cena pornô é aquilo que desejamos ou que fomos condicionadas/os a desejar? Cinco caras cheirando pó numa sala comercial qualquer em Las Vegas têm realmente o poder de definir meus fetiches, minha relação com a sexualidade, com a feminilidade e a masculinidade?

De acordo Gail Dines, feminista radical e socióloga, Roccas e Max Hardcore tem sim esse poder de criação de demanda em torno da produção de um desejo feito sob medida para seu consumidor. ‘Seu consumidor’, no masculino, pois, também de acordo Dines, o masturbador universal é um sujeito cismasculino forjado pelos ícones de masculinidade encontrados online. A autora explica em seu texto *Como a pornografia cria o cliente? Pornografia, tráfico de mulheres e a construção social da masculinidade* (2018):

Quando eu comecei minhas pesquisas 15 anos atrás e entrevistei pornógrafos da indústria, nenhum deles queria chegar perto do Max Hardcore, ninguém queria ser dono dessa empresa, ele era considerado muito extremo. Da última vez que estive em Las Vegas, ele tinha o maior estande no centro da convenção pornô e tinha a maior fila de autógrafos de lá. Ele agora é o centro da indústria pornográfica. Não existe um jeito melhor de contar a história da pornografia do que contar a história da marginalização de Max Hardcore até sua chegada ao topo. Para aqueles que não conhecem, no gonzo-porn é assim: não existem mulheres, apenas ‘vadias’, ‘putas’, ‘bucetudas’ e ‘depósitos de porra’. E por que isso? Porque você não pode deixar que o cara que vai se masturbar assistindo aquele sexo violento veja qualquer sinal de humanidade naquelas mulheres; porque na maioria das vezes os homens que chegam até esses filmes pornôs não são sádicos. Mas, a questão é, como fazer homens que não são sádicos sexuais se masturbarem vendo sexo sádico? Isso é um problema na indústria, porque vocês concordam que a maioria dos meninos de 13 anos não é sádico sexual ainda, não é mesmo? [...] Quando você faz tráfico de mulheres você tem que mostrar que aquelas mulheres ‘são diferentes das que você conhece’. Você faz essa divisão porque quando chega a hora de assistir tortura sexual ninguém vai olhar nos olhos daquela mulher e ver um ser humano, mas sim uma ‘vadia’, uma ‘puta’. [...] E o que vocês acham que um menino de 12 anos vai fazer? Vai fugir assustado porque não é um ‘homem de verdade’? Claro que não! Ele está construindo a sua masculinidade. E como você a constrói? Você vaga pela cultura se perguntando o que significa ser um homem. É assim que eles conquistam os meninos. Assim como as mulheres vagam pela cultura se perguntando ‘o que significa ser uma mulher?’ e encontram Beyoncé, Lady

Gaga e Rihanna, eles vagam pela cultura e encontram ISSO. (Dines, 2018, n.p.)

Enquanto a cultura pop tem caminhado para uma hiperssexualização de suas artistas – produzindo clipes e apresentações musicais que mais parecem o *soft porn* de outrora –, o pornô precisa se tornar mais explícito, mais realista e, para Dines, mais violento para que esteja à altura de ser considerado obsceno. Obs-ceno, fora da cena. Se o que está em cena já é sexual o suficiente, o que está fora da cena deve dobrar a aposta. São essas imagens que irão forjar o imaginário de masculinidade e feminilidade. Claro, um imaginário cisheteronormativo. Somos uma massa passiva de espectadoras/es da cultura estadunidense e assimilamos de forma irrefletida seus padrões de cisfeminilidade e cismasculinidade. Somos Rihannas e Lady Gagas ou Roccas e Max Hardcores. Qual fresta nos resta nesse cenário sufocante? Afinal, censurar a pornografia poderia realmente interromper a produção desses imaginários? Podemos pensar a produção pornográfica de forma tão homogênea? Primeiramente, antes de oferecer mais perguntas, daremos um passo atrás e acompanharemos Dines no que ela define como pornografia:

1- É a legitimação cultural da compra e venda de mulheres; 2- É a prostituição filmada: mulheres sendo pagas para fazer sexo. A diferença entre prostituição e pornografia é que você pode continuar vendendo a mulher quantas vezes quiser, mesmo depois de morta você pode vender sua imagem várias e várias vezes. Não existe limitação física das mulheres na pornografia, pois o sexo prostituído está gravado; 3- É a representação visual do sexo prostituído; 4- É o uso de mulheres traficadas sexualmente; 5- É criadora de demanda. [...] Pornografia não é um amontoado de imagens aleatórias, não é fantasia — fantasia acontece na cabeça, pornografia acontece nos bancos internacionais do capitalismo. Dois lugares completamente diferentes. (Dines, 2018, s.p.)

Sendo assim, articulando as duas citações da autora, a pornografia seria um modo de enquadrar a todas/os na cisheteronormatividade, com a reprodução de práticas sexuais violentas e com performes de gênero delimitadas previamente. No entanto, os papéis de gênero e de dominação não são apenas reforçados através da pornografia, mas são criados e reencenados também nas relações familiares, na escola, nas igrejas, nas novelas, nos filmes, ou seja, um sem-fim de formas de reproduzir papéis de subalternização do gênero feminino diante do masculino. Sabe-se também que, na atual dobra do capitalismo, não é somente a imagem de uma mulher prostituída e morta que continua a circular depois de seu falecimento. Recentemente, por exemplo, uma plataforma de ensino à distância foi denunciada por manter em circulação uma videoaula ministrada por um professor que já havia falecido³. Houve também o caso da Volkswagen, que após a repercussão negativa se

3 UNIVERSITÁRIO descobre que tem aulas online com professor morto desde 2019. *O Tempo*, 4 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/mundo/universitario-descobre-que>>

viu obrigada a tirar de circulação uma campanha publicitária⁴ na qual a cantora Elis Regina, revivida por uma inteligência artificial, performava um dueto póstumo com sua filha Maria Rita. Aparentemente, trabalhar depois de morta/o, e seguir dando lucro, diz mais sobre a atual fase do capitalismo do que sobre a pornografia em si.

Dines descreve, em 2018, um cenário para a indústria pornô que mais se parece com os paradigmas de produção do século passado. Eles de fato existem, pois na cultura dominante é possível notar a circulação de padrões de gênero, que são reforçados a partir de produções midiáticas, tais como a própria pornografia *mainstream*. É preciso distinguir, nesse ponto, a prostituição compulsória da prostituição enquanto profissão. É preciso, também, distinguir a Indústria Pornográfica dos demais modos de fazer pornô que vêm se proliferando cada vez mais nos últimos anos. Pensemos: será que toda mulher na prostituição/pornografia foi sequestrada, traficada e precisa de nós, feministas de classe média sem nenhum contato com a prostituição, para salvá-las? Lutando pela emancipação das prostitutas/ atrizes pornôs de suas amarras, o discurso pró-censura tem como efeito a remoção da agência dessas mulheres sobre os seus corpos, incorrendo na infantilização dessas trabalhadoras – ao falar e decidir por elas o que é melhor –, ao invés de deixar que elas falem por si mesmas sobre a própria condição.

“As prostitutas constituem o único proletariado cuja condição comove tanto a burguesia. [...] Os tipos de trabalho que as mulheres pobres exercem, os salários miseráveis pelos quais vendem seu tempo, isso não interessa a ninguém” (Despentes, 2016, p. 47), afirma Virginie Despentes – escritora e pensadora feminista – em *Teoria King Kong*. Seu livro aborda o tema da prostituição a partir da própria experiência da autora – enquanto mulher branca, cis e cidadã europeia – que, longe de romantizar a profissão, nos conduz à sua teoria feminista. Seus argumentos levam em consideração os diversos destinos possíveis que levam uma mulher a optar pela prostituição e, principalmente, reforça que a experiência pessoal da autora não é a mesma de outras mulheres que se encontram em condições de maior vulnerabilidade. No entanto, os argumentos contra a prostituição – e, conseqüentemente, contra a pornografia –, parecem se esquecer desses cenários, e reforçam no imaginário o retrato de uma prostituição degradante, sórdida e sem escapatória. Como afirma a autora:

-tem-aulas-online-com-professor-morto-desde-2019-1.2443577>. Acesso em 22/07/2024.

4 ELIS REGINA e Maria Rita cantam juntas no polêmico filme da Volkswagen. *Terra*, 5 de julho de 2023. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/mobilidade/carros/videos/elis-regina-e-maria-rita-cantam-juntas-no-polemico-filme-da-volkswagen,5cc159b2827e0a825f8f20194876491d8w0b266l.html>>. Acesso em 22/07/2024.

Essa imagem específica da prostituta que tanto gostamos de exibir, destituída de seus direitos, privada de sua autonomia, de seu poder de decisão, possui diversas funções. Explicitamente: mostrar aos homens que têm vontade de pegar uma puta até onde eles devem descer para conseguir fazê-lo. Dessa maneira, eles também são redirecionados ao casamento, em direção à célula familiar: todo mundo deve ficar dentro de casa. Esse é também um jeito de lembrar aos homens que sua sexualidade é forçosamente monstruosa, que ela produz vítimas, destrói vidas. Porque a sexualidade masculina deve continuar sendo criminalizada, perigosa, associal e ameaçadora. (Despentes, 2016, p. 68)

Virginie analisa a prostituição como uma importante chave de leitura para compreender a diferença entre os gêneros e a dominação do homem cis sobre a mulher cis. Essa imagem da prostituta degradada é o motivo pelo qual as mulheres cis não devem vender seu sexo e, no entanto, enquanto esposas, devem realizar o trabalho sexual, que se dá no âmbito privado. Cobrar por isso seria um absurdo de acordo com as regras da moralidade. Afinal, boas meninas de boas famílias servem – gratuitamente – aos seus maridos. Mas e se a chave para a retomada da agência das mulheres sobre seus corpos e seu tempo – dentro de um limite permitido pelo capitalismo – se desse justamente a partir do momento em que começam a cobrar por esses serviços?

A PUTA, A ESPOSA E A LÉSBICA NA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

O mito da naturalidade da sexualidade e do ato sexual é exposto por Silvia Federici no artigo *Porque sexualidade é trabalho*. Escrito em 1975, o texto nos apresenta uma visão que procura desnaturalizar o ato sexual como puro prazer e libertação feminina, situando-o como mais um trabalho que se soma à jornada de trabalho realizado por mulheres dentro do casamento heterossexual. Diz a autora que “o dever de agradar é tão construído em nossa sexualidade que aprendemos a ter prazer em dar prazer, em provocar os homens e excitá-los” (Federici, 2019, p. 56). Após um longo dia em um trabalho estressante em fábricas e escritórios, os maridos retornam para suas casas buscando algum alívio para sua rotina cansativa e, na perspectiva de Federici, são às suas esposas que eles recorrem. Ligadas ao mundo do trabalho através do trabalho doméstico, sexual e reprodutivo – todos não remunerados – essas esposas se veem dependentes financeiramente e cativas dessa relação matrimonial. Federici resume a relação entre sexo e trabalho no matrimônio da seguinte maneira:

A principal razão pela qual nós não podemos desfrutar do prazer que a sexualidade pode proporcionar é que, para as mulheres, *sexo é trabalho*. Proporcionar prazer para os homens é uma parte essencial do que se espera de todas as mulheres. A liberdade sexual não ajuda. [...] No passado, só esperavam de nós que cuidássemos de crianças. Agora, esperam que tenhamos um trabalho assalariado, que continuemos a limpar a casa e as crianças e que,

ao final de uma jornada dupla de trabalho, estejamos prontas para pular na cama e sermos sexualmente atraentes. Para as mulheres, o direito de ter sexo é o dever de fazer sexo e gostar disso (algo que não é esperado da maioria dos trabalhos). (Federici, 2019, p. 58)

Sendo trabalho, o sexo não proporcionaria a libertação e prazer, associado ao empoderamento feminino nos anos 1970, mas revela a relação de opressão, na qual a força de trabalho – nesse caso a sexualidade – seria extraída da esposa. Federici chega a falar que a “prostituição sublinha cada encontro sexual” (Federici, 2019, p. 59). Com isso, Federici descreve uma imagem da sexualidade presente tanto na pornografia quanto no matrimônio – enfatizada pelos meios de comunicação em massa – que reforça a posição subalternizada da mulher em relação ao homem. Nesse regime cisheterossexual supostamente natural, a mulher deve oferecer sexo e prazer ao seu macho provedor financeiro. A visão de Federici encontra a de Virginie Despentes:

A figura da puta é um bom exemplo: quando se afirma que a prostituição e a ‘violência feita às mulheres’, pretende-se que esqueçamos que a verdadeira violência imposta às mulheres é o casamento. Assim como de maneira geral a maioria das coisas que suportamos. [...] A violência vem desse controle que é exercido sobre todas nós, essa faculdade de decidir em nosso lugar o que é digno e o que não é. (Despentes, 2016, p. 71)

Federici denuncia a organização da sociedade e sua influência direta na construção da sexualidade, na esteira de teorias feministas que começam a criticar as formas de opressão de gênero. A crítica da autora nos é útil para pensarmos sobre as formas de sexualidade e prazer, e sobre como as imagens são vendidas para nós como desejáveis, “empoderadoras” e libertárias, quando, na verdade, não se trata de nada disso. No entanto, Federici atinge um limite ao descrever apenas um único modelo de sexualidade e pacto matrimonial. O valor da mulher descrita pelo texto de Federici se daria no quão excitável seu corpo é, por sua capacidade de estar sempre disponível sexualmente e fazer gozar: mas de que mulher estamos falando ao abordar essa economia matrimonial?

O texto discorre sobre uma dominação masculina material sobre a mulher a partir da sexualidade, pois, na análise de Federici, essa é a única contrapartida – junto aos trabalhos domésticos e reprodutivos – que essa mulher teria a oferecer para seu marido, em troca da garantia de que ele a sustente financeiramente. Mas e no caso das relações nas quais a mulher já adentrou o mercado de trabalho e não depende financeiramente do marido, ou, ainda, nos casos em que a esposa é a parte financeiramente confortável? Será que esse esquema ainda se sustenta? Esse também não é o cenário no qual a renda do marido não é o suficiente para sustentar duas ou mais pessoas. Existem diversos cenários, a depender de variáveis de classe, raça, orientações sexuais e performances de gênero não cisonormativas.

O texto carece de recortes ao se projetar como uma situação universal das mulheres e seus contratos matrimoniais, quando na verdade podemos notar que se trata de um arranjo específico. Por exemplo, sexualidade ainda é trabalho para as mulheres que não são casadas? Falemos ainda da relação entre lésbicas a partir de uma citação da própria Federici:

A subordinação da nossa sexualidade à reprodução da força de trabalho significa que a heterossexualidade nos tem sido imposta como o único comportamento sexual aceitável. Na realidade, toda comunicação genuína tem um componente sexual, nosso corpo e nossas emoções são indivisíveis e nós nos comunicamos em todos os níveis o tempo todo. Mas o contato sexual com mulheres é proibido porque, na moral burguesa, tudo o que não é reprodutivo é obsceno, antinatural, pervertido. Isso significa a imposição de uma condição verdadeiramente esquizofrênica, pois aprendemos logo cedo na nossa vida a traçar uma linha entre as pessoas que podemos amar e as pessoas com quem apenas conversamos; aquelas para as quais podemos abrir nosso corpo e aquelas a quem podemos apenas abrir nossa ‘alma’; nossos amantes e nossos amigos. (Federici, 2019, p. 57)

A autora afirma que toda “comunicação genuína tem um componente sexual”, muito embora delimite uma distinção ao afirmar o caráter “antinatural e pervertido” de certos encontros e trocas. Parece que as únicas opções de trabalho e sexualidade possíveis são pautadas por um modelo binário imposto pela heterossexualidade normativa e pela lógica burguesa. Certamente essa é a norma hegemônica, mas afirmar essa norma como única realidade possível é ignorar outras sexualidades e formas de existir e se comunicar, situando-as como antinaturais. O argumento de Federici perde força e validade quando afirma como universal uma situação particular. Apesar de reconhecer essa categorização como fruto da burguesia, Federici peca ao privilegiar um polo, ou seja, mantém ainda uma essência de natureza na heterossexualidade, embora reconheça o caráter social e cultural de sua construção.

Justamente por isso, voltamo-nos para o que fica de fora da norma, para o considerado anormal e pervertido, para tudo aquilo que procura transformar o pensamento de bases únicas e binárias, abordando uma crítica dessa normalidade e recusando sua lógica. O texto *O pensamento hétero*, de Monique Wittig – contemporânea de Federici –, é um exemplo nesse sentido. Munida de uma crítica materialista forte, Wittig descreve o sistema de opressões que constrói a heteronormatividade, dando atenção especial ao papel do discurso:

Os discursos que oprimem particularmente a todos nós, lésbicas, mulheres e homens homossexuais, são os que pressupõem que o fundamento da sociedade, qualquer sociedade, é a heterossexualidade. [...] Esses discursos sobre a heterossexualidade nos oprimem uma vez que nos impedem de falar a não ser que falemos nos termos deles. (Wittig, 2022, p. 59)

A heterossexualidade é compulsória e o pornô *mainstream* é um dos discursos que

subscvem a ela. Somos bombardeadas/os por imagens do corpo feminino objetificado, muito embora isso não seja exclusividade da prostituição ou da pornografia. Esse corpo degradado, exposto como um produto a ser vendido e alienado dos demais seres humanos é produzido pelo discurso hegemônico e reforçado pela indústria cultural. Wittig elege como exemplo a pornografia para abordar questões relacionadas à forma como o discurso incide em uma opressão material. Presente nas imagens, filmes, revistas e muros das cidades, a autora demonstra como esses signos estão permeados em nossas vidas e reafirmam a dominação da mulher. Para ela, “o discurso pornográfico é uma das estratégias de violência exercida contra nós: ele humilha, degrada, é um crime contra nossa ‘humanidade’” (Wittig, 2022, p. 60). No entanto, um dos pontos cruciais de sua crítica é que a autora não se restringe ao discurso pornográfico, mas também desdobra de que forma essas violências estão presentes, também, na materialidade da opressão exercida por discursos científicos, por exemplo, que transformam em naturais aspectos culturais da vida social. Como é possível verificar a seguir:

Esse poder das ciências e das teorias de atuar material efetivamente sobre nosso corpo e nossa mente não tem nada de abstrato, ainda que o discurso que o produz seja abstrato. Sua própria expressão é uma das formas de dominação. Eu diria, em vez disso, que é um de seus exercícios. Todos os oprimidos conhecem esse poder e tiveram de lidar com ele. É aquele que diz: você não tem o direito à fala porque seu discurso não é científico nem teórico, você está no nível de análise errado, você está confundindo discurso e realidade, seu discurso é ingênuo, você entendeu errado esta ou aquela ciência. (Wittig, 2022, p. 61)

A intenção de Wittig é então apresentar a naturalização da heterossexualidade como regime de vida no qual todas as relações humanas aparecem por ela ordenadas. Se Wittig traz a descrição desse aspecto da sociedade, é porque há na descrição da opressão e na hierarquia da divisão binária entre homens e mulheres uma impossibilidade já dada de construir subjetividades alternativas que escapem à heterossexualidade e suas normas. A perspectiva que a autora aborda é a da lésbica, para a qual a própria definição de mulher – enquanto figura dominada pelo homem cis nesse regime heterossexual – não faz sentido. Partindo da figura da lésbica, tomamos o pensamento de Wittig de empréstimo para pensar qualquer relação dissidente da heterossexualidade: seja essa relação entre mulheres, homens gays, entre pessoas cis e trans, relações transcitradas, etc. Portanto, o trabalho sexual e o trabalho doméstico, denunciados por Federici, não dizem respeito – sobretudo – às vidas que recusam o pacto da cisheteronormatividade.

Wittig afirma que “seria incorreto dizer que as lésbicas se associam, fazem amor, vivem com mulheres, pois ‘a mulher’ só tem significado nos sistemas heterossexuais de pensamento e nos sistemas econômicos héterossexuais” (Wittig, 2022, p. 67). Se por “mulher”,

entende-se esse sujeito despossuído de sua agência sexual, sem recursos financeiros e dependente de uma relação matrimonial, na qual tudo que ela tem a oferecer como contrapartida do sustento financeiro são os trabalhos domésticos, sexuais e reprodutivos, então – como conclui Wittig – “lésbicas não são mulheres” (2022, p. 67). Essa possibilidade não seria também estendida a outros corpos dissidentes que recusam a cisheterossexualidade e suas práticas sexuais normativas, e/ou a corpos com marcadores de raça e classe que não participam da lógica branca-burguesa? Essa diferença na forma de conceber a sexualidade, a feminilidade, a masculinidade, o papel do sexo e do trabalho na relação nos permitem ver outras paisagens para além dos universalizantes e sufocadores cenários descritos por autoras como Federici e Dines, por exemplo. Afinal, no esquema de Dines sequer existe espaço para se pensar sexualidades e produção de subjetividades *queer*. Temos, dessa forma, a própria sexualidade dissidente como prova viva de que é possível operar brechas na produção de um discurso hegemônico, suportando a massiva exposição a esses padrões.

Com isso, vemos que a crítica de Wittig vai no caminho de apontar a pornografia como instrumento de poder, assim como a própria linguagem, quando essas reforçam padrões sexuais binários e naturalizam a heterossexualidade, mas é possível observar que os discursos que sustentam a dominação permeiam a mais distintas esferas e não se restringem à pornografia. Há na conferência de Wittig, portanto, uma possível mudança a ser vislumbrada, que vem não apenas das transformações das relações econômicas como também da perda de padrões e de invariantes dos discursos que pautam a heterossexualidade. Ao final do texto, com alguma ironia, Wittig afirma que essas transformações só seriam sentidas pelo menos cinquenta anos depois. Ainda falta algum tempo para completar os cinquenta anos de sua publicação, mas definitivamente hoje sentimos os abalos sísmicos no regime de trabalho e na forma de observarmos gênero e sexualidade, pautadas principalmente por discursos de teóricos contemporâneos que transformam os sistemas de pensamento. Diante desse cenário, lançamos as questões: É possível um pornô dissidente? Qual produção de imagem – e consequentemente de discurso – é possível quando modificamos os corpos em cena e quem dirige a cena?

PORNOGRAFIA NAS RUÍNAS DO CAPITALISMO

Quando falamos de pornografia, em 2024, não estamos mais falando de uma Indústria Pornográfica, em letras maiúsculas, como se houvesse apenas uma. Hoje existem os mais diversos tipos, formatos e formas de fazer que fogem a esse paradigma da exploração por uma indústria: pessoas se masturbando sozinhas com dildos vendendo vídeos e fotos, casais que transmitem *lives* transando, *camboys* e *camgirls*, assim como pessoas negociando di-

retamente com um/a comprador/a a venda de peças íntimas usadas, fotos, vídeos, objetos e fluidos. Enfim, as formas de comercializar e a produção de conteúdos têm se tornado cada vez mais heterogêneas, sendo possível, inclusive, falarmos em termos de produções pornográficas feministas. Como diria Despentés:

Os detratores do gênero reclamam da pobreza do pornô, fingem que existe apenas um tipo de pornô. Eles adoram fazer circular a ideia de que o setor não seja inventivo. O que é falso. [...] O que de fato determina a história do pornô, o que é inventa e define, é a censura. Aquilo que proibimos é o que vai marcar cada filme pornô, obrigando a fazer um exercício interessante para contornar os limites impostos. [...] No caso das mulheres, não fica claro em que parte a dignidade delas poderia ser especialmente atingida pelo uso de uma cinta peniana. Sabemos que elas possuem recursos suficientes para compreender que uma cena S&M [somasoquista] não indica necessariamente que elas desejariam ser chicoteadas ao chegar ao escritório ou amordaçadas enquanto lavam a louça. Ao mesmo tempo, basta ligar a TV aberta para ver mulheres em posições humilhantes. (Despentés, 2016, p. 80)

Assim como as demais formas de trabalho em outros ramos, o pornô também tem se flexibilizado, deixando de ser uma relação entre indústrias e funcionários e passando a assumir um caráter mais autônomo e *freelancer*. Diante desse cenário, não nos parece fazer mais sentido endereçar qualquer crítica à pornografia que foque apenas na temática da exploração (como se houvesse aqui uma exploração especial e diferente das demais formas de trabalho) ou na dominação da mulher (como se essa dominação não se fizesse presente em outras relações e espaços na estrutura capitalista). O que existe aqui, isso deve ser enfatizado, é uma repressão moral e estigmatizante que torna mais difícil regularizar e proteger minimamente as/os trabalhadoras/es do sexo. A falta de políticas de proteção e de controle da circulação da imagem impede que o/a autor/a da imagem siga lucrando com a repercussão e o uso dessa imagem ou que consiga controlar o destino dessa reprodução. Diferente do que tem sido reivindicado e tem sido possível ser garantido em outros meios, como no caso de modelos e *influencers*, que, devido ao trabalho não estigmatizado, são capazes de recorrer a instâncias legais a fim de garantir seus direitos quanto aos usos de suas imagens.

No entanto, é importante ressaltar que não são as demais modalidades de trabalho que afetam o modo de produção e difusão da pornografia: é, antes, a pornografia ela mesma que teria provocado alterações no regime neoliberal que vivemos e impactado as demais relações de trabalho, cooptação de desejos e canais de comunicação. Essas alterações não são exatamente um conto de fadas marxista se realizando, no qual o proletariado deixa de ser alienado de seu produto e se apropria dos meios de produção. Ao contrário: trata-se de

uma intensificação do neoliberalismo que escancara e serve como paradigma do papel do corpo, da excitação, do trabalho e da produção de dinheiro para toda e qualquer relação, como afirma o filósofo, curador e pensador *queer* Paul B. Preciado:

Se concordarmos com Marx que ‘a força de trabalho não é o trabalho realmente realizado, e sim o simples potencial e habilidade para trabalhar’, então será preciso dizer que qualquer humano ou animal, real ou virtual, feminino ou masculino, possui esta potencialidade masturbatória, a *potentia gaudendi*, o poder de produzir prazer molecular, e portanto, possui poder produtivo sem ser consumido e esgotado no próprio processo. Até agora conhecemos uma relação direta entre a pornificação do corpo e o grau de opressão. Na história, os corpos mais pornificados têm sido os dos animais não humanos, os das mulheres e os das crianças, o corpo racializado do escravo, o corpo do trabalhador, o corpo homossexual. Mas não há relação ontológica entre anatomia e *potentia gaudendi*. [...] O novo sujeito hegemônico é um corpo (frequentemente codificado como masculino, branco e heterossexual) farmacopornograficamente suplementado (pelo viagra, pela cocaína, pela pornografia, etc) e consumidor de serviços pauperizados (frequentemente exercidos por corpos codificados como femininos, infantis ou racializados). [...] O poder não se localiza apenas no corpo (‘feminino’, ‘infantil’ ou ‘não branco’) enquanto espaço tradicionalmente imaginado como pré-discursivo e natural, mas também em um conjunto de representações que o transformam em sexual e desejável. Trata-se, em todo caso, de um corpo sempre farmacopornográfico, um sistema tecnovivo que é efeito de um mecanismo de representação e produção cultural muito difundido. (Preciado, 2018, p. 50-51)

Ao declarar que “trabalho é sexo”, o autor inverte a afirmação de que sexo também é trabalho (Preciado, 2018, p. 289). Embora o inverso também seja verdadeiro, a intenção de Preciado é apontar para o caráter de regulação do aparato somático corporal do trabalho, por meio da excitação-frustração. Temos uma relação na qual o masturbador universal (sujeito hétero, cismasculino e branco) frui da excitação oferecida por sujeitos subalternizados (corpos racializados, feminizados e/ou infantilizados), até que se frustre novamente e busque um novo estímulo para sua excitação, ainda a partir do trabalho (*potentia gaudendi*) oferecida por esses corpos. Esse movimento tem como consequência, portanto, a construção do entendimento do que é trabalho e possui efeito na subjetividade dos corpos, que é modificada e alterada de acordo com as representações e as substâncias as quais lança mão para suplementar seus corpos e suas subjetividades. É certo que, para levar em consideração os apontamentos de Preciado, precisamos ter em mente a seguinte ressalva:

Hardt e Negri, relendo Marx, mostraram que ‘durante os séculos XIX e XX a economia Global se caracteriza pela hegemonia do trabalho industrial, mesmo se, em termos quantitativos, o trabalho industrial continua a ser menor em comparação com outras formas de produção, como agricultura’. O trabalho industrial torna-se hegemônico em virtude do seu poder de transformação sobre qualquer outra forma de produção. Da mesma forma, a produção farmacopornográfica define hoje uma nova era da economia política mundial,

não por sua supremacia quantitativa, mas porque o controle, a produção e a intensificação dos afetos narcossexuais tornaram-se modelo para todas as outras formas de produção. Assim o controle farmacopornográfico se infiltra e domina todo o fluxo de capitais, desde a biotecnologia agrária até a indústria high-tech da comunicação. Neste período de gestão técnica do corpo, a indústria farmacopornográfica sintetiza e define um modo específico de produção e consumo, uma temporalização masturbatória da vida. (Preciado, 2018, p. 43)

Embora o capitalismo farmacopornográfico tenha se tornado hegemônico, isso não significa que não existam outras formas de trabalho sendo exercidas ao redor do globo, sobretudo entre os países do terceiro mundo, que remonta a formas de exploração de períodos anteriores ao neoliberalismo. Os processos que permitiram a apropriação dos recursos materiais e subjetivos dos corpos racializados e feminizados não surgiram especialmente nessa nova dobra do capitalismo cognitivo, mas esses processos atuais se somam às políticas que remontam a séculos de exploração e são constantemente atualizados através de dispositivos ainda presentes no cotidiano.

Embora a prostituição seja famosa por ser ‘a profissão mais antiga do mundo’, é difícil dizer que houve qualquer avanço no debate quanto ao estatuto da profissão. Ainda precarizada por conta dos estigmas e da falta de regulamentação, a prostituição e o consequente mercado pornográfico operam como ponta de lança da nova dobra do neoliberalismo num complexo que atualiza o passado e inventa o futuro das demais relações de trabalho.

Preciado elege o termo farmacopornográfico como sintetizador da nova subjetividade produzida pelo regime neoliberal, no qual *fármaco* se refere à dimensão biomolecular desse regime e o *pornográfico* à dimensão semiótico-técnica. Na nova dobra, o capitalismo opera a partir de um duplo movimento de excitação-frustração, movimento refinado para manter o desejo preso em suas tramas, sempre buscando algo para consumir, gozar, se frustrar e ir atrás do novo objeto. Para Preciado, o novo sujeito hegemônico é aquele que detém mais meios de consumir a excitação oferecida por corpos que, no mercado de ofertas, buscam se destacar como aqueles que têm a maior capacidade de corresponder aos desejos desse sujeito. E isso não se refere apenas a pessoas na prostituição, como nos mostra o autor:

A pornografia reúne as mesmas características que qualquer outro espetáculo da indústria cultural: performance, virtuosismo, dramatização, espetacularização, reprodutibilidade técnica, transformação digital e distribuição audiovisual. A única diferença no momento é sua condição *underground*. [...] A indústria pornográfica é para a indústria cultural e do espetáculo o equivalente ao que o tráfico ilegal de drogas é para a Indústria Farmacêutica. Isso representa apenas os dois motores ocultos do capitalismo do século XXI. A produção farmacopornográfica funciona em uma ambivalência: É um aspecto oculto e marginal da indústria cultural contemporânea, mas é também o paradigma de qualquer outro tipo

de produção pós-fordista. No capitalismo *übermaterial*, toda forma de produção oferece benefícios na medida em que se aproxima do modelo de produção farmacopornográfica. (Preciado, 2018, p. 283)

Censurar a pornografia, proibir a comercialização de drogas ou a venda do próprio sexo, não contribui para a emancipação dos corpos envolvidos nessas atividades. Pelo contrário: essas atividades continuarão a ser exercidas, mas na marginalidade, longe do amparo e da proteção legal. É preciso que nos questionemos, sem falso moralismo, a vida de quem estamos melhorando quando nos colocamos contra a prostituição. A das prostitutas? É claro que não. Se quisermos lutar por melhorias para essa classe, lutemos pela regulamentação da profissão. Se quisermos realmente acabar com a opressão, aí sim: lutemos pelo fim do capitalismo.

CONCLUSÃO

Se no primeiro momento a crítica feminista à máxima “sexo é trabalho” foi apresentada como um horizonte possível de análise, ela se modifica quando o inverso também é considerado por Preciado (“trabalho é sexo”), caminhando para uma fronteira borrada entre os dois enunciados. No paradigma proposto pelo autor, a exploração capitalista se dá através da pornificação do trabalho, no qual o corpo das trabalhadoras e dos trabalhadores – mas também seus processos subjetivos – estão à serviço da produção de excitação-frustração. Então, se deixarmos de moralismos, poderemos ver que caminhamos para um cenário de indistinção da exploração entre as/os trabalhadoras/es do sexo e as/os demais trabalhadoras/es, igualmente cafetinadas/os, exploradas/os e espoliadas/os – todas/os enredadas/os nas tramas da nova dobra do capitalismo.

Nem mesmo o ejaculador-universal, no topo dessa cadeia, está livre de servir aos desígnios farmacopornográficos. Mesmo os mais ricos como Elon Musk e Jeff Bezos estão operando sua dessubjetivação em prol da suplementação de seus corpos e à procura de excitação-frustração-excitação. Mas, diferentemente das demais pessoas nessa estrutura que somam ainda formas de opressão que remontam aos arranjos anteriores do capitalismo, os mais ricos sofrem “apenas” com a despossessão farmacopornográfica. Sendo assim, Preciado resume o funcionamento dessa estrutura da seguinte maneira:

A excitação pornográfica está estruturada segundo o bumerangue: prazer-na-dessubjetivação-do-outro/ prazer-na-dessubjetivação-do-eu: assistir a um sujeito que não pode controlar a força de sua produção sexual (*potentia gaudendi*) e vê-lo no exato momento em que renuncia esta força em benefício de um espectador todo-poderoso (a pessoa que o assiste) que, por sua vez, por meio da representação, veja-se dessubjetivado reduzido a uma resposta masturbatória. [...] A pornografia diz a verdade *performativa* sobre a sexualidade

não por ser o grau zero da representação, mas porque revela que a sexualidade é sempre performance, prática pública de uma repetição regulada, uma encenação, bem como um mecanismo involuntário de conexão ao circuito global de citação-frustração-excitação. (Preciado, 2018, p. 286)

O espectador-todo-poderoso é o sujeito cisheteromascuino, rico e branco. Ao passo que ele é o sujeito hegemônico e consumidor da *potentia gaudendi* de outras/os trabalhadoras/es subalternizadas/os, ele não é necessariamente o único consumidor de pornografia. É preciso não confundir as duas coisas: temos aqui o aspecto da pornografia enquanto produto da indústria do entretenimento, e a pornografia enquanto paradigma político da nova dobra do capitalismo no modo de produzir e demandar. Portanto, se as críticas à pornografia acabam recaindo na cisheteronormatividade em suas análises é porque ficam restritas a esse aspecto, no qual imagens pornográficas estão em uma relação causal com a produção de normas para os indivíduos. As críticas a esse modelo precisam ocorrer de maneira a não se fechar apenas em sua negatividade, como se fosse o único modelo representacional possível. Elas devem expor como se dá esse modo hegemônico de fazer pornografia e a consequente produção de subjetividades, explicitando seu caráter de construção a partir da performance heterossexual eternamente reencenada. Assim, se os códigos de representação de gênero acabam regulando as práticas corporais apresentadas, esses mesmos códigos podem ser reorganizados em outras representações provocando uma “inversão epistemológica, um deslocamento radical do sujeito de enunciação pornográfica” (Preciado, 2018, p. 289). Segundo o autor:

Aqueles que foram objetos passivos do olhar pornográfico e disciplinador (mulheres, atores e atrizes pornôs, putas, bichas e sapatonas, pervertidos etc) se tornam sujeitos da representação, questionando, desse modo, os códigos estéticos e somatopolíticos que tornavam visíveis os corpos e práticas sexuais e que produziam a impressão de estabilidade natural nas formas de fazer sexo nas relações de gênero. Esta crítica abre uma brecha na história da representação da sexualidade, transformando as técnicas pornográficas em campo de intervenção política. (Preciado, 2018, p. 289)

Se a heterossexualidade nos é apresentada como a única possibilidade de vida, ela só o é a partir de um controle que impõe limites na representação do sexo, apresentando códigos de gênero e sexualidade a partir de mecanismos que um dia foram tomados como universais. É certo que a pornografia é um espaço onde muitos abusos são produzidos, reproduzidos e disseminados; é certo que a pornografia tem o poder de definir papéis de dominação e de subalternidade; é certo que existe a prostituição compulsória e que a pornografia é capaz de registrar e eternizar esse momento de vulnerabilidade. Mas queremos sublinhar, mais uma vez, que não é somente nesses espaços – da prostituição e da porno-

grafia – que podemos encontrar cenas de abuso, assujeitamento e dominação. Essas cenas estão disseminadas por toda parte e é necessário uma mudança mais radical na estrutura se quisermos realmente lidar com esses problemas. Não adianta censurar a pornografia e proibir a prostituição: essas são apenas formas de jogar esses corpos ainda mais para as periferias do capitalismo.

Nas ruínas do neoliberalismo, parece que a melhor saída para esse mundo cão é ter o poder de definir o preço do nosso tempo e produzir os discursos sobre os nossos corpos. Nesse sentido, a pornografia desponta como um campo em disputa que pode deixar de ser visto como necessariamente pernicioso e se aliar à construção de outros imaginários. Se ela tem o poder de nos aprisionar na cadeia de reprodução de papéis e na produção de frustração, talvez resida nela mesma a chave para o vislumbre de outras relações possíveis. Gozar se torna um exercício de imaginação política no qual novas imagens e, consequentemente, novas subjetividades, podem ser construídas.

BIBLIOGRAFIA

- DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. Tradução: Márcia Bechara. 2ª edição. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- DINES, Gail. *Como a pornografia cria o cliente? Pornografia, tráfico de mulheres e a construção social da masculinidade*. Tradução: Carol Wojtyla, 2018. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/como-a-pornografia-cria-o-cliente-831f8ebdbc23>. Acesso em: 06/03/2024.
- ELIS REGINA e Maria Rita cantam juntas no polêmico filme da Volkswagen. *Terra*, 5 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/mobilidade/carros/videos/elis-regina-e-maria-rita-cantam-juntas-no-polemico-filme-da-volkswagen,5cc159b2827e0a825f8f20194876491d8w0b266l.html>. Acesso em 22/07/2024.
- FEDERICI, Silvia. Por que sexualidade é trabalho? (1975) In.: *O Ponto Zero da Revolução: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- UNIVERSITÁRIO descobre que tem aulas online com professor morto desde 2019. *O Tempo*, 4 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/mundo/universitario-descobre-que-tem-aulas-online-com-professor-morto-desde-2019-1.2443577>. Acesso em 22/07/2024.
- WITTIG, Monique. O pensamento hétero (1978) In.: *O pensamento hétero e outros ensaios*. Tradução: Maíra Mendes Galvão. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
-

HIPER-SUJEITOS TOXICOPORNÔGRÁFICOS: A SUPERAÇÃO DO NEOLIBERALISMO PELA MICROPOLÍTICA DA DESINTOXICAÇÃO DO DESEJO EM PAUL PRECIADO

Pedro Ricardo Souza Morais¹

RESUMO

A transição para o capitalismo pós-disciplinar marca a constituição de um novo tipo de subjetividade. O sujeito moderno encontra sua falência, surge o hiper-sujeito farmacopornô majorado em suas capacidades pelas substâncias fisiológicas e comunicacionais, esse é o sujeito da extração de forças quase absoluta. Assim, a tendência predatória autossuperante que caracteriza a dinâmica capitalista encontra no neoliberalismo uma aceleração que em breve alcançará seu limite ambiental e humano. O objetivo deste artigo é, nesse sentido, a análise dos modos de subjetivação pós-disciplinares e as possibilidades de desintoxicação do desejo viciado no capitalismo.

PALAVRAS-CHAVE

Preciado; subjetividade; neoliberalismo; micropolítica; pornografia.

ABSTRACT

The transition to post-disciplinary capitalism marks the constitution of a new type of subjectivity. The modern subject encounters its bankruptcy, giving rise to the pharmacopornographic hyper-subject magnified in its capacities by physiological and communicational substances; this is the subject of almost absolute force extraction. Thus, the self-surpassing predatory tendency characterizing capitalist dynamics finds in neoliberalism an acceleration that will soon reach its environmental and human limit. The objective of this article is, in this sense, the analysis of post-disciplinary modes of subjectivation and the possibilities of detoxification from desire addicted to capitalism.

KEYWORDS

Preciado; subjectivity; neoliberalism; micropolitics; pornography.

¹ Mestrando em Ética e Filosofia Política no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGFIL-UFSC).

INTRODUÇÃO

“O corpo vivo está prestes a explodir” (Preciado, 2023, p. 56). As técnicas pós-disciplinares de subjetivação estão chegando a um limite. A pretensão ilusória de crescimento infinito do capitalismo em breve encontrará seus limites materiais (ecológicos) e humanos. Contudo, desde já, os sujeitos apresentam sintomas de disforia: as experiências de vida no neoliberalismo representam a socialização do desespero, a cisão abissal entre esforço e remuneração, a experiência ontológica e generalizada do fracasso e da depressão. O sujeito-moderno já está extinto, o hiper-sujeito do neoliberalismo apresenta sinais de falência. Por outro lado, o mundo em disforia pode significar a transição do marco epistêmico do capitalismo pós-disciplinar para um “novo regime ainda balbuciante que se forja através de atos de crítica e desobediência política” (Preciado, 2023, p. 27).

Assim, nosso objetivo nesse artigo é analisar as sutilezas da constituição da subjetividade do poder através de seus investimentos sensoriais sobre o corpo e, a partir disso, analisar as consequências políticas dos processos pós-disciplinares de subjetivação como processos de exploração das forças dos corpos. Além disso, é preciso pensar as possibilidades de resistências a esses processos de aparente determinação dos sujeitos a partir de práticas de [pós] liberdade criativas e ancestrais que sejam capazes de realizar uma transição epistêmica micropolítica mundial, um curto circuito, a superação da disforia como superação do capitalismo em favor dos corpos subalternos, feminizados, racializados, estigmatizados e anormalizados.

Desse modo, em um primeiro momento trataremos da transição pós-disciplinar dos processos de subjetivação na qual o poder penetra a pele dos sujeitos constituindo os hiper-sujeitos toxicopornográficos como fonte quase infinita de mais-valor. Em seguida, analisaremos a constituição do meio virtual como uma substância semiótica fixada no seio da estética da saturação farmacopornográfica e sua relação com o princípio de adição do sujeito para com o sistema que o constitui. Por fim, pensaremos a relação entre a constituição do desejo como estratégia do poder para a despolitização dos sujeitos, bem como a urgência de práticas de desintoxicação do desejo que visem sua autonomização em relação ao capital por meio da produção estratégica de novos [pós]sujeitos, novas linguagens e novos afetos.

O HIPER-SUJEITO FARMACOPORNOGRÁFICO

Pensar a relação entre o corpo e o poder é traçar um itinerário genealógico do investimento e exploração do corpo e de suas forças segundo o critério da geração de lucro, pois, como afirma Foucault, o “investimento político do corpo está ligado [...] à sua

utilização econômica” (Foucault, 2014, p. 29). Desse modo, em sua análise sobre o poder disciplinar, Foucault destaca a dinâmica disciplinar como a busca pelo gesto eficiente, pela gestão mais útil das forças dos corpos assujeitados no contexto microfísico da mecânica dos gestos e da óptica do olhar do vigia que gerencia as punições e congratulações de acordo com a norma disciplinar.

Nesse sentido, o corpo útil é aquele que não desperdiça suas forças, mas que as direciona para as ações desejadas pelo poder. O corpo, dessa forma, torna-se o operante dos interesses do poder pelo critério da norma e da punição. É por isso que a caçada pelas subjetividades anormais se instaura, é o desperdício das forças que prejudica a dinâmica do capitalismo disciplinar. O casal heterossexual é fixado como norma no seio da família burguesa (Foucault, 2022); a masturbação se torna alvo de cruzadas morais (Foucault, 2010), o sexo é regulado por todo um conjunto característico de discursos que circulam dentro de regimes de verdade.

Foucault, portanto, adota uma compreensão heterodoxa das relações de poder, pois um poder repressivo dificilmente realiza seus intentos sem resistências, ao passo que um poder que produz as subjetividades as quais assujeita apresenta tecnologias mais refinadas de dominação do desejo e das forças dos corpos. Assim, o poder na compreensão foucaultiana é algo que “permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (Foucault, 2014, p. 45); é poder constitutivo pois, antes mesmo de reprimir, constitui as subjetividades através dos discursos, dos saberes e da norma.

É preciso destacar a relação que se configura entre a subjetividade – compreendida como valores, modos de agir, modos de desejar, modos de odiar – e a materialidade dos investimentos do poder através da norma, da utilidade e da moralidade. Os sujeitos são a fonte de lucro do poder, afinal são produzidos para a majoração de sua própria exploração; de modo que, para compreender as relações entre subjetividade e poder, tomamos os processos de subjetivação como processos em que o humano torna-se sujeito útil, dócil ao poder. Foucault desenvolve uma sexopolítica do biopoder (Preciado, 2011), ou seja, circunscreve o sexo no seio dos interesses do poder em relação ao governo das populações. Segundo Preciado (2023, p. 107), “a tarefa mesma da ação política é fabricar um corpo, pô-lo pra trabalhar, definir seus modos de reprodução, prefigurar as modalidades do discurso através das quais esse corpo se ficcionaliza até ser capaz de dizer ‘eu’”. É, portanto, o poder que constitui a unidade do sujeito segundo seus intentos.

É a partir dessa herança conceitual que Paul B. Preciado desenvolve seu pensamento, afirmando “que à história da sexualidade iniciada por Foucault devemos acrescentar vários capítulos” (Preciado, 2011, p. 12). A questão premente é a mudança nas dinâmicas

de funcionamento do poder e, conseqüentemente, de sua ingerência nos processos de subjetivação após a Segunda Guerra Mundial:

é possível esboçar um novo mapeamento das transformações da produção industrial durante o último século, usando como eixo a gestão política e técnica do corpo, do sexo e da sexualidade. [...] a transição para um terceiro tipo de capitalismo(...) emerge das ruínas urbanas, psíquicas, fisiológicas e ecológicas da Segunda Guerra Mundial. (Preciado, 2018, p. 26-27)

Assim sendo, os investimentos do poder e a extração da força dos corpos adquirem novas formas no capitalismo pós-disciplinar. Se no regime disciplinar o poder se ocupava dos gestos, movimentos, aplicação e não aplicação das forças e do gesto útil, o capitalismo pós-industrial se estabelece através do fluxo de substâncias e imagens, de informações e códigos de subjetividade que atravessam a pele do humano para constituí-lo fisiologicamente.

As subjetividades toxicopornográficas (Preciado, 2018) se definem em relação com as substâncias químicas e semiótico-comunicacionais que circulam em seu metabolismo; são movidas pelos desejos farmacopornográficos que constituem o sujeito enquanto agente do sistema. “Assim falaremos de sujeitos Prozac, sujeitos-cannabis, sujeitos-cocaína, sujeitos-álcool, sujeitos ritalina, sujeitos-cortisona, sujeitos-silicone, sujeitos-heterovaginais, sujeitos-dupla-penetração, sujeitos-viagra, sujeitos-dinheiro” (Preciado, 2018, p. 38). É esse o regime pós-industrial, global e midiático: o regime farmacopornográfico (Preciado, 2018), conceito que articula dois modos de organização da exploração-constituição da subjetividade: o farmacopoder e o pornopoder.

A monopolização das técnicas e saberes farmacológicos concentra o domínio sobre os modos de subjetivação (substâncias farmacológicas) nas mãos da indústria farmacêutica pós-capitalista. O farmacopoder como monopólio simbólico e químico da subjetividade faz circular e impede a circulação de substâncias produtoras da subjetividade como os hormônios, inventados a partir da teoria comunicacional como a compreensão do corpo enquanto sistema de informações (Preciado, 2018). A descoberta e sintetização dos hormônios codificados como sexuais – testosterona e estrogênio – constituem um novo passo na gestão farmacopornô da subjetividade; assim como a comercialização do Viagra como uma prótese molecular normativa de masculinidade viril (Preciado, 2018) e da pílula anticoncepcional como esforço da eugenia malthusiana contra os corpos não-brancos e desviantes (Preciado, 2018), atuando como uma técnica de controle de gênero e raça (Preciado, 2018).

A espetacularização da sexualidade enquanto fenômeno que atravessa o âmbito priva-

do para o público é o que constitui a pornografia como matriz da qual toda indústria cultural deseja usufruir, paradigma desejado de produzir o máximo de excitação (=lucro), mas sem a marginalização da pornografia (Preciado, 2018). O pornopoder se caracteriza como o *modus operandi* da produção comunicacional farmacopornográfica. Trata-se de construir ciclos de excitação-frustração-excitação através dos estímulos de um espectador dessubjetivado. É essa a dinâmica da pornografia-masturbatória, a dessubjetivação do espectador que, hipnotizado pelo estímulo penetratório-pornô, reduz-se a uma resposta masturbatória (Preciado, 2018). O *wanna be* da indústria cultural, e da dinâmica pós-disciplinar em geral, é obter a maior resposta de gozo com o menor estímulo, ou seja, a incorporação da dinâmica pornográfica como funcionamento interno impune.

A circulação dos fluxos farmacopornográficos se dá em vista da extração sempre maior e mais eficiente da *potentia gaudendi* pelos ciclos de excitação-frustração-excitação:

Vamos ousar, então, e elaborar as seguintes hipóteses: as matérias-primas « do processo produtivo atual são a excitação, a ereção, a ejaculação, o prazer e o sentimento de autossatisfação, controle onipotente total destruição. O verdadeiro motor do capitalismo atual é o controle farmacopornográfico da subjetividade, cujos produtos são a serotonina, o tecnossangue e os hemoderivados, a testosterona, os antiácidos, a cortisona, o tecnoesperma, os antibióticos, o estradiol, o tecnoleite, o álcool e o tabaco, a morfina, a insulina, a cocaína, os óvulos vivos, o citrato de sildenafil (Viagra) e todo complexo material e virtual que participa da indução de estados mentais e psicossomáticos de excitação, relaxamento e descarga, e também no controle total e onipotente. (Preciado, 2018, p. 42)

O poder, portanto, toma formas ainda mais microscópicas e refinadas de constituir o sujeito. A partir disso, Preciado introduz a noção de *potentia gaudendi* como “a potência de excitação de um corpo” (Preciado, 2018, p. 44) que se constitui como principal alvo do capitalismo pós-disciplinar. Contudo, apesar da possível associação apressada com a semântica sexual, a força orgásmica é uma potência indeterminada que ultrapassa as noções de gênero e a codificação que elege certos órgãos como sexuais, “de modo que o pênis não possui mais força orgásmica do que a vagina, do que o olho ou o dedo do pé” (Preciado, 2018, p. 45). É essa a força de trabalho do capitalismo farmacopornográfico, força maleável que requisita todos os esforços somáticos e psíquicos, os recursos bioquímicos, e estruturas da mente.

A *potentia gaudendi* é a transformação do mundo em prazer que busca sua própria extensão no espaço e no tempo, visto que é um acontecimento que não pode ser possuído, sendo a força “mais abstrata e mais material das forças de trabalho” (Preciado, 2018, p. 46). Desse modo, o que está em jogo são as possibilidades infinitas de exploração dessa

potência; o trabalhador da fábrica disciplinar é explorado no intervalo em que vende sua mão de obra por salário, o novo trabalhador molecular-farmacopornô não deixa de ser explorado enquanto está acordado: seu smartphone gera lucro às custas de sua força orgásmica através dos milhões de estímulos semióticos aditivos que fazem girar a dinâmica da ordenha farmacopornográfica (excitação-frustração excitação), tudo isso como trabalho não remunerado. E ainda dormindo, pois só pode descansar [leia preparar-se para ser mais explorado] sob o efeito de clonazepam, diazepam, zolpidem, trazodona, alprazolam. Extração de mais-valor à enésima potência.

O corpo vivo enquanto possibilidade do acontecimento da força orgásmica é a interface em que a excitação é tecnoproduzida por corpos ausentes, presenciais ou virtuais. Contudo, a possibilidade geral de excitação não deve ser entendida como força energética renovável infinita, mas como um recurso cuja exploração majorada não se dá sem consequências ao sujeito. Assim, delinea-se um horizonte de sujeitos exauridos, bombardeados de estímulos de excitação, nos quais produz-se, incansavelmente, desejo e falta. É esse o limite humano do capitalismo pós-disciplinar cuja fronteira tem sido forçadamente expandida. A exploração demanda das forças do sujeito até um limite; o qual é aumentado artificialmente pelas tecnologias farmacopornográficas: os sistemas semiótico-comunicacionais [terapêuticos] da subjetividade e as próteses fisiológico-químicas. O limite humano do capital é expansível, mas tal alargamento não se dá sem prejuízos aos sujeitos.

Segundo Safatle (2020), os processos de subjetivação neoliberais procedem pela internalização da racionalidade empresarial-administrativa que coloca o sujeito como um empresário de si mesmo, pela generalização de princípios como performance, investimento, rentabilidade, posicionamento (Safatle, 2020). Assim, o neoliberalismo não deve ser entendido apenas como racionalidade econômica, mas como gestão da subjetividade em sua capacidade de criar sofrimento por meio de projetos inalcançáveis. A dor do sujeito neoliberal é sua exploração e incapacidade, mascarada pela autorresponsabilização por seus fracassos; o que possibilita a eficácia de modos de governabilidade enraizados psicologicamente (Safatle, 2020).

Nesse sentido, podemos dizer que modelos socioeconômicos são modelos de governo e gestão social de subjetividades, por isso, não podem ser compreendidos sem sua capacidade de instauração de comportamentos e modos de subjetivos de autorregulação. Eles não podem ser elucidados sem a gestão de uma psicologia que lhes é inerente. (Safatle, 2020, p. 33)

Portanto, a gênese de uma nova subjetividade, atravessada por essas tecnossustâncias simbólicas neoliberais, exige a criação de uma nova gramática social do sofrimento, pois,

como afirma Safatle (2020, p. 33), “o sofrimento psíquico guarda uma dimensão de expressão de recusa e de revolta contra o sistema social de normas”, e, ainda: “a disciplina social neoliberal deve anular tal dimensão de revolta que se exprime no sofrimento psíquico” (Safatle, 2020, p. 34). Desse modo, a gestão do sujeito neoliberal é, em outras palavras, gestão de sua dor e cansaço, de sua excitação e frustração:

O circuito de produção, consumo e distribuição legal e ilegal de OxyContin e outros opiáceos é paradigmático da economia farmacopornográfica: trata-se de transformar a indaptação ao capitalismo petrossexoracial² em disforia, a disforia em dor, a dor em adição, a adição em capital, o capital em prazer, o prazer em dor, a dor em adição, a adição em disforia... num círculo infinito. (Preciado, 2023, p. 354)

Assim, como sintoma da gestão do sofrimento, Safatle aponta as categorias clínicas como “tecnologias de intervenção na estrutura psíquica a partir de valores” (Safatle, 2020, p. 35), de modo que novas categorias clínicas criam novas possibilidades de performance e identificação.

Isso posto, a análise do surgimento da depressão como categoria clínica revela a introdução da polaridade possível/impossível na gramática subjetiva, a qual se constitui em virtude do movimento em que “o modelo disciplinar de gestão de condutas cede lugar a normas que incitam cada um à iniciativa pessoal” (Safatle, 2020, p. 41). A partir dessa compreensão, a depressão parece se caracterizar como categoria clínica da frustração, do fracasso, da impossibilidade de lidar com a exploração de forças do sistema. A depressão como um sintoma direto do neoliberalismo, como “tragédia implosiva da insuficiência e da inibição” (Safatle, 2020, p. 42).

Ao encontro disso, Preciado (2023, p. 355) afirma que “existe uma relação estrutural entre a captura neoliberal dos afetos e a transformação da depressão e da ansiedade em pandemias globais”. Portanto, a depressão aparece como fenômeno do limite humano do capital, como a falha em assimilar a racionalidade econômica como síntese da personalidade a partir das categorias neoliberais de desempenho, performance e realização de demandas (Safatle, 2020).

Assim, a ordenha farmacopornô como exploração dos ciclos de excitação-frustração-excitação deve ser entendida como a gestão subjetiva da dor e do prazer. Enquanto na dinâmica disciplinar a dor e o prazer são movimentos que estimulam a produção através das categorias de punição e benefício em vista do gesto útil, a dinâmica pós-disciplinar

² O conceito “petrossexoracial” é usado em *Dysphoria mundi: O som do mundo desmoronando* como maneira de caracterizar o regime pós-disciplinar em sua exploração dos recursos físicos do ambiente através da queima de combustíveis fósseis como combustível do desenvolvimento; mas também da exploração dos corpos subalternos através da marcação que expropria o poder dos corpos marcados pelas categorias de gênero, sexo e raça.

engendra a lucratividade tanto no prazer quanto na dor, em um princípio axiomático em que o sujeito se insere na dinâmica: existo, logo produzo [lucro para outrem]. A dor pede anestesia. Como afirma Safatle: “o fundamento atual da nossa tecnologia de intervenção clínica é farmacológica, a configuração das categorias tenderá a ter a conformação do espectro de atuação do fármaco em questão” (Safatle, 2020, p. 36). Delineia-se assim o horizonte da morte do sujeito moderno, com nascimento do hiper-sujeito adicto/anestesiado/extenuado/esgotado/exaurido/super produtor de lucro [a outrem]. É esse o [hiper] sujeito tóxicopornô:

cuja vida (condição técnica mais do que puramente biológica), carente de direitos de cidadania, autoria e ao trabalho, é construída por e sujeita a midiaticização global e autovigilância. E tudo isso no centro das nossas democracias pós-industriais, em que não há necessidade alguma de recorrer ao modelo distópico do campo de concentração ou de extermínio - facilmente denunciável como dispositivo de controle - para descobrir a tecnovida nua, parte de um ‘bordel-laboratório global integrado multimídia’ em que o controle dos fluxos e dos afetos se realiza sob a forma pop da excitação-frustração. (Preciado, 2010, p. 53)

HEROÍNA SISTÊMICA: A ADICÇÃO COMO DIAGNÓSTICO

O capitalismo pós-industrial funciona como um processo extrativista ultra predatório que, em sua tendência infinita à autossuperação, precisa de “uma massa de corpos subalternos submetidos a segmentações de espécie, sexo, gênero, classe e raça” (Preciado, 2023, p. 42). Assim, o sacrifício de corpos animais, feminizados, racializados, infantis, estrangeiros e anormais e a destruição de espaços coloniais e periféricos (Preciado, 2023) é o *modus operandi* do capital. O sacrifício dos sujeitos se dá não apenas pela exploração precarizada do trabalho, mas também pelo modo de organização sensorial do espaço social e virtual, em outras palavras, para fazer a força orgásmica do corpo trabalhar; é então criada uma estética petrossexoracial:

um regime de saturação sensorial e cognitiva de captura total do tempo e de ocupação expansiva do espaço, uma habituação ao ruído mecânico, ao cheiro de poluição, à plastificação do mundo, à superprodução e à abundância consumista, ao fim de semana no supermercado, à carne moída, ao suplemento de açúcar (...) definitivamente um gosto pelo tóxico e um prazer inerente à destruição. (Preciado, 2023, p. 43)

Assim, Preciado afirma a estética como um “mundo sensorial compartilhado, mas também uma consciência subjetiva capaz de decodificá-lo e entendê-lo” (Preciado, 2023, p. 44) e ainda como uma “articulação entre a organização social da vida, a estrutura da percepção e a configuração de uma experiência sensível compartilhada” (Preciado, 2023,

p. 42) que se consolida pela regulação política dos aparatos sensoriais do corpo vivo (Preciado, 2023). Destaca-se aqui a estratégia política da sobrecarga dos sentidos do sujeito através de estímulos sensoriais veiculados através do espaço físico-social-publicitário mas também do espaço virtual cuja internet e as redes sociais se transformaram em tecnologias centrais de governo e sujeição (Preciado, 2023).

Assim sendo, interessa-nos o modo como esse espaço virtual aparentemente externo e alheio ao sujeito desencadeia nele reações químicas que fazem girar a equação da ordenha farmacopornográfica (excitação-frustração-excitação). Essa constatação tende à compreensão de uma incorporação do mundo virtual à subjetividade como prótese de identidade, como “um fluxo que nos atravessa” (Preciado, 2023, p. 68) e como uma “substância eletrônica que o cérebro contemporâneo consome” (Preciado, 2023, p. 68). A substância eletrônica é o equivalente ao novo ópio da subjetividade toxicopornô, a e-roína.

Os limites entre o virtual e o físico se confundem ainda mais a partir da criação do *smartphone* como prótese-cibernética que une duas realidades do corpo, o corpo anatômico e o corpo virtual em uma terceira categoria de corpo: o telecorpo. Tal modalidade de existência constitui a integração entre as realidades virtual e física. O sujeito contemporâneo é um teleciborgue que habita ambas através de modos de expressão próprios, múltiplos e possivelmente conflitantes. Desse modo, pode-se afirmar que as relações entre o real e o virtual estão se invertendo, uma vez que, a partir da primeira década do século XXI, a virtualidade passa a ter maior caráter de real que o próprio real (Preciado, 2023), com a constituição da i-realidade como “um espaço de sentido construído cibernética e bioquimicamente no qual é possível viver - e morrer” (Preciado, 2023, p. 141). Postular a união entre as realidades real e virtual é como superar um segundo dualismo cartesiano: o corpo anatômico do real e o corpo virtual da internet são um só telecorpo na i-realidade.

Como ápice desse movimento, o corpo pandêmico, ao ser confinado, foi digitalizado à força. Para esse corpo, “a conexão é a forma primária de existência” (Preciado, 2023, p. 302). Isso posto, não se pode considerar em separado a existência real e virtual do corpo vivo, pois o bombardeio sensorial que o atinge em ambas não tem suas consequências delimitadas às suas respectivas esferas de acontecimentos. Desse modo, os acontecimentos digitais – *pop-ups*, *ads*, vídeos curtos ultrasensoriais, múltiplos estímulos simultâneos na tela – têm consequências fisio-químicas na instância do corpo anatômico que caracterizam o estado de adicção no qual vive o sujeito farmacopornô.

A partir da compreensão desse novo paradigma do mundo virtual como substância e nova modalidade de existência, Preciado desenvolve a ideia do sujeito contemporâneo como preso entre duas forças: a dívida e a adicção (Preciado, 2023). A adicção às tecno-

logias farmacopornográficas, isto é, às substâncias fisio-químicas e semio-publicitárias-pornográficas, constituem o sujeito pós-disciplinar como um sujeito adicto ao sistema capitalista. Desse modo, o capitalismo como o monopólio da gestão das tecnologias de produção da subjetividade funciona, ele próprio, como uma substância a qual esses sujeitos são viciados.

Somos corpos perpetuamente endividados e adictos das formas de consumo e distribuição de energia específicas do capitalismo colonial de reprodução patriarcal (petróleo, carvão, gás, glicose, álcool, café, fármacos, tabaco, etc) e cibernética: códigos semióticos, informação, linguagem e imagens em movimento que se difundem e entram em nosso corpo através de circuitos eletroquímicos... mais, mais, mais. Sempre demais. Nunca suficiente. (Preciado, 2023, p. 72)

A subjetividade adicta é aquela para a qual a liberdade é uma ilusão (Preciado, 2023). Para governar corpos livres é preciso assujeitá-los à adicção despolitizada. Assim, o vício ao capital não deve ser compreendido como um efeito colateral, mas como o eixo de funcionamento do sistema desejante farmacopornô. O capitalismo pós-disciplinar gere os afetos, coloniza o desejo, capitaliza a dor.

Com isso, o que se delinea é o esgotamento do sujeito. A tendência autossuperante *ad infinitum* do capital deve encontrar seus limites humanos após encontrar os limites reais da subjetividade. “A subjetividade moderna talvez já não seja suficiente para resistir a esta torsão” (Preciado, 2023, p. 325).

O DESEJO SEQUESTRADO E SUA DESINTOXICAÇÃO

O capitalismo pós-disciplinar, através da monopolização dos meios de produção da subjetividade, constitui hiper-sujeitos para a majoração da extração da força orgásmica. É preciso, portanto, pensar o desejo e sua relação com a dinâmica da ordenha pornográfica, isto é, o modo como a constituição da subjetividade – de seus modos de vida, de morte e de desejar – é condição de possibilidade da manutenção e ampliação da exploração dos sujeitos. Desse modo, o desejo figura como alvo importante das tecnologias do poder, cuja submissão e adequação garantem a expansão dos limites humanos e a menor resistência das massas.

Sobre isso, Deleuze e Guattari afirmam que “o capitalismo não para de afastar seu limite ao mesmo tempo que tende a ele” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 53). Assim, para apoiar tal tendência, a desterritorialização e a descodificação dos fluxos do desejo visam a extração da mais-valia garantida pela intervenção que “reterritorializa à força” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 53).

Ele [capitalismo] não para de se aproximar do seu limite, que é um limite propriamente esquizofrênico. (...) Ir sempre mais longe na tendência, a ponto do capitalismo se lançar na lua com todos os seus fluxos: nós, na verdade, ainda não vimos nada. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 52)

O que se destaca é a ideia do desejo como produzido materialmente, organizado em seus fluxos para que o sujeito funcione como organismo útil. Deleuze e Guattari (2011, p. 62) caracterizam a produção desejante como “multiplicidade pura [...] afirmação irreduzível à unidade”; a qual é neurotizada pela edipianização do inconsciente como organização violenta que, contudo, não é capaz de calar “o clamor da produção desejante” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 94-95).

Ao encontro disso, Safatle (2020) caracteriza o sujeito neoliberal como aquele que consegue estruturar sua personalidade tendo como eixo as ilusões de unidade, autonomia, individualidade, de modo que a multiplicidade da vida psíquica seja excluída. Desse modo, o esquizofrênico aparece como sujeito não-funcional pois a normalidade tem como princípio “a unidade sintética da personalidade” (Safatle, 2020, p. 43).

Preciado (2022, p. 27), por sua vez, afirma que “o desejo não é uma verdade dada, mas um campo social fabricado que pode ser modificado com o uso das ferramentas da metáfora e da imaginação, da poesia e da experimentação somática”. Assim, o desejo é “fabricado a serviço da produção de capital e da reprodução heterossexual e racial” (Preciado, 2023, p. 516). O problema do desejo capitalista, portanto, é o problema de sua produção, da organização de sua multiplicidade como violência ao sujeito; de modo que o ato de resistir ao poder, como trataremos posteriormente, deve passar pela transformação do desejo e a produção de subjetividades outras para uma revolução que seja “o colapso de modos de representação, um abalo no universo semiótico, uma reordenação de corpos e vozes, uma redistribuição de espaços e gestos” (Preciado, 2023, p. 72).

Pensar o desejo produzido é colocá-lo como o seio do problema capitalista. Como pode ser livre o sujeito que tem seu desejo colonizado? Como resistir à captura da função desejante? Como libertar o desejo?

Preciado afirma que “o regime capitalista petrossexoracial capturou a função desejante, colocando-a a serviço da produção de significados transcendentais: Deus, a nação, o nome do pai, o capital, o eu, o sujeito, a identidade, o código” (Preciado, 2023, p. 515). Assim, tal regime cria no sujeito a mais cruel forma de opressão: o desejo de sua própria opressão. Em consonância, Deleuze e Guattari (2011) afirmam que esse é um problema do desejo: as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo, foram produzidas para desejar seu próprio terror. É razoável a constatação de que “Hitler suscitava tesão

nos fascistas” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 143). A partir disso, a ação política deve buscar a desintoxicação da função desejante como produção de subjetividades livres (Preciado, 2023, p. 515).

Se o desejo é recalcado é porque toda posição de desejo, por menor que seja, pode pôr em questão a ordem estabelecida de uma sociedade: não que o desejo seja a-social, ao contrário. Mas ele é perturbador; não há posição de máquina desejante que não leve setores sociais inteiros a explodir. Apesar do que pensam certos revolucionários, o desejo é, na sua essência, revolucionário — o desejo, não a festa! — e nenhuma sociedade pode suportar uma posição de desejo verdadeiro sem que suas estruturas de exploração, de sujeição e de hierarquia sejam comprometidas. Se uma sociedade se confunde com essas estruturas (hipótese divertida), então, sim, o desejo a ameaça essencialmente. Portanto, é de importância vital para uma sociedade reprimir o desejo, e mesmo achar algo melhor do que a repressão, para que até a repressão, a hierarquia, a exploração e a sujeição sejam desejadas. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 158)

A produção social reprime a produção desejante porque esta pode explodir a forma social. O desejo em seu “potencial metamórfico e revolucionário” (Preciado, 2023, p. 516) rompe as estruturas de poder e exploração. É nesse sentido que Preciado propõe que devemos deixar de desejar segundo os imperativos do capitalismo petrossexoracial (Preciado, 2023).

Desse modo, a captura da função desejante da subjetividade é também a clausura da imaginação de outros mundos possíveis. Retomando o pensamento de Mark Fisher, Preciado afirma que o capitalismo após a queda do muro de Berlim e o fim da URSS se consolida não como um sistema dentre outros, mas como a realidade em si mesma (Preciado, 2023). O realismo capitalista é, portanto, a clausura da imaginação; é a persuasão de que não há alternativa ao neoliberalismo (Fisher, 2020). O sujeito neoliberal é constituído em seu desejo por essa escassez de futuros possíveis e é, portanto, despolitizado em seu mal-estar gerenciado pela psicologia e pelo marketing (Preciado, 2023).

É nesse sentido que “imaginar já é agir” (Preciado, 2023, p. 58), e a criação de futuros possíveis como contranarrativa ao neoliberalismo já é o começo da mudança. É preciso “produzir outros perceptos, outros afetos e outro desejo. Perceber, sentir e nomear de outro modo. Conhecer de outro modo. Amar de outro modo. Não basta analisar a condição neoliberal, é necessário mudar os nomes de todas as coisas” (Preciado, 2023, p. 58).

Assim, Preciado concebe uma estratégia política como reabilitação da utopia retomando Françoise Vergès (Preciado, 2023). A utopia como força imaginativa, como desejo autônomo de um mundo além do neoliberalismo é força de rebelião e início de ruptura. O neoliberalismo como gestão dos afetos parece ter a desesperança como o afeto de maiores

rendimentos; o hiper-sujeito exaurido, entupido de desejos fabricados pela publicidade precisa da utopia como força de ruptura da inércia do desespero.

O regime farmacopornô como lucro do desespero estabelece a adaptação como *Burnout*, a inadequação como suicídio. “Nossa senhora do *Burnout*, rogai por nós. Nossa Senhora do Suicídio, rogai por nós” (Preciado, 2023, p. 311). Contudo, a desintoxicação do desejo pela criação de novas ficções políticas não é apenas um por fazer, mas algo que já está em curso. Preciado aponta uma ruptura crescente nas relações entre corpos e saberes através do aparecimento de novas formas de subjetivação e relação política (Preciado, 2023) entre os corpos assujeitados: “*Me Too, Me Too Incest, Me Too Gay, Black Lives Matter, Black Trans Lives Matter* etc. são algumas das formas que a insurreição discursiva assumiu nos últimos anos” (Preciado, 2023, p. 288-289). Desse modo, o movimento de ruptura caracteriza o início de uma transição epistêmica do regime petrossexoracial para uma outra organização de mundo(s). É a coexistência desses dois registros de mundo – o petrossexoracial e as novas epistemologias – que caracteriza o mundo disfórico. Esse é um momento crucial para o futuro, a “guerra epistêmica” (Preciado, 2023, p. 291) na qual não basta a simples oposição binária, mas “é preciso abrir-se para a mutação das tecnologias da consciência” (Preciado, 2023, p. 291).

Assim, o otimismo perante a constatação desse movimento de disforia, de possível ruptura do sistema petrossexoracial, não é um afeto ingênuo ou uma convicção tranquila, mas deve ser tomado, assim mesmo como a utopia, como uma metodologia (Preciado, 2023). O otimismo utópico como metodologia implica na necessidade da luta política coletiva contra a maior tecnologia política do capitalismo pós-disciplinar, o desespero como afeto dominante. Preciado afirma que “não há mudança possível sem uma mutação de nossos próprios processos de subjetivação política” (Preciado, 2023, p. 530); desse modo, afirmamos que talvez o primeiro passo para uma nova realidade dos sujeitos seja a reabilitação política da esperança como imaginação do futuro pelos sujeitos dissidentes.

Desse modo, as construções de novas bioficções políticas e modos de viver as relações implicam a transição do marco epistêmico, a invenção de nova linguagem para re-narrar os acontecimentos de opressão e sua sobrevivência (Preciado, 2023), assim como afirma Wittig:

A transformação das relações econômicas não será suficiente. Temos de produzir uma transformação política dos conceitos chave, isto é dos conceitos que nos são estratégicos. Há uma outra ordem de materialidade, a da linguagem, e ela é trabalhada de dentro por estes conceitos estratégicos. A linguagem é, ao mesmo tempo, intimamente ligada ao campo político, onde tudo o que concerne a linguagem, a ciência e o pensamento se refere à pessoa enquanto subjetividade e à sua relação com a sociedade. Não podemos deixar

estas coisas no poder do pensamento hétero ou do pensamento de dominação. (Wittig, 1992, p. 5)

A linguagem como campo de luta política não pode ser deixada de lado pelas resistências anticapitalistas. É preciso que os anormais inventem novas categorias com as quais conheceremos o mundo, mais que apenas a transformação econômica da sociedade. A linguagem, nesse sentido, aparece como parasita protético da subjetividade (Preciado, 2023) e a comunicação da linguagem como infecção, como possibilidade de novos sujeitos, a partir do que “é necessário mudar os nomes de todas as coisas” (Preciado, 2023, p. 58).

TÉCNICAS XAMÂNICAS DE METAMORFOSE DA SUBJETIVIDADE

Inúmeros povos no decorrer da história desenvolveram práticas rituais como técnicas de modificação da subjetividade através de quarentenas, jejuns, inter rompimento de práticas alimentares, sexuais ou produtivas (Preciado, 2023). A partir do pensamento de Viveiros de Castro, Preciado destaca os rituais xamânicos dos povos ameríndios que tinham como objetivo *parar o mundo*. A pandemia de covid representou a prova de que mudanças políticas estratégicas são capazes de frear o capitalismo em sua predatória destruição da subjetividade e da natureza (Preciado, 2023). Assim, o impacto da pandemia exigiu rituais específicos de *parar o mundo* que produziram outras formas de subjetivação.

se observarmos [...] os diversos rituais xamânicos de várias sociedades ameríndias para ‘parar o mundo’, veremos que a maioria deles tem ao menos três etapas: na primeira, o sujeito se confronta com sua condição finita e mortal; na segunda vê sua posição dentro da cadeia trófica e percebe os vínculos energéticos que unem tudo o que vive e dos quais ele mesmo faz parte; e, na terceira e última, antes da metamorfose, ele modifica radicalmente seu desejo, o que, em última instância, lhe permitirá devir-outro. (Preciado, 2023, p. 507)

A partir disso, Preciado estabelece um paralelo entre os rituais xamânicos e a gestão da pandemia, cujo desenrolar constitui um ritual mundial tecnoxamânico para parar o mundo, como que uma antessala para uma transformação do paradigma político mundial (Preciado, 2023).

Primeira etapa: a finitude do sujeito planetário. É importante ressaltar que o terror da pandemia só obtém seu status a partir do momento em que o vírus não distingue entre o sujeito do norte global dos ditos países desenvolvidos e os sujeitos do sul global. Isto é, a pandemia só é uma preocupação geopolítica mundial quando os “homens brancos europeus e norte-americanos de mais de cinquenta anos” (Preciado, 2023, p. 508) estão na linha de morte do vírus. É a ameaça ao sujeito ideal do neoliberalismo que causa a corrida política de enfrentamento à Covid-19.

O mesmo não aconteceu, por exemplo, na crise da aids quando os sujeitos padecentes foram discursivamente construídos pelo poder como os homossexuais, os trabalhadores sexuais, as pessoas trans e as pessoas racializadas (Preciado, 2023). Isto é, os anormais podem morrer sem alarme algum; seus corpos mortos são o troféu do sistema petrossexoracial. Assim, “a crise do covid representou uma crise da soberania do corpo masculino, branco e heterossexual no capitalismo petrossexoracial [...] crise que se estendeu a todos aqueles que [...] compartilhamos³ [...] dos privilégios soberanos do Norte” (Preciado, 2023, p. 509). Desse modo, é preciso que as experiências de despossessão, opressão e morte geradas pelo capitalismo petrossexoracial sejam transversalizadas (Preciado, 2023), ou seja, é preciso tomar como alvo das práticas de subversão da normatividade pós-disciplinar o sujeito normado, como a filósofa da deficiência Rosemarie Garland Thomson o define através do neologismo “*the normate*”.

O normado é considerado o ser humano definitivo, é aquele imaculado de todas os estigmas sociais; é apenas a minoria das pessoas, a dizer: o homem jovem, casado, branco, urbano, do Norte, empregado, de boa feição, altura e peso e com um recente histórico em esportes (Thomson, 2017). Assim sendo, se o neoliberalismo funciona com a privatização restrita dos lucros e a socialização generalizada da miséria material e do desespero como modo de vida; a ação política deve buscar a socialização estratégica das experiências de opressão, despossessão e morte para com os protagonistas normados do sistema com seus valores patriarcais, religiosos, sua família tradicional (Preciado, 2023); seus fetiches militaristas, armamentistas, estupradores. Enfim, é preciso abolir o normado como sujeito do espetáculo *smuff* mundial.

Segunda etapa: ver a cadeia trófica. A pandemia “expôs a cadeia trófica do capitalismo” (Preciado, 2023, p. 510); ela mesma é a inversão das políticas [neo]coloniais, “o lixo chega às praias do Norte [...] o veneno colonial está voltando ao centro do capitalismo” (Preciado, 2023, p. 511). Os fluxos do capitalismo como potência de exploração pretensamente infinita representam não só uma ameaça ao Sul global, mas a todos os corpos vivos humanos e não humanos. Sobre isso, o perspectivismo ameríndio propõe uma visão da humanidade subjetiva de cada espécie existente como um possível pressuposto ético que é capaz de reconhecer na diferença a semelhança, além da interdependência entre todos os corpos vivos. Em outras palavras, cada espécie como protagonista de sua existência tem algo de humano:

3 Preciado usa a flexão verbal “compartilhamos” em função de sua nacionalidade europeia. Nossa situação enquanto corpos marcados pela posição do sul global latino-americano implica diferentes abordagens.

A questão mais geral que se põe, então, é a de saber por que a humanidade de cada espécie existente é “subjetivamente” evidente (e ao mesmo tempo altamente problemática) e “objetivamente” não evidente (e ao mesmo tempo obstinadamente afirmada). (...) O que o perspectivismo afirma, enfim, não é tanto a ideia de que os animais são “no fundo” semelhantes aos humanos, mas sim a de que eles, como os humanos, são outra coisa “no fundo”: eles têm, em outras palavras, um “fundo”, um “outro lado”; são diferentes de si mesmos. (...) o perspectivismo afirma uma diferença intensiva que traz a diferença humano/ não-humano para o interior de cada existente. Com isso, cada existente se encontra como que separado de si mesmo e tornado semelhante aos demais apenas sob a dupla condição subtrativa dessa comum autoseparação e de uma estrita complementaridade, pois se todos os modos do existente são humanos para si mesmos, nenhum é humano para (ou semelhante a) nenhum outro: a humanidade é “reciprocamente” reflexiva (o jaguar é um homem para o jaguar, o queixada é um homem para o queixada), mas não pode ser mútua (no momento em que o jaguar é um homem, o queixada não o é, e vice-versa). (Castro, 2015, s.p.)

Nesse sentido, a gestão da pandemia escancarou as consequências do modo de hiperprodução capitalista como ameaça geral. O sujeito deve, portanto, perceber seu lugar na cadeia trófica em relação aos demais seres humanos e não humanos para reconhecer que “só uma nova aliança de lutas transfeministas, anticoloniais e ecológicas será capaz de fazer frente ao mesmo tempo à privatização das instituições, à economia da dívida [...] e aos discursos do totalitarismo neonacionalista, tecnopatriarcal e neocolonial” (Preciado, 2023, p. 514).

A terceira etapa já foi, de certo modo, aqui abordada previamente. É necessária a autonomização do desejo frente às tecnologias do capital como estratégia política de estabelecer a utopia e a esperança como métodos imaginativos do futuro pós-capitalista.

Nesse sentido, a gestão do vírus representou a crise do desejo e a consciência de que é possível parar o mundo (Preciado, 2023). A resistência ao desejo colonizado corresponde à mutação intencional da subjetividade como experimentação política. Por isso, “precisamos nos reapropriar criticamente das técnicas necrobiopolíticas e de seus dispositivos farmacopornográficos” (Preciado, 2023, p. 517) para criar uma multidão de pós-sujeitos que sejam desejanter livres e revolucionários.

A liberdade não deve ser compreendida ingenuamente como fuga total à determinação da produção neoliberalista da subjetividade, mas a apropriação da mutação do desejo e da produção de afetos como ação de pós-liberdade. É preciso matar a liberdade neoliberal, a propriedade de si, o individualismo da concorrência, as correntes do desespero e a ilusão da autonomia. A ação micropolítica é a base para a transição epistêmica que possibilitará a revolução dos corpos anormais. “Não existe mudança abstrata. Não há futuro. A revolução é sempre um processo. Agora. Aqui. Está acontecendo. Revolução ou morte.

Já começou” (Preciado, 2023, p. 526). As práticas dissidentes estão inventando um outro mundo, o mundo petrossexoracial começa a desmoronar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão pós-disciplinar do corpo como produção de hiper-sujeitos exauridos representa a morte do sujeito moderno. A saturação de estímulos, a adição às substâncias farmacopornográficas e a socialização do desespero como afeto total do neoliberalismo constituem a subjetividade exaurida do novo século. A internet e as redes sociais constituem uma cisão no sujeito que é re-assimilada como semi-esquizofrenia. A racionalidade neoliberal constitui o desejo a partir de termos como mérito, iniciativa, resultados, desempenho, autonomia, liberdade [de consumir]. O sujeito farmacopornô é levado a desejar a aparente impossibilidade de modos de vida melhores, com a ilusão da ascensão social que lhe é negada por pressuposto. A impossibilidade do sucesso é a socialização do desespero e da depressão como inevitabilidade do fracasso.

A compreensão do desejo intoxicado, colonizado pelos artifícios do marketing predatório pós-capitalista, da produção cultural de massa e suplantado pelas tecnologias farmacêuticas pode, à primeira vista, parecer desesperadora. Contudo, o conhecimento das formas de opressão é o que possibilita a expropriação dos meios de produção da subjetividade e a produção de contranarrativas, bioficções políticas de esperança estratégica, de otimismo metodológico. Reabilitar a imaginação e o desejo de outros futuros é a chave para a libertação do hiper-sujeito pós-disciplinar.

A figura do revolucionário pós-capitalista não é a do soldado, viril, de corpo atlético e autoritário, mas a multidão de corpos subalternos feridos pela violência petrossexoracial (Preciado, 2023). O sujeito moderno está extinto, o hiper-sujeito tóxicopornôgrafico alcançará em breve seus limites.

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. Cosac Naify: São Paulo, 2015.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*. Tradução de Luiz Orlandi. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo de que o fim de capitalismo?* 1ª ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FOUCAULT, Paul-Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Tradução de Maria

Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.

FOUCAULT, Paul-Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Paul-Michel. *Vigiar e Punir*. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PRECIADO, P. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, jan./abr., 2011. Disponível em: <https://tinyurl.com/4bw3s2w7>. Acesso em: 27 mar. 2024.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Dysphoria mundi: O som do mundo desmoronando*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Texto Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SAFATLE, V. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, V.; JÚNIOR, N. S.; DUNKER, C. (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autêntica, 2020.

THOMSON, Rosemarie Garland. *Extraordinary Bodies: figuring physical disability in american culture and literature*. Columbia University Press: New York, 2017.

WITTIG, Monique. *The Straight Mind and other Essays*. Boston: Beacon, 1992.

PORNOGRAFIA ONLINE, TEORIA CRÍTICA E MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: APROXIMAÇÕES

Alberto Gomes de Freitas Filho¹ e
Mauricio Rodrigues de Souza²

RESUMO

Esta pesquisa aproxima argumentações feitas pela teoria crítica sobre uma sociedade altamente administrada e a discussão do controle como elemento organizador de uma masculinidade hegemônica. Assim, investigar a atual indústria pornográfica permite articular tais temas devido sua produção direcionada para homens em um ambiente digital de comunicação em massa. Utilizando da metodologia da análise do discurso, concluímos que os vídeos assistidos veiculam a reafirmação de uma masculinidade marcada pelo controle de si e do outro e do homem como administrador do desejo feminino, dinâmica que tem importantes semelhanças àquela criticada pelos pensadores frankfurtianos entre a razão moderna e a natureza.

PALAVRAS-CHAVE

Pornografia online; indústria cultural; masculinidade; teoria crítica.

ABSTRACT

This research aligns arguments made by critical theory regarding a highly administered society with the discussion of control as an organizing element of hegemonic masculinity. Consequently, investigating the current pornographic industry allows us to articulate these themes due to its production targeted primarily at men within a digital environment of mass communication. Employing discourse analysis methodology, we conclude that the viewed videos perpetuate a masculinity characterized by self-control and control over others, positioning men as administrators of female desire. This dynamic bears significant similarities to the critique posed by Frankfurt School thinkers concerning the tension between modern reason and nature.

KEYWORDS

Online pornography; cultural industry; masculinity; critical theory.

1 Mestre em Psicologia (UFPA). Professor na Faculdade Estácio FAP. E-mail: gfreitas.alberto@gmail.com

2 Doutor em Psicologia (USP). Mestre em Antropologia (UFPA). Professor no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará. E-mail: souza.mr@gmail.com

INTRODUÇÃO

De maneira ampla, este trabalho explora a forma que novas tecnologias de comunicação podem influenciar na construção de subjetividades. Tendo em vista que a discussão sobre a técnica e as tecnologias como mediadoras das relações humanas deve estar atenta às novas formas que aquelas assumem, acreditamos ser de extrema importância trazer o debate para o momento atual do desenvolvimento digital, relacionado à internet.

Sendo assim, encontramos na teoria crítica um grande suporte teórico para estas discussões. A ênfase na internet como meio de comunicação em massa aponta para o conceito de indústria cultural, cunhado por Horkheimer e Adorno (1944/1985b), como imprescindível aqui. No entanto, também aproveitamos comentários feitos por ambos sobre a ciência e o fascismo, os quais, junto ao modelo capitalista representado pela indústria cultural, formam um tripé de elementos sociais que se assemelham em suas características autoritárias e controladoras, adjetivos que se mostram centrais em nossa discussão sobre outro elemento fundamental de interesse da presente pesquisa: a masculinidade.

A partir disso, o objetivo desta pesquisa foi o de investigar os discursos sobre masculinidade reproduzidos em um site pornográfico específico – o Pornhub –, tendo em conta aspectos de uma formação subjetiva rígida, controladora e autoritária, comumente relacionada ao homem e que se apresenta como elemento central na perpetuação das diferenças de gênero na sociedade. Para tanto, realizamos a leitura de textos selecionados de Horkheimer e Adorno, que abordam um quadro social de administração e autoritarismo, e de trabalhos que investigam a questão da masculinidade hegemônica, apontando características autoritárias de controle como um de seus principais elementos estruturantes, a fim de articular tais discussões e destacar possíveis pontos de intercessão entre ambas.

Complementarmente, entendendo a pornografia como um tipo de produção majoritariamente endereçada a homens, objetivamos investigar que sentidos circulam nos discursos emitidos por vídeos pornográficos no Pornhub, tendo como elemento orientador de análise o dispositivo teórico desenvolvido segundo o objetivo descrito acima. Dessa maneira podemos explicitar, a partir dos métodos da análise do discurso, o processo de construção de significados que possibilita a apreensão dos sentidos veiculados por estes vídeos e articulá-los com as bases teóricas discutidas, apontando a pornografia online como um campo de reprodução do discurso de controle masculino e, conseqüentemente, de incentivo a um tipo de subjetividade autoritária.

Sendo assim, esta pesquisa trata da articulação de dois itens distintos: o primeiro deles são escritos teóricos que versam sobre o diagnóstico social feito por autores da teoria crítica da sociedade abrangendo os temas da ciência, indústria cultural e fascismo; já o segundo

se revela em uma aproximação com autores que tratam da temática da(s) masculinidade(s), investigando elementos estruturantes daquilo que se costuma chamar “masculinidade hegemônica”. Portanto, parte desse trabalho utilizou de revisão bibliográfica com o fim de conjugar tais temas e encontrar pontos comuns de reflexão.

De maneira complementar, para encarnar com mais propriedade as discussões teóricas feitas aqui, elegemos como objeto de investigação a pornografia online a partir da análise de vídeos pornográficos disponibilizados em um site específico, o que demanda uma metodologia de cunho empírico e qualitativo. Para realizar essa etapa utilizamos os direcionamentos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso (AD), seguindo os escritos de Orlandi (2005). A escolha da AD se deu pelo fato de ela realizar uma historicização dos textos, explicitando o fato de que não são autossuficientes na composição de seus sentidos, mas os extraem também de elementos exteriores.

Nesse sentido, Orlandi (2005, p. 45) afirma que

[...] isso define em grande parte o trabalho do analista: observando as condições de produção e verificando o funcionamento da memória, ele deve remeter o dizer a uma formação discursiva (e não outra) para compreender o sentido do que ali está dito.

Portanto, a AD tenta revelar de que forma os aspectos históricos e contextuais da linguagem e do dizer são estruturantes dos sentidos do discurso, desnaturalizando elementos constituintes do texto e relacionando-os a determinadas ideologias.

Para a coleta de dados, elegemos duas categorias de vídeos do Pornhub: “vídeos mais vistos” e “vídeos mais excitantes”, sendo analisados o primeiro vídeo da lista em cada uma destas categorias, em uma periodicidade semanal. Analisamos também o vídeo mais visto de cada uma das 3 (três) primeiras colocadas no ranking de estrelas pornô mais populares conforme disponibilizado pelo site. Como critério de exclusão, utilizamos a duração do vídeo, sendo eliminados aqueles com mais de 20 (vinte) minutos, com o próximo vídeo da lista tomando seu lugar.

Esperamos que a escolha destas categorias de vídeos como fontes de dados reflita os tipos de conteúdo com maior alcance de público no site no período em que a pesquisa se realizou. Encaramos como dados não só os vídeos em si, mas também seu título, categorias e etiquetas em que se incluíam. Ao fim da coleta foram selecionados três vídeos da sessão “estrelas pornô”, sete vídeos da sessão “mais vistos da semana” e seis da sessão “mais excitantes”. Tendo em vista ainda que um dos vídeos na sessão “mais excitantes” esteve também na sessão “mais vistos”, contamos com um total de 15 (quinze) vídeos analisados.

A TEORIA CRÍTICA E O TRIPÉ DO AUTORITARISMO

As discussões feitas pela teoria crítica não seriam as mesmas sem a influência de pelo menos dois de seus principais autores: Max Horkheimer e Theodor Adorno. Seja nos escritos em dupla ou nos trabalhos individuais, existem três elementos que estão inseridos em grande parte de sua obra: ciência, capitalismo e fascismo. Uma ligação mais direta e extensa entre eles pode ser vista, por exemplo, na *Dialética do Esclarecimento* (Horkheimer; Adorno, 1944/1985b), onde os frankfurtianos chamam a atenção para o tripé acima e os principais pontos que o manteriam unido: ordenação, controle e autoritarismo. Discorramos sobre seus elementos.

A CIÊNCIA

Iniciamos esta discussão afirmando que a ciência, tal como se desenvolve no ocidente capitalista, detém papel fundamental na manutenção de um rígido contexto social, político e econômico. Horkheimer (1937/1983) comenta que, nessa organização social, aquilo que se pensa ser a essência do trabalho científico é, na verdade, sua utilidade na manutenção do estado atual das condições sociais. Nesses termos, a essência do que o autor chama de “teoria tradicional” está ligada a um medo humano do desconhecido que tenta desvelar tudo aquilo que lhe parece estranho e que, por isso, causa angústia.

Similarmente, Garlick (2017) comenta que o projeto da modernidade ocidental se afirma na submissão da natureza desconhecida à racionalidade e à vontade do homem, objetivo traduzido nos avanços científicos e tecnológicos que possibilitam controlá-la. A crítica feita pelos frankfurtianos é a de que tal projeto só pode ser alcançado se o conhecimento e a natureza forem moldados conforme critérios previamente estabelecidos pelo próprio cientificismo (Horkheimer, 1937/1983).

Portanto, a ciência, que, de acordo com o referencial kantiano, teria sua origem na razão pura (Kant, 1781/2001), passa a ser somente uma reafirmação de seus métodos, transformando o que antes era meio (a técnica) em um fim. Ou, nos termos de Adorno (1965/1995, p. 118), trata-se de um privilégio da técnica à frente daquilo para o que ela deveria ser usada: “[...] uma vida humana digna”.

Assim, a apreensão da natureza deixa de ser um meio para a emancipação do indivíduo e passa a ser apreensão da natureza e dos sujeitos, pois a ênfase demasiada em métodos não significa necessariamente melhoria de resultados, mas apenas maior controle dos dados, o que, sem uma análise crítica, levará somente a constatação do estado atual do objeto. Tal ciência, para Horkheimer e Adorno (1944/1985d), perde sua capacidade de autocrítica e desconhece limites para a barbárie, pois o entendimento de tudo sob um único juízo

elimina ou iguala, repressivamente, aquilo que é diferente, restando às minorias se adequar ou simplesmente desaparecer.

Outro elemento dessa ciência criticado por Horkheimer e Adorno (1944/1985d) é sua pretensa imparcialidade. Isto porque o ideal positivista se pauta na crença de que, para alcançar o elemento essencial presente em todos os objetos, a interferência humana deve ser mínima. Essa postura se liga àquela angústia do desconhecido que opõe homem e natureza, pois, se o projeto moderno é eliminar a ambivalência, é preciso primeiramente demarca-la: a razão e o desconhecido, ordem e caos, nós e eles.

Sendo assim, Horkheimer (1937/1983) aponta que a utilidade dessa ciência tradicional é a de assumir uma ideologia que enquadra todo e qualquer objeto em uma forma unificada de conhecimento, afastando aquilo que não deriva dessa mônada. Quanto mais esse raciocínio se reproduz, mais se naturaliza, estabelecendo-se de maneira hegemônica. Para Horkheimer e Adorno (1944/1985b; 1944/1985d), essa lógica serve ao capitalismo por meio da reprodução massificada característica da indústria, já que, se toda a natureza é passível de apreensão, então tudo pode ser compreendido, controlado, reproduzido e posto à venda no mercado.

A INDÚSTRIA (O CAPITALISMO)

É, portanto, por meio desse serviço prestado pela ciência que iniciamos a discussão sobre a indústria. A este respeito, Heidegger (1953/2007) fala que a técnica é mediadora da relação moderna entre homem e natureza. Para o autor, o princípio dessa relação se baseia em uma perspectiva que vê a natureza como recurso a ser ordenado e utilizado segundo a vontade dos homens.

Já para Horkheimer e Adorno (1944/1985d), essa dominação se estende aos indivíduos, de maneira que “o saber que é poder não conhece barreira alguma, nem na escravização da criatura” (p. 20). A escravização se aplica também aos processos de subjetivação e é a isto que os autores se atêm ao falar sobre a indústria cultural, lida aqui como uma fábrica que produz os elementos culturais necessários para promover tipos específicos de sujeitos: aqueles que manterão a sociedade da exata forma em que se encontra. Retorna aqui a angústia do desconhecido, visto que “o medo que o bom filho da civilização moderna tem de afastar-se dos fatos é exatamente o mesmo medo do desvio social” (Horkheimer; Adorno, 1944/1985b). Portanto, a indústria cultural também possui seu papel na manutenção da dinâmica social pela via do constrangimento e marginalização de sujeitos, grupos e ideologias que ameaçam sua hegemonia.

Nesse sentido, apontam Horkheimer e Adorno (1944/1985a, p. 114), utilizando-se

da desculpa de uma suposta necessidade de produção massiva de conteúdo, a indústria cultural justifica a utilização de suas técnicas, que então “tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais”. Para garantir essa padronização, são aprimorados apenas seus meios e instrumentos, tomados aqui como um novo ator, a capacidade de comunicação e compartilhamento ou os *smartphones*, com novas versões lançadas cada vez mais rapidamente.

No entanto, alertam Horkheimer e Adorno (1944/1985a), é a pretensa novidade que mantém a manipulação retroativa da indústria cultural. Pretensa, pois, se o novo artista realiza as mesmas performances, se a comunicação instantânea transmite as mesmas mensagens e se o novo dispositivo se diferencia apenas em sua maior velocidade, armazenamento e megapixels, todos eles não farão nada além de representar, capturar e difundir a realidade como ela já é, diminuindo as tensões entre sociedade e sujeito. Esse, por sua vez, torna-se mais carente por repetição, fazendo do sistema social uma unidade coesa e distante de suas capacidades emancipatórias.

Conforme sustenta Adorno (1967/1978), forma-se assim uma sociedade composta por indivíduos angustiados e/já que incentivados a renegar suas aspirações se essas não forem afirmadas pela indústria cultural, a qual se torna um guia autoritário de como ser sujeito em sociedade, ao mesmo tempo em que, negando essa condição aos desviantes de suas regras, ensina-nos a marginalizá-los. Tal dinâmica assemelha-se à postura da ciência moderna frente à natureza: dominação ou eliminação, pois, como veremos agora, esses são também elementos do fascismo.

O FASCISMO

Ainda no capítulo sobre a indústria cultural da Dialética do Esclarecimento, Horkheimer e Adorno (1944/1985a) falam como esta representa o trágico de maneiras simplistas e repetitivas, introduzindo nos sujeitos uma sensação de incapacidade. Nos termos dos autores: “Mas o milagre da integração, o permanente ato de graça da autoridade em acolher o desamparado, forçado a engolir sua renitência, tudo isso significa o fascismo” (Horkheimer; Adorno, 1944/1985a, p. 144). Essa frase indica o efeito dos elementos abordados nos tópicos anteriores. Ambos oprimem o que se desvia de seus parâmetros e se apresentam como alternativa acolhedora aos desviantes, “[...] desde que se entreguem de corpo e alma, desde que renunciem à pretensão de felicidade” (Horkheimer; Adorno, 1944/1985a, p. 144). Sob essa lógica se imprimiria nos indivíduos certas tendências antidemocráticas.

Sendo assim, em um ambiente social altamente administrado, destaca-se novamente o elemento da técnica, que aparece relacionado a uma exacerbada mobilização à ação. Sobre

isso, Adorno (1946/2015) e Adorno e Horkheimer (1951/2015) comentam que discursos fascistas são incertos em seus objetivos, ainda que convidem seus ouvintes a uma atitude imediata, tornando a propagação do discurso um fim em si mesma. Essa é uma maneira de agregar seguidores ao culto da propaganda fascista, fazendo-os crer serem participantes de um grupo especial. Nesses termos, o fascismo parte do desejo de integração a um grupo, o qual não precisa possuir nenhum outro fim a não ser sua própria continuidade.

Tal afirmação remete ao culto do existente, o qual Adorno (1965/1995, p. 115) identifica em líderes nazistas, que “[...] nem por um momento pensam ou desejam o mundo de outro modo do que é, possuído como estão da vontade ‘*of doing things*’ [sic], indiferentes ao conteúdo de tais ações”. Vemos novamente o medo do desvio social. Partindo daí, encontramos nos textos de Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford (1950/2019) e Horkheimer e Adorno (1944/1985b) a ideia de que, frente a uma sociedade que exclui seus desviantes, torna-se mais seguro renegar a própria subjetividade e adotar valores externos por vezes alheios à experiência particular.

A partir disso, Adorno e Horkheimer (1951/2015, p. 168) afirmam que “a imagem moderna do líder algumas vezes parece ser o engrandecimento da personalidade do próprio sujeito”, pois em uma situação socioeconômica que enfraquece o indivíduo, resta a este render-se à coletividade em prol de um apaziguamento das suas limitações. Vinculado a isso está a noção da ‘*mentalidade de ticket*’ (Horkheimer; Adorno (1944/1985c), que se estabelece quando, ao encontrar em um grupo uma quantidade mínima de valores com os quais se identifica, o sujeito assume todos os ideais do grupo como seus, como uma forma de gratificação e pertencimento.

Portanto, para Horkheimer e Adorno (1944/1985b), o fascismo é, além de uma caracterização (pseudo) política, um diagnóstico social amplo, pois leva em conta componentes variados, tais como: a) a ciência, a indústria e o sistema econômico na forma rígida como se desenvolvem; b) e também as subjetividades aí construídas, que, nesse contexto, expressam características potencialmente antidemocráticas (Adorno et al., [1950] 2019). Portanto, sob a égide do capitalismo, a ciência positivista e a indústria afirmam que toda a natureza pode (e deve) ser desvendada, controlada e replicada a partir de determinados padrões.

Dessa maneira, teríamos condições de controlar tudo. No entanto, a falsa possibilidade do controle de tudo nos coloca frente à realidade da impossibilidade de alcançar tal objetivo. Esse quadro, afirmam Adorno (1946/2015) e Adorno e Horkheimer (1951/2015), aparece como uma regressão associada à angústia de castração, a partir da qual se destaca a constante ameaça de entrarmos em contato com a falta. Em outros termos, seríamos

partícipes de um interminável ritual de iniciação onde: “[...] todos têm de mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não cessam de receber pancadas” (Horkheimer; Adorno, 1944/1985a, p. 144).

Nesses termos, quando Adorno (1965/1995) afirma que a principal tarefa da educação contemporânea é a de que Auschwitz não se repita, ele se refere ao fascismo enquanto configuração social que produz subjetividades padronizadas. Schwalbe (2014) vai além ao afirmar que o autor nos fala de subjetividades associadas ao sujeito masculino, de características autoritárias e controladoras. É sobre esse sujeito e suas relações com os elementos expostos até aqui que falaremos a seguir.

ACERCA DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

As primeiras discussões acadêmicas sobre masculinidade datam de meados dos anos 80, com fortes influências dos movimentos feministas e de homens gays (Connell; Messerschmidt, 2013). Isso teria acontecido porque tais grupos começaram a perceber a importância de discutir não somente suas vivências enquanto coletividades oprimidas, mas também de centralizar, como fazia a pesquisa social em relação ao estudo das estruturas de poder, o papel do agente dominante.

Dessa maneira, um dos objetivos de Connell e Messerschmidt (2013) é discutir sobre definições de masculinidade hegemônica, verificando se as aplicações do conceito continuavam válidas. Uma importante conclusão de tal trabalho foi a de que, para além da existência de diversas masculinidades, seria possível constatar que a masculinidade hegemônica assume diversas formas, dependendo de parâmetros históricos, sociais e geográficos.

Assim, não devemos assumir que os comportamentos dos homens são causados por uma essência masculina, mas que o conceito de masculinidade é antes o resultado das “[...] configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 250). Para Schwalbe (2014, p. 14, tradução nossa), “isto significa olhar para o que machos fazem para construir a si próprios como o ser social que chamamos de homens”. Portanto, tratamos aqui da masculinidade hegemônica como uma performance constituída por conjuntos de práticas, um modo de agir social, que possui papel fundamental na manutenção das relações de poder intra e intergêneros.

No entanto, para Connell e Messerschmidt (2013), essas práticas não são incorporadas em sua totalidade pela maioria dos homens. Com efeito, “sem tratar os homens privilegiados como objeto de pena, devemos reconhecer que a masculinidade hegemônica não necessariamente se traduz em uma experiência de vida satisfatória” (Connell; Messersch-

midt, 2013, p. 271). Portanto, os autores conferem a essa hegemonia um valor ideológico, de maneira que esta masculinidade se torna um modelo universal em relação ao qual homens e meninos se posicionam. Para definir isto, Garlick (2017, p. 96, tradução nossa) utiliza o conceito de ‘atrator’, o qual aparece descrito nos seguintes termos:

[...] um atrator é uma configuração de propriedades que regula interações dentro de um sistema e garante ordem e relativa estabilidade. [...] Como atratores, masculinidades hegemônicas regulam e padronizam sistemas complexos oferecendo a promessa de uma posição a partir da qual o mundo pode ser controlado ou estar sob controle.

Temos então o ideal de controle como um dos principais constituintes da masculinidade hegemônica (Garlick, 2010; 2011; 2017; Schwalbe, 2014), de maneira que é possível notar como diversos elementos costumeiramente ligados à masculinidade – como, por exemplo, a razão e a força – estão relacionados a um desejo de controlar a natureza, esteja ela expressa em outrem ou no próprio sujeito. Nesse quadro, para Garlick (2017, p. 152, tradução nossa) o que unifica os diferentes modelos de masculinidade hegemônica são características e/ou práticas “necessárias para o alcance ou manutenção do controle e segurança ontológica”.

Nesse sentido, Schwalbe (2014) afirma que os homens performam essa afeição pelo controle como forma de defesa às tentativas de controle de outros homens. Isso porque existiria uma hierarquia de masculinidades, de forma que aquelas que se distanciam das práticas atribuídas à masculinidade hegemônica são tomadas como subordinadas a ela. Logo, passíveis de controle e exploração. Tal quadro também se articula à supressão das emoções comumente atribuída aos homens, pois, como afirma Schwalbe (2014), o desejo de controle sobre o outro anula a capacidade de empatia.

A partir destas articulações, podemos então relacionar a questão da técnica/tecnologia aos elementos de ordenação percebidos na masculinidade. Assim o faz Garlick (2003), utilizando uma visão heideggeriana da técnica moderna para o conceito de ‘tecnologia de gênero’: uma maneira específica de revelar a natureza dos corpos, enquadrando-os como recursos a serem controlados e utilizados segundo uma ordem supostamente natural. No caso da masculinidade, falamos de um enquadramento que “[...] produz formas de ser orientadas em direção à dissipação de insegurança ontológica por meio do alcance e manutenção do controle ou dominação sobre a natureza e o mundo” (Garlick, 2017, p. 95, tradução nossa).

Dentre os temas escolhidos por Garlick (2017) para explicitar e analisar tais questões, aparece a pornografia, um tipo de conteúdo há séculos produzido por e para homens e historicamente relacionado ao desenvolvimento de novas tecnologias (Barss, 2010; Williams,

1999). Sendo assim, a pornografia acaba por se revelar um objeto proveitoso como ponto de intercessão dos assuntos tratados até aqui.

PORNOGRAFIA E MASCULINIDADE

A pornografia, segundo Garlick (2017), coloca em jogo elementos centrais da masculinidade hegemônica, pois o sexo ali representado, embora evoque uma natureza ‘primitiva’, o faz de forma racionalizada. Portanto, ela enquadra a sexualidade em determinados modelos, mas se apresenta de maneira ambígua, pois coloca o homem entre a entrega ao seu desejo e a manutenção do controle – de si e do outro.

Sobre isso, Moraes e Lapeiz (1985) lembram que a pornografia frequentemente mostra a figura feminina como sempre desejosa de sexo enquanto, aponta Garlick (2017), o homem é colocado no papel de domar essa força. O autor afirma que isto pode ser visto na maioria dos filmes pornográficos, onde as mulheres atuam de forma mais exacerbada, ao passo que os corpos masculinos funcionam similarmente a uma máquina de movimento regular, permanecendo eretos e sem demonstrar sensações exageradas. Portanto, além das representações de violência comumente referenciadas, o controle masculino aparece na pornografia também por meio do conhecimento sobre como evocar uma ‘natureza feminina’ que deseja por sexo, mantendo sob controle, simultaneamente, o corpo feminino e seu próprio corpo.

Outro ponto importante levantado por Garlick (2017) se relaciona com o modo de operação da indústria cultural, no que diz respeito à maneira como as técnicas de produção e distribuição atingem seus conteúdos. O autor aponta que a ordenação e categorização de corpos ou partes deles (“latina”, “ruiva”, “peitos grandes”), bem como a possibilidade de selecionar partes específicas dos vídeos ou mesmo de pular para outro vídeo a qualquer momento fornecem ao usuário a impressão de estar no total controle do seu desejo, permitindo-o montar o corpo e o cenário ideal a fim de alcançar uma “[...] satisfação infinita de desejos abstraídos das relações sociais reais” (Garlick, 2017, p. 132, tradução nossa).

Sendo assim, a pornografia online se configura como um espaço que incita e potencializa características da masculinidade hegemônica, ao mesmo tempo em que, colocando-as no limite, põe-nas à prova. Para Garlick (2017), isso pode ser visto de forma prática nas propagandas dos sites pornográficos. Nesses termos, é comum encontrar em sites pornográficos banners que constantemente trazem à tona o tamanho do pênis e a ejaculação precoce, colocando a figura masculina em uma posição parecida com a citada em tópico anterior: aquela da promessa do total controle sobre o corpo – seja o próprio ou do outro –, o que inevitavelmente remete à impossibilidade da sua completa realização. Portanto,

a partir dessas reflexões e com a ajuda da metodologia de pesquisa que propomos aqui, abordaremos com mais propriedade agora os dados obtidos a partir de nossa pesquisa no site investigado.

O PORNHUB E SEUS CONTEÚDOS

Cada vídeo do Pornhub é classificado em categorias e acrescido de “etiquetas”, palavras descritivas do conteúdo. Do total de 101 (cento e uma) categorias lá presentes, os vídeos analisados abrangiam 39 (trinta e nove) categorias diferentes. Em relação às etiquetas, não há como contabilizar o total delas presentes no site, mas os vídeos analisados possuíam 142 (cento e quarenta e duas) diferentes. As Tabelas 1 e 2 mostram as dez categorias e etiquetas mais frequentes no material coletado.

Tabela 1. As dez categorias mais frequentes nos vídeos coletados

Categoria	Frequência
Pornô HD	15
Amadoras Verificadas	11
Exclusivo	11
Amador	10
Lindinhas	10
Peitudas	9
Morenas	8
Novinhas	8
POV	8
Estrela Pornô	6

Fonte: Autoria própria.

Tabela 2. As dez etiquetas mais frequentes nos vídeos coletados

Etiqueta	Frequência
young	11
teenager	10
point of view	9
big boobs	7
big tits	5
brunette	5
cowgirl	5
amateur	4
blowjob	4
rough	4

Fonte: Autoria própria.

Percebemos que, em sua maioria, os vídeos remetem a pessoas jovens, com termos

como ‘Novinhas’, ‘young’ (jovem) e ‘teenager’ (adolescente) aparecendo na lista. Chamamos a atenção também para os termos que se referem à pornografia amadora, pois apenas 5 (cinco) vídeos foram descritos como de produção profissional. Evidenciamos também as palavras que remetem especificamente ao sexo feminino, sem nenhum elemento que seja especificamente masculino³. Por fim, ressaltamos que a categoria ‘Pornô HD’ é o único termo que aparece em todos os vídeos analisados.

Apresentamos agora a Tabela 3, com algumas das principais características e informações referentes aos vídeos coletados:

Tabela 3. Principais características e informações dos vídeos coletados

N	Título	Visualizações	Perfil	Produção
1	“Eu desafio você a não gozar dentro de mim”	9.610.357	NotSoAmateur	Caseira
2	“Pare de estudar e me deixe cavalgar”	6.006.979	NotSoAmateur	Caseira
3	“Fodendo a morena gostosa depois de um encontro romântico”	1.066.019	BrunAlexxx	Caseira
4	“Eu provoço meu médico e ele acaba me fodendo”	5.691.848	martinasmith1	Caseira
5	“Enteado fodeu sua jovem madrasta”	25.437.307	LuxuryGirl	Caseira
6	“Acordei minha irmã mais nova lolly_lips com meu pau”	6.856.284	lolly_lips	Caseira
7	“Se a gente fizesse anal toda vez que você me fodesse, eu não andaria mais :)”	3.059.437	Nyna Ferragni	Caseira
8	“Secretária gostosa fode com o chefe para ganhar aumento de salário”	1.282.976	misslexa	Caseira
9	“Salva-vidas sensuais Nicolette Shea & Savannah Bonde salvam uma pica”	1.029.216	Brazzers	Profissional
10	“Novinha brasileira trai marido por dinheiro”	1.156.622	CatchingGold-Digger	Profissional
11	“Leitura leva a sexo pesado”	1.655.863	Mini Diva	Caseira
12	“Mamãe parou a aula on-line com seu filho e o fodeu”	1.844.243	lolly_lips	Caseira
13	“Lana Rhoades quica no meu caralho”	98.634.078	Bratty Sis	Profissional
14	“Intimidando Riley”	32.309.914	Mark Rockwell	Profissional
15	“Manhã com paulada e mamada com a meia-irmã”	66.231.048	Sis Loves Me	Profissional

Fonte: Autoria própria

Os vídeos 1 (um) a 7 (sete) foram coletados na sessão “mais vistos da semana”; os vídeos 8 (oito) a 12 (doze) foram coletados na sessão “mais excitantes”, com a observação de que também o vídeo 3 (três) apareceu nesta sessão; já os vídeos 13 (treze) a 15 (quinze)

3 Maiores detalhes referentes a esses dados, porém, serão tratados mais adiante, ao longo das nossas considerações finais.

foram os mais visualizados das 3 (três) modelos que, à época, possuíam maior popularidade no Pornhub desde sua postagem no site.

Os ‘títulos’ dos vídeos são, na maioria das vezes, uma tradução automática do título original. Nos casos em que a tradução não havia sido feita, adaptamos para o português a fim de facilitar a análise. O ‘nº de visualizações’ é referente ao total de visualizações do vídeo a partir de sua postagem no site até o dia em que o dado da pesquisa foi coletado. O ‘perfil’ é o nome de usuário da conta em que cada vídeo foi postado. Quanto a esta coluna, ressaltamos que apenas 3 (três) dos vídeos pertencem a uma conta oficial de um estúdio pornográfico (aqueles de número nove, treze e quinze). O restante foi proveniente de contas de usuários verificados – aqueles que fazem seus próprios vídeos e os enviam para o site. Importante ressaltar também que o Pornhub possui uma opção que permite fazer doações em dinheiro a esses usuários, assim como permite que postem vídeos acessíveis apenas mediante pagamento. O ‘tipo de produção’ é definido pelo próprio perfil e informado na página de reprodução do vídeo.

Finalizando a sessão de resultados, apresentamos a Tabela 4, com características referentes ao conteúdo dos vídeos em si segundo alguns elementos que se destacaram quanto à construção da narrativa e dos discursos nelas/por elas veiculados:

Tabela 4. Principais características no conteúdo dos vídeos coletados

N	Perspectiva		Corpo em evidência	Exibição	Coerção sexual
	Câmera	Título			
1	3ª Pessoa	Feminina	Feminino	Feminina	-
2	3ª Pessoa	Feminina	Feminino	-	Homem
3	Masculina	3ª Pessoa	Feminino	Feminina	-
4	Feminina	Feminina	Indefinido	Feminina	Homem
5	Masculina	3ª Pessoa	Feminino	-	Mulher
6	Masculina	Masculina	Feminino	Feminina	Mulher
7	Masculina	Feminina	Feminino	Feminina	-
8	3ª Pessoa	3ª Pessoa	Feminino	Feminina	Mulher
9	3ª Pessoa	3ª Pessoa	Feminino	Ambos	Mulher
10	Masculina	3ª Pessoa	Indefinido	Feminina	Mulher
11	Masculina	3ª Pessoa	Feminino	-	Mulher
12	Masculina	3ª Pessoa	Feminino	-	Homem
13	Masculina	Masculina	Feminino	Feminina	Mulher
14	Masculina	3ª Pessoa	Indefinido	Feminina	Mulher
15	Masculina	3ª Pessoa	Feminino	-	Mulher

Fonte: Autoria própria.

Levando em consideração que um dos elementos principais para analisar uma formação discursiva é a posição de quem enuncia o discurso, consideramos importante verificar

de quem é a ‘perspectiva’ no vídeo, o que definimos a partir da própria ‘câmera’ e/ou pelo ‘título’. O primeiro item foi definido de acordo com o personagem que controla a câmera de forma exclusiva ou por mais tempo. Quanto ao título, verificamos quem é o enunciador da frase que dá nome ao vídeo. Nos dois casos, encontramos perspectivas masculinas, femininas e em 3ª pessoa, com essa última se destacando nos títulos e a primeira sendo mais frequente na perspectiva da câmera.

Com isso, verificamos de quem é o corpo em maior ‘evidência’ no vídeo a partir da análise de quais corpos mais apareciam intencionalmente de forma central, seja pelo tempo de exibição na tela e/ou pelo enquadramento da câmera. Se o elemento descrito no parágrafo anterior fala sobre quem olha/fala, aqui temos uma pista sobre o que e como se olha/fala. Interessante ressaltar que: a) com exceção de três vídeos nos quais esta distinção é imprecisa, em todos os outros o corpo feminino é claramente o mais evidente; b) nos momentos em que a mulher controla a câmera, ela mostra seu próprio corpo, filmando-se no estilo *selfie* (o que não ocorre nenhuma vez na perspectiva masculina).

Procuramos notar também se os personagens detinham seu corpo ‘exibido’ de forma explícita. Definimos que isso se deu toda vez em que a personagem exhibe seu corpo para um olhar, seja o da câmera ou de outro sujeito; ou que a câmera foca com ênfase em alguma parte específica do corpo da personagem, com ou sem o conhecimento de quem é observado. Isso aconteceu majoritariamente com o corpo feminino, em cenas em que as mulheres exibiam seu corpo de forma proposital ou em que a câmera focava principalmente em seus seios e nádegas. A exceção acontece no vídeo 9 (nove), em que os corpos femininos e masculino são exibidos da mesma maneira. No entanto, aqui atentamos para a diferença de que, enquanto os corpos femininos apareciam em câmera lenta e com uma trilha sonora propositalmente excitante, o corpo masculino era exposto de forma caricata, com uma trilha sonora cômica e um tom de deboche ao seu corpo magro e pequeno.

Por fim, identificamos que grande parte dos vídeos denotavam, seja por meio de seus títulos e/ou do contexto narrativo, que pelo menos um dos personagens não possuía inicialmente uma intenção sexual autêntica. Ou seja, ou ela não existiria ou estaria subordinada a outro interesse, o que acabava por gerar uma ‘coerção sexual’. Para cada uma dessas situações, destacamos qual dos personagens é surpreendido ou convencido pelas investidas sexuais do outro. E aqui, com a exceção de 3 (três) vídeos, todos os outros mostravam a mulher como a figura que acaba cedendo ao ato sexual.

Pois bem, as caracterizações feitas até aqui dizem respeito aos padrões mais amplos que foram encontrados nos vídeos. No entanto, existem determinadas particularidades que necessitam de uma discussão mais cuidadosa, tarefa para a qual dedicaremos um espa-

ço específico nas considerações finais deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui, iniciamos corroborando a constatação de que a pornografia é feita prioritariamente a partir do/para o referencial masculino heterossexual, visto que: a) 2/3 (dois terços) dos vídeos coletados foram filmados em uma perspectiva masculina; b) o corpo feminino foi o mais evidenciado e o mais exibido na/para a tela; c) por outro lado, o corpo masculino apareceu bem menos e quase sempre cortado pelo enquadramento da câmera. É partindo desta consideração que faremos o restante de nossas análises.

Assim, mesmo quando o título do vídeo tem uma perspectiva feminina, podemos dizer que ela se constrói a partir do referencial masculino. De fato, analisando os títulos vemos que eles se direcionam ao homem, desafiando-o, provocando-o, pedindo por sexo ou insinuando que seu pênis é tão grande a ponto de machucar⁴. Desafiar, provocar e pedir são interações que supõem a existência do outro como sujeito desejante. No último caso, a frase alimenta a fantasia da potência masculina afirmada pelo tamanho do pênis. Sendo assim, como afirma Williams (1999), ao contrário de uma perspectiva de equiparação em termos da objetificação dos corpos masculinos e femininos na pornografia, a subjetividade masculina é certamente mais presente.

Com efeito, no único vídeo em que o controle da câmera é exclusivamente feminino, a personagem filma a si mesma no início e no fim, deixando a câmera em uma perspectiva de terceira pessoa na maior parte do tempo. Já em todos os vídeos com a perspectiva masculina na câmera a intenção é emular a visão do personagem, como se a pessoa assistindo fosse o homem presente no ato. Em nenhum deles o homem se mostra. Aliado a isso temos que a mulher é quem tem seu corpo mais esquadrihado pela câmera, ampliado na tela ou sendo exibido intencionalmente.

Em relação à objetificação feminina na pornografia, podemos pensa-la a partir da análise das categorias e etiquetas. Conforme já mencionado, na lista das 10 (dez) categorias e etiquetas mais frequentes não temos nenhuma palavra que remeta especificamente ao homem. Temos, no entanto, ‘peitudas’, ‘morenas’, ‘novinhas’, ‘big boobs’, ‘big tits’ e ‘brunette’. Tal forma de classificação incita uma divisão do sujeito em partes. Ou seja, algo próprio da objetificação, que reparte e remonta o corpo feminino segundo o desejo masculino. Na listagem completa de categorias e etiquetas, as únicas que remetem especificamente ao homem são laços familiares (*stepbro*, *stepson*) e ‘pau grande’, novamente reforçando uma

4 Respectivamente: “Eu desafio você a não gozar dentro de mim”; “Eu provoco meu médico e ele acaba me fodendo”; “Pare de estudar e me deixe cavalgar” e “Se a gente fizesse anal toda vez que você me fodesse, eu não andaria mais :)”.

fantasia falocêntrica

Então, concluímos que, pelo menos nos vídeos analisados, a mulher é colocada mais próxima ao objeto e o homem como o sujeito da interação sexual. Além disto, do total de 15 (quinze) vídeos, 14 (catorze) deles terminavam com ênfase na ejaculação masculina, o que fortalece o argumento de que a pornografia se preocupa bem mais com o prazer masculino, já que este é visto como o ápice da encenação.

No que se refere às diferenças na performance de atuação, percebemos que enquanto a mulher geme, suspira e grita de forma mais constante, o homem é sempre mais contido. Ainda que haja gemidos, suspiros ou gritos masculinos, eles são mais esporádicos e quase sempre suprimidos pelos sons que a mulher emite. Mesmo nas cenas de ejaculação masculina é comum que o prazer feminino em receber o esperma seja mais enfatizado que o do homem, o que pode ser constatado também pela via de uma série de expressões faciais bastante exploradas nessas produções.

Isto é, exploradas no que se refere à atuação da mulher, pois a face masculina pouco aparece, fato que nos fornece outra pista acerca da relação que propomos entre papéis de gênero, racionalidade e controle. Nesses termos, é como se o domínio masculino, pautado por um imaginário que o associa a uma maior dose de sobriedade (ao contrário dos ‘naturais’ excessos femininos), ficasse ameaçado caso abundantes expressões de prazer por parte do homem fossem efetivamente apresentadas.

Entendemos então que os vídeos analisados emitem o discurso de que o homem deve ser capaz de conter seu prazer, ao mesmo tempo em que proporciona uma satisfação sexual avassaladora para quem a recebe. Essa mesma continência masculina também aparece na (pouca) exploração do próprio corpo, já que, ao passo em que a mulher estimula a si mesma para além da vagina (também nos seios, nádegas, barriga, boca e pescoço, por exemplo), os homens limitam-se apenas à região genital, usando as mãos exclusivamente para tocar o corpo da mulher e o próprio pênis.

Partindo para outra argumentação, podemos afirmar que, na pornografia, homens e mulheres possuem uma vontade constante por sexo que pode surgir nas mais diversas situações. Contudo, como demonstra a tabela 4, o homem é quem mais aparece sendo capaz de fazer surgir na mulher o seu desejo, utilizando para tanto, conforme os vídeos analisados, técnicas e/ou recursos como chantagem, dinheiro, hierarquia profissional, habilidades com as mãos ou simplesmente uma ereção ‘irresistível’.

Diante disso, aproximando as reflexões teóricas feitas anteriormente aos resultados empíricos da nossa pesquisa de campo, podemos afirmar que a pornografia, tal como expressa em um site como o Pornhub, reproduz o discurso de uma masculinidade que

se afirma por intermédio do controle de si mesmo e dos outros. Nesse sentido, se retornarmos às considerações sobre a relação autoritária entre homem e natureza, cientista e objeto, podemos ver esses mesmos polos se reproduzindo na pornografia: homens que utilizam técnicas e habilidades para administrar o desejo feminino. Essa relação objetiva a sexualidade feminina como um recurso que pode ser utilizado pelo homem segundo sua própria vontade. Interessante notar como é aberto aqui um espaço para o questionamento da crença popular de que o assédio feito por homens se devesse a uma falta de controle sobre sua sexualidade. Pelo contrário, os homens assediariam e violentariam sexualmente porque, enquanto homens, acreditam deter o controle sobre o desejo do outro, capazes de converter o ‘não’ em ‘sim’.

Sem deixarmos de compreender o quanto esse discurso oprime as mulheres e coloca homens em situação de privilégio, atentamos também para certo nível de sofrimento masculino que pode surgir daí. Com efeito, remetendo-nos novamente à metáfora do eterno ritual de iniciação empregada por Adorno (1965/1995), supomos aqui que a constante afirmação de que homens devam ser capazes de manejar o desejo feminino como um objeto os coloca frente à angústia de não conseguir fazê-lo.

Falamos, portanto, de um sofrimento causado pela constante necessidade de provação da capacidade de controle. E aqui não pudemos deixar de notar que todas as páginas de vídeos do *Pornhub* sugerem, no mínimo, 10 (dez) outros vídeos para serem assistidos, com diferentes corpos, incitando assim um percurso de consumo virtualmente infinito pelo site, o que, segundo Cook (2006, p. 56, tradução nossa): “[...] demanda que homens conquistem um número cada vez maior de mulheres para demonstrar sua masculinidade”.

Portanto, a pornografia se estabelece como veiculadora de um discurso sobre a masculinidade hegemônica que possui diversas semelhanças com aquilo que a análise de Horkheimer e Adorno (1944/1985b) criticam sobre uma sociedade que, por meio do uso exacerbado da técnica, valoriza e produz relações de autoritarismo e controle sobre os sujeitos, deles com a natureza e deles entre si e consigo mesmos. Não por coincidência, na lista das categorias e etiquetas mais frequentes temos “POV”, “*point of view*”, “Exclusivo” e “Pornô HD”, todos termos referentes à produção e/ou distribuição do material, confirmando que a preocupação técnica é maior que a de conteúdo.

No entanto, a fim de atingir as potencialidades emancipatórias da sociedade, de nada adianta a produção de vídeos em alta qualidade capazes de fazer seus espectadores emergirem de forma profunda em suas imagens se os discursos veiculados por elas repetem as mesmas circunstâncias e relações que mantém as atuais condições sociais (Horkheimer; Adorno, 1944/1985a). Logo, talvez as representações da sexualidade e dos papéis de gê-

nero na pornografia não sejam um problema tão grande quanto o é o fato de que elas se apresentam como únicas possíveis, ao mesmo tempo em que discriminam modalidades diferentes de ser e de sentir prazer.

Encerramos então chamando a atenção para o quanto essa difusão do ideal de uma masculinidade hegemônica se associa ao projeto mais amplo da modernidade capitalista, pautado pelo controle, racionalidade e autoritarismo. A pornografia (online) parece denunciar bem tal associação pelo fato de ser um tipo de produção menos regularizada legal e socialmente, o que favorece com que seja mais explícita também em suas representações. Mas ela certamente não é a única expressão da indústria cultural a fazê-lo, o que nos convida a outras e renovadas pesquisas e reflexões.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T. W. A indústria cultural (1967). In: COHN, G (Org.). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional, 1978.
- ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz (1965). In RUSCHEL, M. H. (Trad.). *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ADORNO, T. W. Antissemitismo e propaganda fascista (1946). In: ADORNO, T. W. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- ADORNO, T. W.; FRENKEL-BRUNSWIK, E.; LEVINSON, D. J.; SANFORD, R. N. *The authoritarian personality (1950)*. Nova Iorque: Verso, 2019.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. (2015). Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: ADORNO, T. W. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise (1951)*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- BARSS, P. *The erotic engine: how pornography has powered mass communication, from Gutenberg to Google*. Canada: Doubleday Canada, 2010.
- BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Rio De Janeiro: Zahar, 1999.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- COOK, I. Western heterosexual masculinity, anxiety and web porn. *The Journal Of Men's Studies*, v. 14, p. 1, p. 47-63, 2006. <https://doi.org/10.3149/jms.1401.47>
- GARLICK, S. What is a man?: heterosexuality and the technology of masculinity. *Men And Masculinities*, v. 6, n. 2, p. 156-172, 2003. <https://doi.org/10.1177/1097184X03255851>
- GARLICK, S. Taking control of sex? Hegemonic masculinity, technology and internet pornography. *Men And Masculinities*, v. 12, p. 5, p. 597-614, 2010. <https://doi.org/10.1177/1097184X10385851>

org/10.1177/1097184X09341360

- GARLICK, S. A new sexual revolution? Critical theory, pornography and the internet. *Canadian Review Of Sociology*, v. 48, p. 3, p. 221-239, 2011. <https://doi.org/10.1111/j.1755-618x.2011.01264.x>
- GARLICK, S. *The nature of masculinity: critical theory, new materialisms and technologies of embodiment*. Vancouver: UBC Press, 2017.
- HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientia Studia*, v. 5, p. 3, p. 375-398, 2007. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006>
- HORKHEIMER, M. Teoria tradicional e teoria crítica (1937). In: GRÜNNEWALD, J. (Trad.). *Benjamin, Habermas, Horkheimer, Adorno* (pp. 117-154). São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas (1944). In: M. Horkheimer; T. W. Adorno. *Dialética do esclarecimento*. Rio De Janeiro: Zahar, 1985a.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento (1944)*. Rio De Janeiro: Zahar, 1985b.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. O Conceito De Esclarecimento. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento (1944)*. Rio De Janeiro: Zahar, 1985c.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Elementos do anti-semitismo: limites do esclarecimento. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento (1944)*. Rio De Janeiro: Zahar, 1985d.
- KANT, I. *Crítica Da Razão Pura (1781)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- MORAES, E. R.; LAPEIZ, S. M. *O que é pornografia?*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.
- SCHWALBE, M. *Manhood acts: gender and the practices of domination*. Londres: Paradigm Publishers, 2014.
- WILLIAMS, L. *Hardcore: power, pleasure and the "frenzy of the visible"*. Londres: University Of California Press, 1999.

UMA INCURSÃO SOBRE A OBRA DE ARTE, A TECNOLOGIA E A PORNOGRAFIA

Marcos Antonio da Silva Santos Ferreira¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo elaborar uma tentativa de compreender o papel da pornografia através de algumas instâncias, nomeadamente da obra de arte e da tecnologia. Compreender como a obra de arte passou de uma posição erótica para uma posição pornográfica com motivações explicitamente políticas. Para isso, temos como principal referência o texto de Walter Benjamin, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1936) e o texto de Polly Barton, *Porn: An Oral History* (2023).

PALAVRAS-CHAVE

Pornografia; aura; erótico; tecnologia; obra de arte.

ABSTRACT

The aim of this article is to try to understand the role of pornography through a number of different channels, namely: the work of art and technology. To understand how the work of art passed from an erotic position to a pornographic one, with explicitly political motivations. To this end, our main references are Walter Benjamin's work *The Work of Art in the Age of Its Technical Reproducibility* (1936) and Polly Barton's *Porn: An Oral History* (2023).

KEYWORDS

Pornography; aura; erotism; technology; work of art.

¹ Mestrando na linha de pesquisa em Filosofia da psicanálise do programa de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) com bolsa de excelência acadêmica CAPES. Intercambista no programa ERASMUS+ na Katholische Privat-Universität Linz (Winter Semester). Organizador e membro do grupo de estudos e pesquisa FILPSI (Filosofia e psicanálise). Formado em filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-Mail de contato: contactme.marcos@gmail.com

INTRODUÇÃO

Qual o papel da obra de arte em uma sociedade onde a tecnologia reprodutivista alcançou seu apogeu? E, indo além, qual a correlação entre essa reprodutibilidade técnica da obra de obra (como destacou Walter Benjamin) e a pornografia como um modo de produção e reprodução de ideais diversos, do racismo ao fascismo, do fetichismo ao sexismo, da violência a perversão? Esse artigo tem o intuito de abordar a questão da obra de arte atravessada por estas duas instâncias, atualmente tão relevantes e presentes.

Para construirmos essa ponte entre a massificação da obra de arte e a pornografia, buscamos uma diversidade material que tange a filosofia, a psicanálise e a literatura de não-ficção. A principal base para isso é o texto seminal de Walter Benjamin, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1936). Além deste, a obra da escritora e tradutora britânica Polly Barton, *Porn: an oral history* (2023) foi essencial para a elaboração de um pensamento acerca da pornografia que se afasta de simples relatos pornográficos, em direção a conversações acerca da pornografia como um encontro marcadamente subjetivo.

A importância da obra de Barton reside justamente na abertura dada por ela aos seus interlocutores em falarem sobre suas experiências, abertamente e livre de julgamentos. Por fim, outra obra que teremos como suporte à análise aqui desenvolvida, é o arcabouço psicanalítico de Jacques Lacan e Sigmund Freud, em especial os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e o *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1973).

Encontramos, desde a antiguidade, elucubrações acerca do fazer artístico, seus efeitos na sociedade, na juventude e no próprio artista, como podemos ver na *República* de Platão e sua crítica aos poetas. Outra discussão recorrente questiona o papel da obra de arte como ferramenta de comunicação ou seu caráter sublimatório, o quão efetiva ela pode ser. A todos esses questionamentos podemos traçar convergências com o advento da pornografia e sua presença explicitamente próxima.

Deve-se ter em mente que a pornografia deve ser analisada em seus aspectos de controle sexual, sendo assim, deve-se fazer uma análise que leva em conta que esse objeto não é definível apenas pela via da heterossexualidade, em especial, pela via da masculinidade. A pornografia, como objeto de controle, ultrapassa essa circunscrição ingênua. Devemos, também, compreender que a pornografia não se resume ao filme pornográfico e ao seu espectador, ela adentra os espaços sociais, políticos, artísticos e mesmo familiares. Ela pode ser compreendida como ferramenta de subjetivação ou como violação do sujeito, como transgressão da lei.

Finalmente, devemos compreender que tal objeto de estudo merece uma atenção especial não somente por alastrar-se como as chamas de uma queimada, mas por empreen-

der a ilusão de que sua chama não queima. Assim, não apenas se consome pornografia, tornamo-nos nós mesmos pornográficos sem notar as implicações desse novo estatuto. Essa pesquisa surgiu como reflexo das discussões realizadas no âmbito do grupo de estudos FILPSI, durante o ano de 2023 e 2024 e sob a coordenação da prof. Dr.^a Maria Cristina Sparano.

A OBRA DE ARTE, AS MASSAS E A TÉCNICA

Seria impossível refletir sobre obras de arte sem levar em consideração o espectador, sem pensar na posição de troca entre o objeto e o sujeito. Assim como a obra literária existe porque existe o leitor, a obra de arte, em sua totalidade, existe porque existe um olhar que virá por recair sobre ela.

De acordo com Walter Benjamin, a obra de arte grega teria tido, em sua origem, um objetivo distinto daquele que as obras de arte possuem na atualidade. Até então, em seu intróito, ela possuía um valor de culto, ou seja, a obra teria uma função teológica. Seu fim seria o de estabelecer uma relação do humano com o divino. A obra e a sua função eram intrinsecamente ligadas à religião e ao transcendente.

Notadamente, essas representações voltadas ao divino eram encontradas em diferentes meios de reprodução, da tapeçaria às estátuas, de espadas e objetos às paisagens naturais (como pedras e rios). Walter Benjamin escreveu em seu ensaio:

A forma mais primitiva de inserção da obra de arte no contexto da tradição se exprimia no culto. As mais antigas obras de arte, como sabemos, surgiram a serviço de um ritual, inicialmente mágico, e depois religioso. O que é de importância decisiva é que esse modo de ser aurático da obra de arte nunca se destaca completamente de sua função ritual. Em outras palavras: o valor único da obra de arte “autêntica” tem sempre um fundamento teológico, por mais remoto que seja: ele pode ser reconhecido, como ritual secularizado, mesmo nas formas mais profanas de culto do belo. (Benjamin, 1959, p. 171)

Um exemplo que podemos recuperar na história da arte e da evolução humana concerne, exemplarmente, a arte rupestre presente em locais como a Serra da Capivara, localizada no nordeste do Brasil, e *Lascaux*, na França. Utilizadas em vista a representar e compreender os acontecimentos naturais e a vida cotidiana. Notadamente, feitas em cavernas, onde muitas das representações da antiguidade eram encontradas, sendo objeto de adoração para poucos terem acesso.

Com os avanços e mudanças que ocorriam, durante todo o processo histórico da humanidade, essas obras passavam de objetos de adoração para objeto de crítica, de escárnio e chacota. No entanto, conforme a leitura Benjamina, o que elas nunca perdiam era seu caráter aurático, sua autoridade como produto de um momento da história que não se

pode alterar.

O problema trazido pela reprodução massificada de obras de arte é o desafio à autoridade de outrora da obra original, a toda uma tradição. Percebemos esse processo e seus resultados quando já não podemos impedir seu avanço. Escreve ele:

In even the most perfect reproduction, one thing is lacking: the here and now of the work of art - its unique existence in a particular place. It is this unique existence - and nothing else - that bears the mark of the history to which the work has been subject. This history includes changes to the physical structure of the work over time, together with any changes in ownership. Traces of the former can be detected only by chemical or physical analyses (which cannot be performed on a reproduction), while changes of ownership are part of a tradition which can be traced only from the standpoint of the original in its present location. (Benjamin, 2003, p. 253)²

Esse é um dos primeiros aspectos a se perderem com o avanço da modernidade. Consoante a visão de Walter Benjamin, tem-se uma cisão, cisão do fazer artístico com vista ao culto para um fazer artístico essencialmente político, isto é, a criação artística passa a aspirar por estar sob o olhar das massas, de um grande público, daí sua razão de ser.

A obra de arte passaria então por essa transição, primeiramente servindo como parte da relação de contato do humano com o divino, para, em uma segunda instância, integrar um novo campo: o das relações do homem com o próprio homem, ou melhor, deste com as massas.

A obra de arte, sendo agora dotada de uma nova existência no seio social, passa a exercer outra função, que seria uma função prática. Nesse momento, a obra de arte deixa de lado seu caráter autêntico e aurático, e passa, cada vez mais, a integrar as técnicas de reprodução em massa, em especial com o advento da fotografia, de acordo com Benjamin.

A chapa fotográfica, por exemplo, permite uma grande variedade de cópias; a questão da autenticidade das cópias não tem nenhum sentido. Mas, no momento em que o critério da autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política. (Benjamin, 1959, p. 171-172)

Entende-se, portanto, que a noção mesma de arte que possuímos está comprometida

2 “Mesmo na reprodução mais perfeita, falta uma coisa: o aqui e agora da obra de arte – a sua existência única num determinado lugar. É esta existência única – e nada mais – que traz a marca da história a qual a obra foi sujeita. Esta história inclui alterações na estrutura física da obra ao longo do tempo, juntamente com quaisquer mudanças de propriedade. Os vestígios das primeiras só podem ser detectados mediante análises químicas ou físicas (que não podem ser efetuadas numa reprodução), enquanto as mudanças de propriedade fazem parte de uma tradição que só pode ser rastreada do ponto de vista do original, no seu local atual” (Tradução própria).

por este *fazer* arte como reprodução ilimitada e despida de autenticidade singular. A relação que construímos com essas obras é baseada em uma relação de desejo, pela vontade de possuir.

Podemos, por exemplo, pensar sobre as figuras do cinema com as quais muitos indivíduos constroem relações parassociais, uma relação de adoração. Esses personagens são construídos para saciar uma falta desse público. Eles se tornam objeto de consumo e desejo baseados tão somente em imagens que se sustentam na tentativa, ou na possibilidade de consumação.

Sigmund Freud, em seu texto *O mal-estar na civilização* (1930), nos traz uma interessante reflexão acerca da relação entre os ideais divinos do homem e a cultura, mais especificamente sobre, de um lado, o afastamento do homem desse divino, e por outro, da proximidade que este se encontra de Deus. Freud irá chamá-lo de homem de Deus protético. Um homem que administra, em si, a tecnologia de aperfeiçoamento, de transmutação, que o levaria às fronteiras de algo que, podemos entender como Deus. Assenta ele:

Pode-se então dizer que os deuses eram ideais culturais. Agora ele aproximou-se bastante desse ideal, tornou-se ele próprio quase um deus. Claro que apenas na medida em que os ideais, no julgamento geral dos homens, costumam ser alcançados. Não inteiramente, em alguns pontos de modo algum, em outros somente em parte. O ser humano tornou-se, por assim dizer, uma espécie de deus protético, realmente admirável quando coloca todos os seus órgãos auxiliares; mas estes não cresceram com ele, e ocasionalmente lhe dão ainda muito trabalho. Ele tem o direito de consolar-se, porém, com o fato de que essa evolução não terminará justamente no ano da graça de 1930. Épocas futuras trarão novos, inimagináveis progressos nesse âmbito da cultura, aumentarão mais ainda a semelhança com Deus. Mas não devemos esquecer, no interesse de nossa investigação, que o homem de hoje não se sente feliz com esta semelhança. (Freud, 2010, p. 52)

Podemos ver aqui, na interpretação freudiana do papel da tecnologia na cultura, uma sequência de questões surgidas com o advento da tecnologia moderna. Por exemplo, o afastamento de Deus, correlato ao afastamento objetivo do uso da obra de arte em sua aurora.

Como aponta Benjamin, em muitos casos a reprodução técnica de obras de arte pode deixar intactos certos elementos do original, mas fazem também com que este perca seu valor, movimento este que se estende para além do campo das artes.

The situations into which the product of technological reproduction can be brought may leave the artwork's other properties untouched, but they certainly devalue the here and now of the artwork. And although this can apply not only to art but (say) to a landscape moving past the spectator in a film, in the work of art this process touches on a highly sensitive core, more vulnerable than that of any natural object. That core is its authenti-

city. The authenticity of a thing is the quintessence of all that is transmissible in it from its origin on, ranging from its physical duration to the historical testimony relating to it. Since the historical testimony is founded on the physical duration, the former, too, is jeopardized by reproduction, in which the physical duration plays no part. And what is really jeopardized when the historical testimony is affected is the authority of the object”. (Benjamin, 2003, p. 254)³

Ambas, a pornografia e a cópia da obra de arte, servem um mesmo propósito: aproximar o indivíduo de uma experiência. Essa experiência exorta objetivos políticos de controle. Michel Foucault, por exemplo, se volta para a pornografia como objeto de captura de identidades (ou desejos). A partir de uma leitura das relações de poder como fruto de todos os elementos constituintes da sociedade, todos seus participantes, o que cria uma rede de policiamento, tanto do sujeito e seus prazeres, como dá abertura para o policiamento de outros (seu vizinho, professores, etc.).

the belief that pornography is a ‘natural’ drive is integral to making individuals self-policing. Being a strategy of biopower, it allows power to establish its control at the level of pleasure and guide the individual sexual conduct. Moreover, through confession to pornography, individuals unconsciously authorise it to reveal the truth about their sexual identities. Consequently, this causes a multiplication of sexualities, but also the establishment of the categories of ‘normality’ and ‘deviancy’, based on which perverse sexualities are constructed”. (Kurylo, 2017, p. 72)⁴

A relação entre a vigilância do meu corpo e do corpo do outro toma proporções nefastas, por exemplo, durante o terceiro *Reich*, com a propaganda nazista. Durante o

3 “As situações para as quais o produto da reprodução tecnológica pode ser levado podem deixar intocadas as outras propriedades da obra de arte, mas certamente desvalorizam o aqui e agora da obra de arte. E embora isto se possa aplicar não só à arte, mas (digamos) a uma paisagem que passa pelo espectador num filme, na obra de arte este processo toca num núcleo altamente sensível, mais vulnerável do que o de qualquer objeto natural. Esse núcleo é a sua autenticidade. A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que nela é transmissível desde a sua origem, desde a sua duração física, até ao testemunho histórico que lhe diz respeito. Uma vez que o testemunho histórico se baseia na duração física, também o primeiro é posto em causa pela reprodução, na qual a duração física não desempenha qualquer papel. E o que é realmente posto em cheque quando o testemunho histórico é afetado é a autoridade do objeto” (Tradução própria).

4 “A crença de que a pornografia é uma pulsão “natural” faz parte integrante do autopolicimento dos indivíduos. Sendo uma estratégia de biopoder, permite ao poder estabelecer o seu controlo ao nível do prazer e orientar a conduta sexual individual. Além disso, através da confissão à pornografia, os indivíduos autorizam-na inconscientemente a revelar a verdade sobre as suas identidades sexuais. Consequentemente, isto provoca uma multiplicação das sexualidades, mas também o estabelecimento das categorias de “normalidade” e “desvio”, com base nas quais são construídas sexualidades perversas” (Tradução própria).

período buscou-se construir uma imagem do corpo ideal, da raça superior. Para isso, foi necessário criar um corpo que fosse, ao contrário, abjeto, um corpo que fosse repulsivo. O corpo escolhido era aquele do judeu, com seu nariz e tez grandes, olhar ameaçador e perversão sexual.

Uma imagem recorrente utilizada para enfatizar o caráter desviante do judeu era o de que este seria uma ameaça para as jovens mulheres alemãs, as quais ele poderia violar. Podemos ver isso nas imagens propagandistas a seguir. As duas primeiras imagens foram publicadas no *Der Jude also Rassenchaender: Eine Anklage gen Juda und Eine Mahnung an die deutschen Frauen und Maedchen*⁵ (1935); a terceira imagem foi criada por Phillip Rupprecht por volta de 1924 e encontrada apenas em 1945, representando um judeu vendendo mulheres em sua vitrine:



Imagem 1. Fonte: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1067910>



Imagem 2. Fonte: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1067904>

5 “O judeu como profanador de raças: Uma acusação contra Judá e um aviso às mulheres e garotas alemãs” em tradução livre.



Imagem 3. Fonte: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn8380>

Aqui se estabelece uma relação entre o feio, o inimigo e o pornográfico. A construção de um inimigo comum ao povo alemão era criada também a partir de dispositivos sexuais, a partir de um indivíduo normal, por um lado, e um anormal, por outro. É importante notar que o corpo ariano, masculino ou feminino, era, ao mesmo tempo, simbolicamente construído através da idealização grega de seus deuses e heróis pelas lentes de Leni Riefenstahl⁶.

Essa criação de corpos é analisada em detalhe por Daniel Wildmann em seu texto *Desired Bodies: Leni Riefenstahl's Olympia, Aryan Masculinity and the classical body* (2017)⁷. Escreve ele:

We can view Riefenstahl's bodies as the visual imaginary that responds to a desire and is itself desired. These bodies can show us how Nazism communicated, how it linked up to a collective memory and cultural code, and how it believed it could influence action. For this reason, I consider Riefenstahl's bodies as "desired bodies" in the sense that they are bodies offered to a public which is meant to enjoy them and which will (perhaps) draw the right conclusions (Wildmann, 2017, p. 65).⁸

Estes corpos correspondem a um desejo de idealização que supera até mesmo o plano terreno, traduzindo, através do cinema, esses corpos como herdeiros de um legado heróico e divino.

6 Diretora responsável por filmes propagandistas como *Olympia 1. Teil - Fest der Völker* (1938) e *Olympia 2. Teil - Fest der Schönheit* (1938). Festa das nações e Festa da beleza, respectivamente.

7 Presente na obra *Brill's Companion to the Classics, Fascist Italy and Nazi Germany* (2017). A referência completa pode ser encontrada em nossa bibliografia.

8 "Podemos ver os corpos de Riefenstahl como o imaginário visual que responde a um desejo e é ele próprio desejado. Estes corpos podem mostrar-nos como o nazismo comunicava, como se ligava a uma memória coletiva e a um código cultural, e como acreditava poder influenciar a ação. Por esta razão, considero os corpos de Riefenstahl como "corpos desejados", no sentido em que são corpos oferecidos a um público que os deve apreciar e que (talvez) tire as conclusões corretas" (Tradução própria).

Nesse mesmo plano, a reprodução técnica da fotografia se colocou como uma ferramenta essencial de propaganda. Unindo o apelo visual e uma ideologia, pode-se atravessar o imaginário das massas, construindo uma memória coletiva que ultrapassa a simples identificação, chegando a tocar, até mesmo, o inconsciente coletivo, sendo passado em gerações futuras através da linguagem, do cinema e outras artes, etc.

Wildmann aponta ainda:

It is useful here to recollect Silke Wenk's description of the visual and ideological connections between various female bodies commissioned by the Third Reich for photo reproduction on postcards and in newspapers. The images involved both Nazi sculpture oriented toward antiquity and contemporary photographic nudes. Frequently, the two sorts of naked body were brought together in a single image (Wildmann, 2017, p. 68).⁹

Pode-se compreender então como a reprodutibilidade técnica pôde ser utilizada como ferramenta política de dominação, além, claro, da transformação de obras de arte, outrora dedicadas ao culto, em ferramentas políticas. E nesse processo, podemos observar a forma como a pornografia foi utilizada para construir inimigos de uma nação, a consolidação da oposição de uma conduta sexual "normal" (ariana) e outra pervertida e "anormal" (judia).

A nudez encontrada na representação judaica era pornográfica, enquanto a nudez "ariana" era dotada de um esplendor erótico que focava no corpo destes como um corpo saudável e em união com a natureza (Wildmann). Uma nudez utilizada como ferramenta de subjetivação para uma raça supostamente superior.

O PORNOGRÁFICO, O ERÓTICO E A AURA

Tendo agora a ideia de uma arte dissolvida em ideais políticos, gostaríamos de apontar, análogo a essa mudança, o avanço de ideais pornográficos em contempto ao erotismo, necessário a criação artística. O erótico é compreendido aqui como o desejo pela criação de algo, como aquilo que move o sujeito a agir no mundo, a se utilizar de ferramentas para compreender tal mundo.

Poderíamos apontar que esse erotismo estaria por detrás até mesmo das pinturas rupestres citadas ao início do artigo, naquilo que são formas de tentar compreender e representar o mundo ao nosso redor. Assim como apontamos acima, a um contraste claro entre

9 "É útil recordar aqui a descrição de Silke Wenk das ligações visuais e ideológicas entre vários corpos femininos encomendados pelo Terceiro Reich para reprodução fotográfica em cartões postais e em jornais. As imagens envolviam tanto esculturas nazis orientadas para a antiguidade como nus fotográficos contemporâneos. Frequentemente, os dois tipos de corpos nus eram reunidos numa única imagem" (Tradução própria).

o pornográfico e o erótico, enquanto um, apaga a subjetividade dos indivíduos e os transforma em produtos de consumo (ou de ferramentas políticas), o outro pode ser utilizado para construir subjetividades calcadas na beleza (artística) e a tentativa de transformar a si mesmo no objeto de beleza.

O Eros é um dos elementos primordiais na vontade de conhecimento e mais profundamente ainda no cuidado de si, como podemos apreender a partir dos escritos de Michel Foucault. Essa vontade de conhecimento é reorientada para o sexo, onde se incentiva falar sobre o sexo. É preciso que se possa entender e catalogar os tipos de sexo possíveis e circunscrever os indivíduos a essas posições bem definidas, onde o sexo limita e é, ao mesmo tempo, limitado. Kurylo observa que:

Since the 1960s, pornography has been one of the major microphysical ‘Panoptisms’ that surveils the population. It is a major device ‘for listening, recording, transcribing, and redistributing’ sex and inciting the will to ‘knowledge of pleasure’ (Ibid.). The new governmental strategy has been embedded in the law, which simulates a movement towards de-repression by legalising pornographic imagery. In reality, through the continuous incitement to voyeurism, pornography allows power to penetrate into ‘the rare and scarcely perceivable forms of desire’ (Ibid., 11). (Kurylo, 2017, p. 77)¹⁰

A pornografia se torna uma ferramenta de captura dos desejos sexuais, servindo como ferramenta para compreender o sujeito e suas pulsões de forma a controlar tais impulsos, através da pornografia como atividade solitária, que dá a ilusão de controle, de posse ao sujeito.

Como aponta Jeanne Marie Gagnebin, apesar de não encontrarmos em Walter Benjamin uma teoria que trabalhe direta e apropriadamente do erótico, podemos discernir que existe sim uma relação entre o erótico e a aura com a qual o autor trabalha. O erótico é encontrado na distância entre o humano e o objeto, em outras palavras, entre o sujeito e a obra de arte. Ao analisar a filologia do termo utilizado por Walter Benjamin em *Nähe und Ferne* para denotar a ideia de distância (Ferne), Gagnebin escreve:

Como a maior parte das línguas indo-européias, o alemão parece ter poucas palavras para dizer o próximo e a proximidade, ao passo que as expressões de distância são numerosas. Em alemão temos por exemplo *Distanz*, do francês *distance*, *Abstand*, recuo, *Ferne*, o longínquo, afastado, *Entfernung*, afastamento. A raiz *fern* indica a distância, mas tem uma

¹⁰ “Desde os anos 60, a pornografia tem sido um dos principais “panoptismos” microfísicos que vigiam a população. É um dispositivo importante “para escutar, registrar, transcrever e redistribuir” o sexo e incitar a vontade ao “conhecimento do prazer” (Ibid.). A nova estratégia governamental foi incorporada na lei, que simula um movimento de des-repressão ao legalizar as imagens pornográficas. Na realidade, através do incitamento contínuo ao voyeurismo, a pornografia permite ao poder penetrar nas ‘formas raras e pouco perceptíveis do desejo’” (Tradução própria).

conotação que distingue tal afastamento de uma simples distância objetiva e mensurável. Enquanto vários procedimentos podem aproximar um objeto distante e colocá-lo à disposição do sujeito, o longínquo (*fern*) mantém uma certa independência que torna o espaço até ele intransponível, pelo menos no quadro de operações funcionais. Posso me aproximar de um objeto distante que desejo possuir, mas não posso apropriar-me do *fern* porque o longínquo, no seu essencial afastamento, ultrapassa o quadro de ações teleológicas: trata-se de uma distância que a ação instrumental do sujeito não consegue abolir. Esse caráter de independência e de inatingível transforma o longínquo em símbolo do sagrado, mas também do cósmico e do infinito do tempo (Gagnebin, 2008, p. 40).

Destaca-se a forma como a noção de distanciamento, aqui empregada, implica a impossibilidade de possuir o objeto desejado, a impossibilidade de consumir algo em sua totalidade, a totalidade erótica/aurática da obra de arte, ela sempre se mantém a distância. Isso implica, antes de tudo, que nesse aspecto, o desejo não impera soberano sob o desejado. Antes de se deixar possuir, o objeto se modifica, vira outro. Em sua relação de proximidade excessiva com o indivíduo, a obra não passa de uma vulgaridade, do *vulgus*.

Ao tratar da obra de arte como, nesse momento, sujeita a reprodutibilidade técnica, para que o acesso a ela seja feito por todos, de qualquer forma e maneira, Benjamin indica que esse movimento de trazer para perto, de possuir, de ter poder sobre uma obra de arte, de possuir ela em sua totalidade, como experiência, é onde a aura erótica se perde. A relação para com ela passa a ser puramente sexual, ou como queremos demonstrar neste ensaio, passa a ser uma relação pornográfica, ambas caracterizadas por sua insurgência frente às demandas por gozo rápido.

Além disso, como apontou Gagnebin, o cunho distante e inatingível da obra e sua longevidade caracterizavam, possivelmente, o próprio desejo pela imortalidade. Enquanto, nesse novo momento da arte, de sua reprodutibilidade pornográfica, deparamo-nos com os desejos múltiplos que caracterizam nosso encontro com a inevitável verdade da morte. Não buscamos mais a imortalidade, em suas variadas formas, apenas o saneamento dos desejos.

Segundo Bauman (1997), as identidades vão-se adaptando a cada momento. Vivemos um tempo fragmentado que parece ter-se perdido do passado e do futuro e onde esquecer é tão ou mais importante que lembrar. É um mundo de objetos efêmeros, criados para cair rapidamente em desuso. As identidades podem ser adotadas e descartadas como troca de roupas. Há a determinação de viver um dia de cada vez, uma recusa a não se fixar, não jurar coerência nem lealdade a nada nem a ninguém, não controlar o futuro e reduzir o fluxo do tempo a um presente contínuo. (Magalhães Gomes, 2001, p. 8)

É importante notar que a relação do erótico e do pornográfico não é uma relação bem demarcada, onde o fim de uma marca, necessariamente, o início da outra. Esta é uma

relação extremamente tênue. Sobre isso, Jeanne Marie, em sua análise, escreve:

Se Eros se nutre do longínquo e da distância, não existe nem sexo nem sexualidade sem uma extrema proximidade, como o ressaltava Benjamin no início desse fragmento. Assim dois perigos ameaçam o delicado equilíbrio de Eros e do sexo: uma distância ou uma proximidade demasiado grandes, seja sob a forma da idealização platônica, seja sob a da promiscuidade, conjugal ou não. (Gagnebin, 2008, p. 41)

O pornográfico é, justamente, aquilo que agora se encontra sob uma proximidade excessiva, aquilo que passa a ser de fácil acesso, tão fácil e tão comum que se torna banal. A reprodutibilidade técnica banaliza o acesso à arte, pois ele o torna refém das massas e dos seus ideais políticos. Quando se passa a consumir arte como se consome qualquer outro conteúdo, passa-se a exercer uma atitude pornográfica frente a vida. Entenda-se, que quando falamos do pornográfico, referimo-nos a vida política, social, familiar e até mesmo a relação de um para consigo mesmo.

O diagnóstico de Walter Benjamin sobre a obra de arte na atualidade pode ser, e deve ser, interpretado não somente como teoria estética, mas também como um diagnóstico das nossas relações para além da arte. Tudo isso se torna reflexo das formas como nós nos relacionamos com o mundo. Gagnebin escreve:

a perda da aura, a famosa “desaturização”, é um fenômeno que não pode ser reduzido a uma transformação do estatuto contemporâneo da arte. É um fenômeno estético no sentido etimológico amplo de uma transformação da percepção humana, isto é, da percepção do mundo, do(s) outro(s) e de si mesmo. (Gagnebin, 2008, p. 44)

Em contraste com esse distanciamento erótico, e aproximação do pornográfico, podemos notar como, na pornografia, essas mudanças se tornam visíveis. A pornografia reflete justamente tudo aquilo que se deseja, consciente ou inconscientemente, porém, que relegamos a ordem do secreto. Na obra *Porn: an oral history* (2023), a tradutora e escritora Polly Barton aborda bem essa questão nos diálogos que mantém com amigos e conhecidos acerca da relação destes com a pornografia.

A obra de Barton consiste em dezenove diálogos com amigos e conhecidos de diferentes gêneros, sexualidades e etnias, acerca da pornografia e das formas como eles consomem esse material. É interessante notar, como, ao decorrer dessas conversas, se torna mais fácil falar sobre a pornografia para seus interlocutores, e para a própria autora, assumir o consumo e as discrepâncias para com o discurso adotado por eles em outras áreas da vida.

Falando sobre pornografia, pode-se, concomitantemente, discernir aspectos não tão belos sobre nossas próprias relações com o mundo. O medo, por exemplo, da própria

Polly Barton em ser percebida como uma *expert* da pornografia ou como alguém que consumia muito conteúdo pornô. Mulheres casadas que escondem o hábito de assistir a vídeos pornôs de seus parceiros. Mais interessante, acima de tudo, é a abertura que Barton dá para seus interlocutores de falar.

Um aspecto dessa relação com o mundo, e até mesmo com a nossa própria psiquê, se mostra evidente no uso da pornografia como forma de lidar com traumas através da violência no sexo. Essa violência, tão presente na pornografia, em especial na retratação de mulheres (brancas, negras, cisgênero, transgênero, etc.), é muito indicativa da relação da pulsão e seus desvios.

Um exemplo interessante, mas que, no entanto, encontra pouca atenção dos estudos acerca do nazismo diz respeito a ficção *stalag* (*Stalag Fiction*) que foi uma forma de literatura pornográfica criada e vendida em Israel, por volta da mesma época do julgamento de Eichmann, em 1961.

Esse tipo de literatura tinha como principais personagens soldados estadunidenses e britânicos que eram capturados durante a segunda guerra e enviados para campos de concentração (*stalags*). No entanto, os guardas de tais campos eram mulheres, mulheres sádicas. Estas, cometiam diversos tipos de abusos, físicos e sexuais. Ao final, depois de todos os tipos de abusos, os soldados capturados conseguiam fugir e se vingar de suas algozes. A ficção *stalag* era permeada de sexo envolto em violência, cometida por mulheres, mas que depois sofriam as consequências de seus atos. Amit Pinchevski e Roy Brande observam bem esse pequeno momento da história em seu artigo *Holocaust Perversions: The stalags Pulp Fiction and the Eichmann Trial* (2007), onde apontam que:

the Stalags can be read as a cultural text upon which the young generation negotiated issues of power, identity, and sexuality vis-a-vis the parents' generation on the one hand, and Zionist ideology, on the other. This interpretation highlights a crucial fact: for young Israelis of that time, coming to know about the Holocaust was intimately linked with the coming of puberty and the initiation into national identity. The Stalags reveal a generation's simultaneous initiation into adulthood, nationhood, and victimhood. (Pinchevski; Brande, 2007, p. 388)¹¹

Os autores apontam, como um dos motivos por detrás desse tipo de literatura, a influência de revistas masculinas estadunidenses, onde havia uma certa angústia, desses

11 “Os stalags podem ser lidos como um texto cultural, sobre o qual a geração mais jovem negociava questões de poder, identidade e sexualidade, frente a frente com a geração e seus pais, por um lado, e a ideologia sionista, no outro. Essa interpretação dá ênfase a um fato crucial: para os jovens israelenses daquela época, conhecer mais sobre o holocausto era algo que estava intimamente ligado a chegada da puberdade e a iniciação em uma identidade nacional. Os stalags revelam a iniciação simultânea de uma geração na vida adulta, no nacionalismo e na condição de vítima” (Tradução própria).

homens, frente ao papel cada vez mais “masculino” adotado pelas mulheres com o feminismo (além de questões raciais e econômicas). Sendo assim: “These threats to traditional white masculinity were transported, so it seems, into a phantasmatic realm where Nazi iconography symbolized a suppressed manhood ridding itself from women whose power lies in their ability to seduce” (Pinchevski; Brande, 2007, p. 391)¹²

É notável a relação entre a pornografia como locus de pulsões perversas, como podemos denotar da leitura das obras de Sigmund Freud e Jacques Lacan. E, como estabeleceu Lacan no *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1985): “Se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito” (Lacan, 1985, p. 170).

A repetição (um eterno retorno) não é outra coisa senão uma busca por satisfazer as pulsões perversas em seu objetivo¹³, ou, podemos colocar que a repetição é a busca pelo constante gozo idiota do pênis. Daí a pornografia como afastamento do outro, do afastamento mesmo da relação real e o consequente esfacelamento do sujeito causado pela pornografia.

Vocês percebem aí a ambiguidade do que se trata quando falamos da porção escópica. O olhar é esse objeto perdido, e repentinamente reencontrado, na conflagração da vergonha, pela introdução do outro. Até aí, o que é que o sujeito procura ver? O que ele procura ver, saibam bem disto, é o objeto enquanto ausência. O que o voyeur procura e acha é apenas uma sombra, uma sombra de trás da cortina. Aí ele vai fantasiar não importa que magia de presença, a mais graciosa das mocinhas, mesmo que do outro lado haja apenas um atleta peludo. O que ele procura não é, como se diz, o falo – mas justamente sua ausência, donde a preeminência de certas formas como objetos de sua pesquisa. (Lacan, 1985, p. 173)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção final por detrás desse artigo concerne a uma tentativa de colocar a pornografia como um elemento essencial em nossa compreensão dos mecanismos de subjetivação e de captura dessas subjetividades. Utilizando-nos da pornografia podemos entrever sua relação com a sexualidade e as pulsões, mas também com tudo aquilo que, no campo social, não podemos desviar o olhar, nomeadamente: o racismo, machismo, violência, capacitismo e ideais totalitários.

¹² “Essas ameaças a masculinidade tradicionalmente branca foram transportadas, pelo que parece, a um reino fantasmático onde a iconografia nazista simbolizava uma masculinidade reprimida que se libertava de mulheres cujo poder residia na sua capacidade de seduzir” (Tradução própria).

¹³ Para maior compreensão acerca da repetição ver NÁSIO, J. D. *Por que repetimos os mesmos erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Graças a obra de Polly Barton, podemos pensar a escuta psicanalítica através do mesmo movimento que a autora faz, permitindo que seus interlocutores rastreiem, em sua própria história, sua relação com a pornografia e seus efeitos em suas vidas sexuais. Esse movimento não visa uma catalogação da sexualidade, mas uma tentativa de compreender o silêncio em torno da pornografia, sempre presente e raramente discutida.

BIBLIOGRAFIA

- BARTON, Polly. *Porn: an oral history*. Fitzcarraldo Editions, 2023.
- BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica*. In: *Magia e Técnica, Arte e política*. Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *Selected Writings, volume 4, 1938-1940*. Estados Unidos: Harvard University Press, 2003.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. A questão do “Eros” na obra de Benjamin. *Artefilosofia*, v. 3, n. 4, p. 39-44, 2008.
- GOMES, Márcia Magalhães. *O mal-estar na civilização: a influência da tecnologia e o papel da educação*. In: *Reunião anual da ANPED, 24^a.*, 2001, Caxambu. Anais [...]. Caxambu: ANPED, 2001.
- KURYLO, Bohdana. Pornography and power in Michel Foucault’s thought. *Journal of Political Power*, v. 10, n. 1, p. 71-84, 2017.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LYRA, Edgar. Heidegger, Tecnologia e Arte: impasses contemporâneos. *Revista Enunciação*, v. 3, n. 1, 2018.
- NÁSIO, J. D. *Por que repetimos os mesmos erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- WILDMANN, Daniel. *Desired Bodies: Leni Riefenstahl’s Olympia, Aryan Masculinity and the Classical Body*. In: *BRILL’S Companion to the Classics, Fascist Italy and Nazi Germany*. Holanda: Brill, v. 12, p. 60-81, 2017.

A PORNOGRAFIA COMO UMA QUESTÃO LÓGICA E PSICANALÍTICA

Maria Cristina de Távora Sparano¹

RESUMO

O tema da pornografia (pornô) suscita muitas questões de ordem filosófica, moral, política, dos bons costumes, da legalidade e também da psicanálise. Esta última aborda o tema do sexo, prazer e dominação, conseqüentemente do real do corpo. Prazer e gozo, caros à psicanálise lacaniana, têm na palavra, na estrutura e no movimento dos quatro discursos (do mestre, da universidade, da histérica, do analista) e, ainda, do quinto (o capitalista), assim como no matema da sexuação, uma possibilidade de contornar o vazio deixado pelo gozo no sujeito evidenciado na pornografia. É pela linguagem que se abre uma possibilidade para que o tema seja lido e os sujeitos “escutados”, seguindo a norma psicanalítica da atenção flutuante, na análise de relações sociais e sexuais.

PALAVRAS-CHAVE

Pornografia; escuta psicanalítica; Jacques Lacan; prazer; gozo.

ABSTRACT

The subject of pornography raises many philosophical, political, moral, legal and psychoanalytic questions. The latter addresses the issues of sex, pleasure and domination, and consequently the reality of the body. Pleasure and *jouissance* have, in the word, in the structure and in the movement of the four discourses (of the master, university, hysteric and of the analyst, plus the discourse of the capitalist), as well as in the mathemes of sexuation, a possibility of circumventing the void left by the *jouissance* (as evidenced in pornography.) It is through language that a possibility arises for the theme to be read and the subjects “listened to,” following the psychoanalytic norm of floating attention, in the analysis of social and sexual relationships.

KEYWORDS

Pornography; psychoanalytical hearing; Jacques Lacan; pleasure; *jouissance*.

¹ Professora sênior do Programa de Pós-Graduação Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), membro do GT Filosofia e psicanálise. Coordenadora do grupo de estudos e pesquisas FILPSI (2020-atual) e autora do livro *Memórias de significação* publicado pela editora CRV (2022).

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como presente objetivo elaborar uma discussão acerca da pornografia, tendo como principal elemento de discussão o gozo e a escuta psicanalítica. Ambos, elementos primordiais para construção de uma conversação sobre a pornografia como *locus* privilegiado de exploração, do gozo e do corpo, e das perversões, constituintes de todos. Com este fim, propomos uma teorização da pornografia como elemento de mais-gozo, ou melhor, mais-valia, dentro de um sistema de incitação ao gozo recorrente. Um sistema caracteristicamente parasitário, o capitalista.

Este projeto vem se tornando uma realidade nos últimos anos, graças a três momentos epistolares: o primeiro, foi o encontro com uma matéria escrita por Polly Barton, autora e tradutora britânica. O artigo, intitulado *My year of talking about porn*, foi publicado no *The New York Times International Edition* em 14 de março de 2023, como preparação para o lançamento de sua obra *Porn: An oral History* (2023).

A obra de Barton reúne, em dezenove conversas, o relato de amigos e conhecidos acerca de suas experiências com a pornografia: do encontro inicial com esse objeto, da relação construída com esse após o ponto inicial, e os efeitos que essa descoberta do sexo, através de sua espetacularização, deixou em seus interlocutores.

O segundo momento de iluminação foi uma cena. Uma cena ocorrida durante a pandemia de COVID, em 2020, enquanto participava de um encontro do grupo de pesquisa *Thumos Seminair*, da UNIGE (via zoom): hackers invadiram a sala de reunião exibindo uma cena de pedofilia entre dois homens e três garotas, por volta de uns 10 anos. Essa cena, não esperada, em um momento de fragilidade como foi a pandemia, desestabilizou a todos.

O terceiro momento é recorrente, trazido por alunos, que muitas vezes pedem por exemplos do real. No entanto, o real, como sabemos, a partir da lógica aristotélica, se situa no ponto do impossível, determinando o que não pode ser. Não descobrimos o real, deparamo-nos com ele.

Como acessar esse real, como trazê-lo à tona, senão pela psicanálise, falando dele? Nessa empreitada, nos propomos a falar dele, do real, ao conceituar quatro elementos específicos: o sexo, a pornografia, o gozo e o prazer.

Em paralelo a tais momentos, apontamos, também, o trabalho exercido no grupo de estudos lacaniano FILPSI, desde 2016, tendo como principal objetivo o estudo da obra lacaniana com vistas ao social, pensando a sociedade por intermédio da filosofia e da psicanálise.

Por fim, podemos localizar a pornografia em sua presença marcadamente manifesta,

em todos os campos da vida em sociedade, transitando entre as relações e, ao mesmo tempo, as moldando. Jacques-Alain Miller, em 2016, apresentou-se no X congresso da AMP, no Rio de Janeiro, com o texto *O inconsciente e o corpo falante*. Nesse, o psicanalista chama atenção para a pornografia como o objeto para pensarmos o paradigma do corpo, como aquele que se dá (ao espetáculo) e que se fecha sobre si mesmo, em repulsa ao outro. Detalha ele:

Como não termos, por exemplo, a ideia de uma fissura quando Freud inventou a psicanálise, se assim podemos dizer, sob a égide da rainha Vitória, paradigma da repressão da sexualidade, ao passo que o século XXI conhece a difusão maciça do que é chamado de *pornô*, ou seja, o coito exibido, tornado espetáculo, *show* acessível a cada um pela internet por meio de um simples clique com o *mouse*? De Vitória ao *pornô*, não apenas passamos da interdição à permissão, mas à incitação, à intrusão, à provocação, ao forçamento. O que é o *pornô* senão uma fantasia filmada com uma variedade própria para satisfazer os apetites perversos em sua diversidade? Nada melhor que a profusão imaginária de corpos se entregando a um «se dar» e a um «se pegar» para mostrar a ausência da relação sexual *no real*. (Miller, 2016, s.p.)

Não podemos escapar desse movimento, senão pela via da fala e da escuta, possibilitadas pela psicanálise.

A PORNOGRAFIA COMO QUESTÃO

Algumas questões apresentaram-se a nós: mas, afinal, o que seria ou o que é a pornografia? Quais são os limites da pornografia? Como resposta à última, podemos dizer que seus limites são morais, políticos e religiosos.

Para as pesquisas que realizamos aqui, o livro de Alenka Zupančič, *O que é sexo?* (2023), foi de importância capital após termos nos aproximado de outros autores, como Michel Foucault com *A vontade de saber* (1976), J. D. Násio com o texto *Por que repetimos os mesmos erros* (2013), e Serge André com *A significação da Pedofilia*² (1999). Além dos autores citados acima, outros pontos de ancoragem dessa pesquisa foram as obras já solidificadas de Sigmund Freud e seu *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), com o adendo da questão da pulsão, muito evidentemente e, também, Jacques Lacan, com o seminário *A Lógica do fantasma* (2023) com a questão do corpo (capítulos XVIII e XIX).

Alenka Zupančič, assim como Slavoj Žižek, da escola eslovena (Academia Eslovena de Ciências e Artes), têm atualmente uma contribuição importante no campo da teoria social e da psicanálise, para a qual o sexo não é redutível à normatividade biológica nem a construtivismos simbólicos da sociedade. O sexo é desvio ou errância de uma norma

2 “*La signification de la pédophilie*” foi uma conferência concedida por Serge André em 1999 em Lausanne.

que não existe, numa clara referência a Alain Badiou. É uma falha entre o ontológico e o epistemológico, uma inconsistência ontológica do ser.

Subvertendo a ontologia, Zupančič vem por situar o sexo como uma entrada privilegiada para contradições e antagonismos que nos obrigam a refletir quando nos envolvemos com esse significante.

Não se trata de uma desconstrução, mas de uma des-identidade em relação ao pensar ontológico que reabilita o corpo, empurrando tudo para fora do si mesmo.

O GOZO COMO RESPOSTA

Jacques Lacan propõe uma saída para o gozo que vai além do utilitarismo, mesmo quando bem fundamentado, como no pensamento de Bentham (1748-1832) (na *Teoria das Ficções*, compilado de textos do autor publicado em 2007, com organização de C. K. Ogden) e sua teoria utilitarista. Isso é aparente, por exemplo, quando aponta que o “valor de uso” de um bem não coincide, necessariamente, com seu “valor de gozo”, pois, para Bentham, a ideia de felicidade geral, ou interesse da comunidade em geral, está relacionada ao resultado de um cálculo hedonista, isto é, a soma dos prazeres e dores dos cidadãos. O princípio de utilidade tem, portanto, o objetivo de proporcionar “a maior felicidade para o maior número de pessoas” (Bentham, 1979, p. 5), poder alcançá-la do melhor modo possível.

Jacques-Alain Miller (1996) acrescenta que o que dá fundamento ao utilitarismo é a convicção de que nada é sem efeito; toda coisa serve, ou não, à outra. A utilidade seria, portanto, o que funda a existência. Ao comentar a teoria benthamiana, o psicanalista afirma que a natureza, para os utilitaristas, não diz nada, não estabelece nenhuma norma, não impõe nenhum limite. Tem como única função colocar o prazer e a dor à disposição dos mestres para que eles conduzam os homens.

Já Lacan, assim como Marx, introduz a noção de “mais de gozar” correlata à “mais-valia” que rege o *approach* capitalista. O gozo não deixa de ter valor de uso para o sujeito, esse valor de uso pode ser demonstrado pelo fato de que o sujeito não deixa de fazer uso do gozo, mesmo que esse uso o coloque em risco. Lacan ateu-se à noção de uso em torno da vertente do mais de gozar do desejo. A teoria lacaniana fundamenta-se essencialmente no objeto da pulsão: inseparável do gozo como satisfação da pulsão.

O valor de uso de um objeto é particular, ou seja, interrompe a conexão com o Outro. A resposta do gozo pode ser compreendida como um gozo que, progressivamente, torna-se mais solitário e que busca unicamente o gozo do próprio corpo, podendo extrair de um mesmo objeto distintas satisfações.

Dessa forma, é possível pensar que o gozo tem um valor para o sujeito, uma vez que este o coloca em uso, mas “há outra coisa além do seu valor de uso, há sua utilização de gozo” (Lacan, 1997, s.p.).

Encontramos, no entanto, impasses estruturais, políticos e sexuais na sociedade onde as opressões sociais causam repressão que tem como resposta a “utilização do gozo” (sem entrar nas questões relativas ao gozo fálico)³. Nessa análise, Jacques Lacan nos inicia pela lógica e pela topologia para podermos responder a tais impasses. Lacan se utilizou de letras no lugar de palavras, os matemas, nos seus quatro discursos. Estas letras têm um código a ser decifrado: S1= significante mestre; S2= o saber; \$= sujeito barrado; a= pequeno a, o mais-de-gozar. Os quatro discursos circulam pelos espaços e posições fixas do agente → outro, verdade/produção⁴.

Nesse ponto da construção lacaniana, serão os atos correlatos às letras que irão dar a especificidade dos discursos: com o discurso do mestre, da universidade, da histórica e do analista. Acrescentemos a eles um quinto discurso, o discurso capitalista ou do mestre contemporâneo. Entre o mestre contemporâneo e o antigo, há uma modificação do lugar de saber. A sua principal diferença frente aos demais é ter como prioridade o rompimento para com os laços sociais, como podemos observar no *Seminário 17* de Lacan (1992).

Conforme Antônio Quinet (2012), esse discurso, o capitalista, promove um autismo induzido e um empuxo ao onanismo, fazendo a economia do desejo do Outro e estimulando a ilusão de completude com um parceiro conectável.

O discurso capitalista é uma máquina de gozo, longe de se fazer desejante, pois está sempre ao alcance da mão. Dificilmente, no capitalismo, teremos chances de tornarmos sujeitos da história. Dificilmente teremos escolha, quando a ideologia do livre mercado, que se impõe a nós, permite a exploração sexual, seja por imagens, propagandas, *nudes*, *fake news* etc., onde os problemas com o sexo são o resultado de regulamentações sociais pautadas pela ideologia capitalista dominante e selvagem.

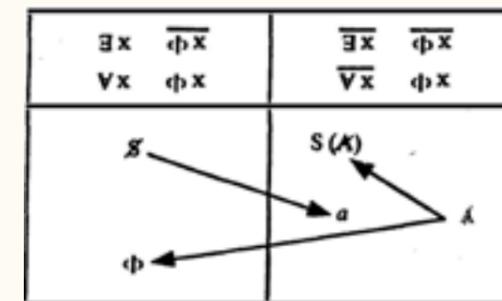
3 É importante esclarecer que Lacan formaliza a *função fálica* com base na categoria freudiana do *falo*, em que prevalece um saber sobre a castração. Embora o termo *falo* não tenha sido utilizado com frequência por Freud, sendo muitas vezes empregado para se referir ao pênis, o adjetivo *fálico* ocupa amplo lugar na teoria freudiana da libido, da diferença sexual, sobretudo no que se refere ao complexo de Édipo (Laplanche & Pontalis, 1992). O *gozo fálico*, segundo Lacan, é, portanto, aquele que se situa fora do corpo e inclui a fantasia, a partir da crença do sujeito no Outro da castração. A constituição do sujeito é guiada pela sua acomodação ao gozo fálico, e isso envolve o casamento (realizado sob as mais variadas circunstâncias) que o sujeito deve fazer entre o gozo fálico e seu corpo (Miller, 2005).

4 Os quatro discursos são: O discurso do analista; o discurso da histórica; o discurso da universidade; e o discurso do mestre. Para uma melhor compreensão acerca destes ver LACAN, Jacques. *O seminário 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Uma das saídas propostas que conhecemos, “*tout court*”, é a da neutralidade, que é uma posição da classe dominante. Temos um exemplo à mão, com a guerra instaurada recentemente na faixa de Gaza, uma boa posição enaltecida pela nossa índole gentil é a de sermos, nem antissemitas nem islamofóbicos (até porque não somos nem um nem outro). Estamos numa relação de assepsia, sem antagonismos que iriam nos obrigar a uma tomada de posição; seria mais fácil não nos envolvermos e relaxarmos nossas tensões, onde, “*en passant*”, uma boa sessão de pornô poderia até ser a solução regida pela fórmula utilitarista, ao estabelecer uma relação direta com o gozo – única instância de legislação, além da necessidade ou adequação.

Porém, o feitiço se vira contra o feiticeiro, seja o sexo reprimido, escondido, alienado ou condenado, será sempre uma ameaça ao prazer que gera mais prazer. A psicanálise tem um compromisso com o desejo e com as nossas escolhas, nem que seja com nossas próprias neuroses e, também, com esses impasses estruturais da sociedade e da sexualidade. Perguntamo-nos, então, qual o lugar dessa narrativa na sociedade onde falar de sexo já é, em si mesmo, um ato revolucionário e sexual?

Nessa análise, impulsionado por um paradigma biologizante, temos mulheres de um lado e homens do outro. Corpos com pênis e corpos sem pênis. Lacan, porém, diferentemente desse modelo, demonstrou, pela análise estrutural e linguística, que a mulher e o homem são apenas significantes que ocupam uma posição, conforme o grafo da sexuação, como podemos observar abaixo:



Fonte: LACAN, Jacques. *Seminário 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

O grafo é apresentado no *Seminário 20: mais, ainda* (1972-1973/2008), no qual Jacques Lacan afirma e escandaliza que “a mulher não existe” (Lacan, 2008, p. 14)⁵. Segundo a lógica, isso consistiria: homem, “falo de x”, mulher (seu negativo), “não falo de x”. Mas é disso mesmo que se trata, esse é o ponto-chave: há um apagamento da “mulher” na lógica

5 “É o que demonstra o discurso analítico, no que, para um desses seres como sexuados, para o homem enquanto que provido do órgão dito fálico — eu disse dito —, o sexo corporal, o sexo da mulher — eu disse da mulher, embora justamente não exista a mulher, a mulher não é toda — o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo” (Lacan, 2008, p. 14).

e, também, no campo do social. A ontologia teve, e ainda tem, um papel de destaque com suas essências, deixando o corpo e suas diferenças em segundo plano.

A cultura e a ciência moderna, iluministas, reiteraram essa dessexualização e o corpo físico, mas Lacan o substitui (busca sua essência no fundamento da palavra), com todas as consequências geradas nessa proposta, pela palavra, mas não qualquer palavra, no “*lalangue*”, no balbuciar, na raiz da língua – o real da língua.

Lacan nos deixou o legado da palavra, apropriando-se do modelo linguístico tomado de Ferdinand de Saussure, com toda a gama de significantes, significados, substantivos e adjetivos, e de Roman Jakobson, com as funções da linguagem e da comunicação, com informação de emissores, receptores, intenções, estruturas subliminares e sua relação com o arbitrário, diferentes do discurso racionalista, da substância e da razão.

Todo esse percurso de Lacan, pela via da palavra, é simbólico e também real, porque é pela via da palavra que podemos saber do real do corpo, tal como nos ensina o saber científico, mesmo quando exclui o sujeito e o gozo, escamoteando o que Lacan chamará de falta.

A demanda por um saber esclarecido produz objetos capazes de gozo que vêm suturar, fazer um nó. Um saber que se apresenta ao sujeito e que emerge para cobrir-lhe a falta, a perda. Temos aí o problema e, também, a solução. Somos, desde o nascimento, induzidos a falar, a palavra é excitação, o prazer oral, que oferece proteção para essa operação de nada saber, surgindo como uma proteção velada.

Já os excedentes, os desvios, como as perversões, aparecem como elementos patológicos de proteção contra a castração.

AO FINAL, A PORNOGRAFIA

O pornô não deixa de ser uma proteção, a “camisinha”, que recobre o objeto do prazer para os perversos. A perversão, nos fala Lacan, se define exatamente pela forma como o sujeito aí se coloca, encarnando o objeto que falta e que seria o alvo da pulsão. Daí a fixidez da perversão, seus roteiros repetitivos e intermináveis, onde o perverso não tem nenhuma liberdade, é escravo do gozo do Outro, tal como vemos em Sade.

O perverso, em seu agir, é comandado pelo imperativo categórico do gozo: Goza! – como diz Lacan no texto *Kant com Sade* (1963). O sujeito vive para o gozo, para apoderar-se dele, organizá-lo e prorrogá-lo. Ele se faz presente como uma resposta dura e inflexível, sob a forma de vontade de gozo. Na verdade, não há sujeitos e sim assujeitados. O sujeito supõe que possa recobrir a falta, desmenti-la e faz de tudo para desvendá-la. Como isso seria possível? Como seria possível “ver a falta”? Colocando no seu lugar um objeto ima-

ginário, um objeto que substitui a falta.

A dimensão imaginária aparece como prevalente na organização perversa, onde o sujeito se imagina como o objeto que falta à mãe, escravo de seus caprichos, ou ainda, quando age em função de um substituto dela, seu fetiche. Nos dois casos, numa e noutra situação, é sempre a um objeto parcial que a pulsão se dirige.

O pornô, por sua vez, é uma exposição carnal ao gozo, uma linha direta de perversão, que proporciona sofrimento e morte do Outro.

O depoimento de Polly Barton, *My Year of Talking about porn* (publicado no The New York Times em 10 de março de 2023), previamente ao lançamento do seu livro *Porn: An Oral History* (2023), talvez seja um bom começo para mostrar exatamente o significado da pornografia. A autora nos conta:

We should, most of us, be talking about porn more than we are. However intensely private it might seem, for better or worse, porn is not something we interact with solely as individuals. It enters our relationships; it molds us. We can meet that passively with silence, or we can just start talking — really talking — and see where we end up. (Barton, The New York Times, 2023)⁶

Growing up in Britain, I received wildly different messages about it: Porn served a fundamental human need; porn glorified and glamorized sexual violence toward women; porn encouraged sexual experimentation and creativity; porn was tacky; porn was racist, ableist and misogynist. I’d never succeeded in squaring these views. I knew that there was, ostensibly, good porn and bad porn, but I wasn’t really sure where the difference between the two lay, and I’d never really had a proper, frank conversation about any of it. With anyone. (Barton, The New York Times, 2023)⁷

A ESCUTA PSICANALÍTICA

6 “Nós deveríamos, a maioria de nós, estar falando mais sobre pornô do que o fazemos. No entanto, por mais privado que pareça, para bem ou mal, o pornô não é algo com o qual interagimos puramente apenas como indivíduos. Ele adentra em nossos relacionamentos, nos moldando. Podemos abordar esse fato passivamente, em silêncio, ou podemos começar a falar, realmente falar, e ver aonde vamos chegar” (Tradução própria).

7 “Crescendo na Inglaterra, eu recebia mensagens variadamente diferentes sobre ela: pornô servia para satisfazer uma necessidade humana fundamental; pornô glorificava e glamorizava a violência sexual contra mulheres; pornô encorajava experimentação sexual e a criatividade; pornô é brega; pornô é racista, capacitista e misógino. Nunca fui bem sucedida ao tentar definir essas visões. Eu sabia que existia invariavelmente “pornô bom” e “pornô ruim”, mas eu não estava tão certa quanto à distinção existente entre os dois. E eu nunca tive uma conversa realmente sincera sobre isso. *Com ninguém*” (Tradução própria, grifo nosso).

Por que a escuta psicanalítica se impõe nesse contexto? Porque é uma maneira de acessar o sujeito pelo dizer, pois o gozo do corpo escapa pela fala. Esse saber se aloca aí e, pela atenção flutuante, a técnica da psicanálise, onde o analista sustenta as associações do paciente, contorna-se a falta pelo saber.

Em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912), Freud sustenta que a atenção flutuante é uma ambição terapêutica, mas, mais que isso, é a oportunidade de reintroduzir o sujeito dividido entre seu dizer e o seu dito, enunciação e enunciado, entre o saber e verdade.

Já o pornô e suas práticas se amparam nos buracos do saber, sua lógica é a de um “desmentido” (*Verleugnung*), pois a vontade de gozo desmente a castração (afirmo “esta é minha mãe” e nego “esta não é minha mãe”). Porém, a escuta de uma prática perversa, como no caso que apresentamos em nossa introdução, a pedofilia, pode vir a suscitar no agente, no analista ou, em nós mesmos, um correlato do horror (como foi o caso da cena dos hackers durante a pandemia), efeito esse que é o almejado pelo perverso, que tem, como única função, colocar a dor e o prazer do outro numa relação direta com o gozo.

Caberia, então, o emprego de tal recurso (a escuta flutuante)? A escuta de uma prática perversa, destituída do julgamento e da censura, como se espera de um analista, pode correr o risco de ser equiparada a uma anuência, quase beirando a cumplicidade. Esta parece ser muitas vezes a razão justificada para uma recusa da parte dos analistas de atender esses casos. No entanto, uma escuta sem paixão ou julgamento deve ser ética e a consequência, como ato, pode dar lugar ao sujeito.

A única suplência à vida e à morte é a linguagem, tanto o escutar quanto o falar, porque entre a vida e a morte temos o gozo, que é mortífero. O discurso sobre o sexual marca a diferença entre a constatação do sexo e o falar do sexo. Podemos dizer que é uma transgressão deliberada, uma aposta na palavra, no saber e na psicanálise.

“Nós deveríamos, a maioria de nós, estar falando mais sobre pornô do que o fazemos” (Tradução própria), como sugere Polly Barton, sem esquecer o que ensina Lacan: “não há saber sobre gozo sexual ou sobre gozo de cada sexo como tal, pois a proporção com o Outro do sexo está perdida para todos que ingressaram no universo da linguagem e da palavra” (Lacan, 1998, p. 839). Só nos resta então insistir, pois não custa tentar falar d’Isso.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, S. *La Signification de la Pédophilie*. *Psychologist Psychotherapist*, 29 dez. 2019. Disponível em: <<https://astriddusendschon.org/2019/12/29/la-signification-de-la-pedophilie->

[par-serge-andre/>](https://www.nytimes.com/2023/03/10/opinion/porn-conversations.html). Acesso em: 2 abr. 2023.

BARTON, P. *My Year of Talking About Porn*. *The New York Times*, 10 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2023/03/10/opinion/porn-conversations.html>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

BARTON, P. *Porn: an oral history*. Fitzcarraldo Editions, 2023.

BENTHAM, J. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. In: J. Bentham. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, p. 9-87, 1979.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: A vontade do saber (Vol. 1)*. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: FREUD (1901-1905) - Obras completas Volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos. São Paulo: Companhia das letras, p. 13-172, 2016.

LACAN, J. *O seminário 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LACAN, J. *Kant com Sade*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *Le Séminaire Livre XIV: La Logique du fantasme*. Paris: Seuil, 2023.

LACAN, J. *O seminário 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. *O seminário 20: Mais, ainda....* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960). In.: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LISITA, H. G.; ROSA, M. O uso e a toxicomania: considerações com base em Bentham, Marx e Lacan. *Psicologia em revista*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 119-130, 2013.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MILLER, J. A. *A máquina panóptica de Jeremy Bentham*. In: J. Miller. *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 24-54, 1996.

MILLER, J. A. *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MILLER, J. A. *O inconsciente e o corpo*. Associação mundial de psicanálise, 2016. Disponível em: <<https://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&int%20Publicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=9>>. Acesso em: 9 abr. 2024.

NÁSIO, J.-D. *Por que repetimos os mesmos erros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

OGDEN, C.K. *Bentham's Theory of Fictions*. Reino Unido: Routledge, 2013

QUINET, A. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

ZUPANČIČ, A. *O que é sexo?*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

REFLEXÕES ACERCA DA SEXUALIDADE E DA PORNOGRAFIA: UMA INTERPRETAÇÃO DA PSICANÁLISE FREUDIANA

Iara Luzia Henriques Pessoa¹

RESUMO

A pornografia é uma das expressões da sexualidade, muitas vezes sendo julgada no âmbito do imoral, do perverso ou mesmo como um transtorno. Nessa perspectiva, o presente trabalho objetivou discutir como a pornografia pode funcionar enquanto solução de compromisso, sublimação e, ou de forma educativa. O delineamento foi de carácter qualitativo, descritivo e exploratório, sendo as referências selecionadas de forma intencional e não exaustiva. Um prelúdio histórico da sexualidade foi apresentado, seguido da contextualização do entendimento psicanalítico. Foi possível constatar que a noção de pulsão escópica e da fantasia processam-se em torno da sexualidade e da pornografia.

PALAVRAS-CHAVE

Psicanálise; pornografia; pulsão escópica; fantasia.

ABSTRACT

Pornography is one of the expressions of sexuality, often being judged as immoral, perverse or even as a disorder. From this perspective, the present paper aimed to discuss how pornography can function as a compromise formation, sublimation and/or educational. It was a qualitative, descriptive and exploratory research, with references selected intentionally and not exhaustively. A historical prelude to sexuality was presented, followed by the contextualization of psychoanalytic understanding. It was possible to verify that the notion of scopic drive and fantasy are processed around sexuality and pornography.

KEYWORDS

Psychoanalysis; pornography; scopic pulsion; fantasy.

¹ Psicóloga formada na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Psicanalista afiliada ao GESCLIP, e mestranda no Programa de Pós-graduação em Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

INTRODUÇÃO

A definição de pornografia segundo Cowie (1992) não é limitada a imagens ou palavras em si, mas sobre a suposição na qual essas imagens ou palavras são um risco para a sociedade, logo, faz-se necessária a regulação de todo material que causa excitação sexual. A pornografia é algo entendido pela sociedade como necessária de, no mínimo, regulação, quando não, é concebida como inaceitável.

Sabe-se que a palavra pornografia se origina do grego, sendo empregada para descrever a vida, costumes, hábitos, maneiras das prostitutas e seus clientes com descrição explícita da atividade sexual, isto é, propicia prazer, como as prostitutas (Ceccarelli, 2011). No entanto, o controle do que seria obsceno, haja vista, explicitamente, seria qualquer forma de excitação sexual que não tivesse como objetivo a reprodução heterossexual e cisgênera. A ligação acerca de como a pornografia deve ser vista é algo bastante perceptível nas atualidades, ainda que, tanto o termo, quanto a representação visual da pornografia remontam nossa história recente. O termo pornografia só foi usado como o entendemos hoje no século XIX, porém, o conjunto de materiais aos quais se referiam era predominantemente literário, ou seja, a pornografia como forma visual de exposição de ‘obscenidades’ é algo mais recente ainda (Cowie, 1992).

A imagética da pornografia que provoca a excitação sexual pode não ser entendida como provocadora pela imagem em si, mas pelo cenário representacional ampliado que causaria tal conotação. Ou seja, a pornografia está ‘nos olhos de quem vê’, não se tratando de um simples fenômeno da sexualidade que é considerada como natural. Essa divisão cultura/natureza, na qual a pornografia seria do campo da cultura e o sexo (ou a sexualidade?) reprodutivo heterossexual e cisgênero do âmbito natural, é ao menos simplista, visto que ambas são construtos humanos bem mais complexos do que tal classificação. Essa construção se dá através do discurso social daquilo que é considerado como permitido/apropriado ou proibido/inadequado, que muitas vezes se associam enquanto natural ou patológico, respectivamente. Ademais, a sexualidade é considerada como algo além do controle racional, social e cultural, mas apesar de contraditório, há essa constante tentativa de controle, normatização e patologização da mesma (Cowie, 1992).

O tipo de pornografia que tratamos aqui, está diretamente relacionada com a sexualidade, seja de forma explícita ou implícita, também lembramos que na maior parte do trabalho estamos falando de sexualidade no sentido restrito do termo, ou seja, enquanto atos sexuais. Como dito anteriormente, muitas vezes entende-se a sexualidade como algo do âmbito ‘normal’, isto é, sendo necessária, enquanto a pornografia é entendida como ‘anormal’. Esse entendimento, aparentemente de opostos, está relacionado diretamente

com a cultura e o momento histórico em que tais representações se encontram. A pornografia na antiguidade era vista como parte da sociedade, e era, muitas vezes, não só aceita como incentivada, algo que mudou completamente na modernidade (Ceccarelli, 2011).

O presente trabalho objetivou discutir como a pornografia pode funcionar enquanto solução de compromisso, sublimação e, ou de forma educativa.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi delineado como qualitativo, descritivo e exploratório, destacamos que o processo de seleção dos autores foi intencional, não exaustivo, ademais se trata de uma reflexão que relacionou sexualidade e pornografia, assim, tivemos como aporte teórico a Psicanálise, mais especificamente a de Freud e a Teoria Queer. A pergunta principal que norteou esta pesquisa foi: ‘como a Psicanálise vê a pornografia?’

Para tratar de tal temática foi preciso apresentar um *background* acerca da sexualidade, seguida da discussão de como ela passou a ser entendida na modernidade. Para isto, foram principalmente empregados: Foucault (2005), Laqueur (2001) e Katz (1996). Haja vista que todos os três trataram da questão da construção da sexualidade. Posteriormente perpassamos para o entendimento psicanalítico da mesma, uma vez que a própria Psicanálise tem como grande foco a sexualidade, no sentido extenso, assim, foi com o auxílio de textos freudianos, sobre os quais iniciamos nossas leituras, para revisão da literatura pertinente ao tema em questão.

Por fim, tratamos da questão do olhar, mais especificamente da pulsão escópica uma vez que a pornografia é permeada por esse exercício. A decisão de organizar o trabalho tratando primeiramente da pulsão escópica, vem de forma deliberada, porque aparentemente a fantasia pode ser entendida como um dos possíveis derivados da própria pulsão, pareceu-nos mais didática tal ordem. Foram utilizados os textos de Cleo José Mallmann (2016) e de Maria Auxiliadora Cordaro Bichara (2006) que tratam tanto da pulsão escópica como da questão do olhar, em específico, pela perspectiva da psicanálise. Ademais, foi a partir dessa leitura de Elizabeth Cowie (1992) que trata da pornografia, sexualidade e psicanálise com uma perspectiva feminista acerca do tema, que trouxe a possibilidade do entendimento da questão na pornografia pelo viés da fantasia.

A SEXUALIDADE HISTORICAMENTE E SEU CONTROLE

O controle da pornografia também perpassa o controle da sexualidade, como se fosse uma atualização do dispositivo da sexualidade, pois não estaria mais controlando o ato ou a excitação em si, criando uma relação entre o saber-poder (Siqueira, 2020).

A sexualidade na Idade Clássica Greco-Romana, para Foucault (2005) no volume 2 do livro *História da Sexualidade*, dividia-se em termos daqueles que seriam passivos, e aqueles que seriam ativos. Outrossim, não como dividimos hoje entre expressões de sexualidade mais ‘masculinas’ e/ou ‘femininas’, vinculadas às práticas dos homens e das mulheres. Os que eram considerados passivos seriam não só as mulheres, mas também os jovens e os escravos, e só seriam ativos os homens maiores de idade, cidadãos e livres.

Naquele momento, a sexualidade era entendida como uma prática natural e necessária, porém era imprescindível que fosse levada com temperança, isto é, é preciso levá-la de uma forma moral, controlada e não excessiva. Isto porque, mesmo sendo da ordem da necessidade e do prazer, é um prazer visto como de qualidade inferior justamente, por ser uma prática também comum aos animais. A moralidade da prática sexual era entendida como uma forma de saber enfrentar, dominar e garantir a economia da força que o prazer dá, uma vez que essa força seria excessiva. Também era muito comum a associação da moral do sexo à da mesa, pois era esperado que o comportamento nos banquetes também fosse levado com temperança (Foucault, 2005).

Nesse contexto, a prostituição era entendida como uma fonte de renda e controlada pelo Estado, no qual as mulheres que a praticavam tinham acesso livre a diversas atividades que, muitas vezes, eram reservadas somente para homens. Há algumas hipóteses dos propósitos da pornografia, na antiguidade, que perpassam desde a arte, expressões espirituais e, também, muito provavelmente, a excitação sexual. Se a sexualidade era entendida não apenas como parte das pessoas, mas como algo integrante da sociedade, então, as expressões de prostituição e pornografia não eram tratadas como algo do âmbito do secreto. Dessa forma, há, ainda hoje, estátuas, escritos e ruínas que demonstram a sexualidade e o pornográfico como sendo algo público (Ceccarelli, 2011), uma vez que essa questão do privado surge depois da instalação do capitalismo.

A atitude moral era o que definia se um homem seria feminino ou masculino, se ele fosse passivo em relação aos seus desejos e seus prazeres, então ele seria feminino. A questão, neste momento, não era com quem a relação sexual se dava, e nem os relacionamentos, mas justamente em ser passivo/ativo com relação aos prazeres, então, a preferência por homens, mulheres ou os dois não era levado em consideração. Mas antes de questionar com quem o relacionamento se daria (invenção das categorias homossexual, heterossexual etc.), deu-se o questionamento com relação à diferença entre homens e mulheres. Segundo Laqueur (2001) até o final do século XVIII e começo do XIX que ambos tinham a mesma genitália, a única diferença era que a mulher cis teria menos calor vital o que teria feito com que a sua estrutura genital não tivesse descido como a do homem cis, que é externa.

Ou seja, esses questionamentos com relação à constituição do corpo só ocorreram muito depois da idade antiga, e mais tarde surgiram os questionamentos com relação às práticas sexuais no século XIX, com a sexologia moderna (como será tratado mais a frente).

Essa forma de entendimento dos corpos é chamada de monomorfismo, uma vez que só existiria um modelo de corpo, o do homem. Foi somente no século XVIII que esse modelo deu lugar ao dimorfismo, no qual buscava-se constantemente quais seriam as diferenças fundamentais entre os homens e as mulheres (Laqueur, 2001). Assim, cada vez mais a mulher foi vista em relação ao homem numa posição de contraste, oposições, aspectos do corpo, alma, físico e moral. Para que a diferença passasse a ser de cunho ‘biológico’, ou seja, baseado na ‘natureza’ e na fisiologia (Laqueur, 2001).

A mudança do significado da diferença sexual levou, também, à formulação de que esses dois sexos seriam estáveis, opostos e incomensuráveis, então, a vida social destes seriam baseados nesses ‘fatos’. Como resultado, o corpo, também, passou a ser visto como estável, ahistórico e sexuado. A natureza e a cultura passaram a ser vistas como duas partes inseparáveis, assim como, a faceta sexual do corpo passou a ser vista como necessária de um controle soberano (Laqueur, 2001). A carne era vista como má, podendo ser corrompida, logo, passível de pecados, e a alma seria vista como divina, perfeita. Desta forma, o corpo precisava ser controlado para que a alma pudesse ascender ao céu e ser eterna, mais especificamente, o ato sexual precisava ser controlado, por ser justamente associado a algo do carnal, sendo ruim e necessariamente diabólico (Morais, 2002).

A forma como o entendimento da sexualidade ‘normal’ aconteceu através do estudo da sexualidade ‘anormal’ (Dametto; Schmidt, 2015). A Medicina passou a levar em consideração aquilo que é anormal, anomalia ou doença como conceitos normativos, aplicando julgamento de valor nesses estados, porém, o anormal e a anomalia são afastamentos estatísticos comparativos de uma maioria de sujeitos, e não necessariamente uma doença/sofrimento (Sena, 2014).

No século XIX, vale ressaltar que era considerado como ‘sexo normal’ a relação sexual com penetração do homem com pênis na mulher com vagina, com objetivo da reprodução e dentro de um casamento monogâmico (Dametto; Schmidt, 2015). Foi nesse cenário que Richard Von Krafft-Ebing, considerado, frequentemente, um dos fundadores da sexologia moderna, introduziu os conceitos de sadismo, masoquismo, fetichismo, homossexualismo² (termo não criado por Krafft-Ebing e só incluso na segunda edição de seu livro) e

2 Termo utilizado pelo autor naquele momento histórico, ressaltamos que atualmente não se fala mais em homossexualismo ou travestismo, e sim em homossexualidade, travestilidade/transsexualidade/transgeneridade, haja vista que o sufixo “ismo” está relacionado a uma patologia. O termo homossexualismo foi criado por Karl Maria Kertbeny em 1868 em uma carta endereçada a Karl Heinrich Ulrichs. Kertbeny

metamorphosis sexualis paranoica (que seria algo como a transexualidade/transgeneridade ou transformistas/*crossdressers*, atualmente) associados ao estudo do comportamento sexual humano (Pereira, 2009).

Mais adiante, no século XX, tanto Krafft-Ebing (na Alemanha) quanto Sigmund Freud (na Áustria), foram responsáveis pela popularização da utilização do conceito de ‘normal’, assim como demonstram a consolidação desse modo moderno de entender o sexual através de uma apropriação médico científica. O sexo passou a ser entendido como um objeto de saber e da intervenção do médico, o qual passa a possuir a autoridade para tal. Um dos marcos dessa mudança e apropriação é o lançamento da obra *Psychopathia Sexualis*, no ano de 1886, do próprio Krafft-Ebing que classifica de forma rígida os comportamentos sexuais patológicos, além de, também, ter sido referência para a obra freudiana no início do século XX (Pereira, 2009).

A noção amplamente partilhada da heterossexualidade foi criada somente nos últimos três quartos do século XX, e desde então tem sido entendida/legitimada como o sentimento sexual real, fisiológico, imutável, natural e dessa forma, normal. Foi também através de Krafft-Ebing que este termo, hetero-sexual, foi apresentado na primeira edição do *Psychopathia Sexualis* com o significado que utilizamos até hoje de um sujeito que deseja apenas um gênero, necessariamente oposto ao seu, que poderia ter o desejo reprodutivo somente no inconsciente (Katz, 1996). Consideramos importante fazer o movimento de nomear a norma e considerá-la também como uma transformação histórica, social e cultural específica e não algo universal e natural.

Assim, o termo heterossexualidade, enquanto arranjo histórico dos sexos e seus prazeres, também foi inventado. Uma vez que a heterossexualidade não é o mesmo que ato sexual reprodutivo entre dois gêneros, que supõe diferenças sexuais específicas, e muito menos o erotismo de mulheres e homens cisgênero. Krafft-Ebing utilizou a palavra heterossexual para designar um tipo de perversão ou depravamento, mas também era utilizada para referir-se ao sexo ‘normal’ (Katz, 1996).

Ressalte-se que a necessidade ou vontade de fazer o ato sexual sem que o objetivo fosse o da procriação com o ‘gênero oposto’ entre pessoas cisgêneras, era tida como algo ‘anormal’, uma vez que o sexo, na Era Vitoriana no continente Europeu, era visto apenas com esse objetivo. Assim, antes da heterossexualidade ser considerada normal, ela apareceu associada ao desvio reprodutivo (ato sexual que não busca reprodução, também inclui masturbação, coito interrompido etc.), ao hermafroditismo psíquico (o que pode-

acreditava que heterossexuais estavam mais inclinados à libido e promiscuidade do que homossexuais (TANG, 2018).

ríamos chamar hoje de bissexualidade, panssexualidade etc.), à homossexualidade e, por fim, ao fetichismo, de acordo com escritos do livro *Psychopathia Sexualis* (Krafft-Ebing, 1894/2012).

Tanto a prática como a recém-criada Ciência da Sexualidade eram do domínio da moral e jurídico, uma vez que poderia considerá-la como crime ou imoralidade, contudo, há um entrecruzamento desses discursos com o biológico e médico/psiquiátrico (Pereira, 2009). Assim, há uma ‘naturalização’ da sexualidade humana, pois, leva-se em consideração as relações concebíveis como sendo somente entre pessoas cisgêneras de sexos diferentes (não se pensa em gênero), além de uma tentativa de justificar a heteronormatividade (Pereira, 2009) e a monogamia. Desse modo, o erotismo, em geral, tem a sua amplitude afetada, pois, existia uma classificação das experiências, entre as pertinentes ao sujeito cisgênero e heterossexual, considerado como único normal, e aquelas patologizadas, que diferem dessa e são tratadas como doenças ou perversidade (Pereira, 2009).

Um complexo sistema de categorização foi desenvolvido para o que Krafft-Ebing considerava como transtornos psicosssexuais, como por exemplo a homossexualidade (Stryker; Whittle, 2006). Então, o que fora disposto como ‘verdade’ científica sobre a sexualidade humana é uma criação de Cientistas, Médicos e Biólogos, ou seja, o que o discurso médico pretende é de que essa classificação seja vista como sendo de ordem natural, e não como um produto dos componentes moral, político, cultural e econômico da sociedade (Fausto-Sterling, 2000).

Buscou-se vigiar, julgar e condenar tudo que é dito como pertencente à esfera das doenças mentais, e estas são sempre tratadas como sendo da condição da observação e classificação (Vandresen, 2008). Aqui, também, temos a questão da pornografia e/ou o uso dela como sendo do âmbito da perversão, enquanto transtorno psicológico, não somente como estruturação psíquica. Dessa forma, a pornografia pode ser entendida como uma ‘solução’ para se tratar da sexualidade, no ocidente, por permitir a vivência de desejos e fantasias que são vistos como imorais (Ceccarelli, 2011).

SEXUALIDADE NA PSICANÁLISE

A sexualidade se trata de um meio de satisfação das pulsões, pois, a partir do momento que há a excitação, ocorre o desconforto e a tensão que necessitam de alívio. Os objetos que a pulsão pode ser direcionada são múltiplos, desde parciais, fora do seu corpo, no seu próprio corpo ou objetos totais. O olhar participa ativamente desse processo, tanto o olhar-se, como olhar o outro, processando-se como investimento libidinal, quanto às

fantasias (ambos tratamos nas próximas seções). Neste sentido há também um posicionamento narcisista, pois o olhar-se vem como etapa preliminar da própria pulsão escópica, nesse movimento dual de atividade/passividade (Bichara, 2006) que acomete todos os sujeitos independente do gênero.

Por outro lado, os traços perversos fazem parte da sexualidade neurótica, desde que não sejam exclusivamente a fonte de prazer sexual do sujeito, como já dizia Freud nos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/2016). Se for o caso dessa exclusividade e fixação teremos justamente a perversão enquanto estrutura psíquica e não como traço constituinte. Entende-se que há uma patologia quando há a exclusividade na obtenção de prazer em que se exclui uma relação genital, ou quando ela se acha em segundo plano. Como em Freud (1914/2010a, p. 13):

para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos. Desenvolvido a esse ponto, o narcisismo tem o significado de uma perversão que absorveu toda a vida sexual da pessoa, e está sujeito às mesmas expectativas com que abordamos o estudo das perversões em geral.

Contudo, questionamos o estabelecimento da estrutura perversa enquanto patológica, assim como a meta da satisfação sexual desviada enquanto tal, haja vista que qualquer estrutura pode se tornar patológica a depender da história de vida do sujeito. Ao pensar a meta sexual como sendo a união genital, que muitas vezes pressupõe ser entre pênis/homem e vagina/mulher parece um ranço histórico de pressuposição de que a forma “certa” de obter prazer é uma especificamente determinada, que também pode pressupor a reprodução.

Essa ideia de que a sexualidade perpassa um direcionamento específico não está detida em Freud, mas aparece contemporaneamente em outros estudos e relaciona-se com o poder médico de prescrição da verdade. Quando essa verdade está atravessada por questões históricas, geográficas, políticas, culturais etc., como, também, o controle da sexualidade, para que os corpos não se tornem dissidentes, e permaneçam ‘em ordem’ (Foucault, 2005).

Para Judith Butler (2016) gênero, sexo e sexualidade formam juntos a matriz de inteligibilidade, a qual trata de uma relação quase de causa e efeito. Isto é, há uma pressão social em que sexo, gênero, desejo e práticas sexuais deveriam estar ‘de acordo’ com o padrão hegemônico da heterossexualidade (e cisgeneridade) compulsória. A heterossexualidade compulsória para Adrienne Rich (1980) é justamente uma instituição tradicional de controle das mulheres (mas acreditamos que hoje podemos expandir para todos) que funciona principalmente pela coerção e compulsão, sendo a heterossexualidade tratada como inata

e natural.

Para Monique Wittig (1992) mesmo que tenha sido aceito por muitos meios científicos que não existe o que é chamado de natureza ou natural, ainda é possível perceber de forma nítida a permanência do tópico que resistiu por muito tempo à análise: o relacionamento heterossexual. Não existem relacionamentos naturais/obrigatórios, porém, esse entendimento ou funcionamento ‘científico’ é nomeado pela autora como a mente heterossexual (*straight mind*). Para a autora supracitada trata-se de uma ideologia, forma de conhecimento, princípio óbvio (*obvious principle*) e prévio que faz desenvolver uma interpretação totalizante de vários fenômenos subjetivos, assim como, da história, da realidade social, da cultura e da linguagem. Essa generalização é tomada como verdade para diversas épocas, sociedades, indivíduos e são fabricadas a partir de conceitos fundados na heterossexualidade.

A utilização dessas categorias, incluindo o julgamento moral no caso das estruturas psíquicas, não apenas nomeiam, mas tem a funcionalidade de controle, hierarquização e ordenamento dos corpos a partir dessa disposição binária, e do/no processo saúde-doença. Assim, ao mesmo tempo que Freud (1905/2016) consegue quebrar com certas disposições de julgamento moral da sexualidade, quando, por exemplo, diz que a perversidade fará parte da sexualidade neurótica, ele também coloca como meta o encontro genital (pênis/homem e vagina/mulher) como desejável por ser normal, natural e saudável. Porém, qual seria a patologia ou prejuízo que o sujeito perverso tem quando a sua meta sexual não é o encontro desses genitais em específico, se ele estaria dando vazão à sua sexualidade, ou tendo descarga pulsional, e se tratando de relações com consentimento, entre pares? Ou seja, aqui não estou falando do pedófilo/hebófilo, pois, há prejuízo para a criança/adolescente, nem dos *voyeurs*/exibicionistas que o fazem em ambientes públicos, não apropriados e sem consentimento.

PULSÃO ESCÓPICA COMO ASSEGURADORA DA SEXUALIDADE

A pulsão escópica, que foi introduzida na seção anterior, pode ser definida como uma expressão da pulsão sexual, não primária (diferentemente da oral, anal, fálica e genital que o são) (Mallmann, 2016). Porém, ela também se relaciona com o desenvolvimento, uma vez que a depender de como o sujeito será olhado e investido nesse olhar que levará a sua estruturação futura. Os órgãos da visão são objetos de investimento da energia libidinal, que não só observa os riscos do mundo para que o sujeito se mantenha vivo como também: “vasculha o corpo do outro, o objeto erótico. Ele o despe com o olhar” (Bichara, 2006, p. 88).

Então, a tendência que relaciona a passividade/voyeurismo e a atividade/exibicionis-

mo traz à tona a questão do olhar/ser olhado como sendo passível de satisfação sexual. Assim, nessas duas formas de fetiche, para Freud (1905/2016), o olhar seria uma zona erógena, que está diretamente relacionada. Quando Freud (1905/2016; 1927/2014) trata dos pares sadismo/masochismo e voyeurismo/exibicionismo ele traz como essas tendências ficam ligadas em pares, e o quanto sentir prazer com algum desses no consciente implica também sentir prazer com o outro ‘lado da moeda’, mesmo que no inconsciente. Ou seja, essa alternância entre passividade e atividade faz parte da dualidade psíquica do sujeito proposta por Freud (1915/2010b), em que as tensões pulsionais não podem ser descarregadas de forma direta, o que faz o sujeito alterna-se nessas posições com o intuito de diminuir a excitação e obter prazer. Assim, a pornografia em vídeo parece estimular a pulsão escópica e mais fortemente o par voyeurismo/exibicionismo.

Esse investimento pulsional pode não só ser invertido, no sentido de passividade/atividade, isto é, dentro do mesmo par, quando pode alterar-se em conteúdo indo do voyeurismo/exibicionismo para o masochismo/sadismo, por exemplo. O prazer é obtido a partir do olhar/ser olhado que corresponde a uma zona erógena que tem origem nos olhos, portanto, obtém satisfação a partir do estímulo da visão. Mas, também pode tornar-se machucar/ser machucado, que não está restrito à violência na relação sexual, mas podendo voltar-se para o Eu em outros direcionamentos (Freud, 1915/2010b). Ou seja, não é porque alguém assiste pornografia que será necessariamente violento consigo mesmo ou com seu parceiro. É possível, com consentimento, dar uma vasão, na realidade, desses desejos masochistas/sadistas, mas esse direcionamento também pode sair da esfera do sexo para outras formas pulsionais, como comumente na neurose obsessiva. Assim, a satisfação, mesmo que sempre parcial, dessa possível inclinação voyeurista é proporcionada pela pornografia a partir dessa possibilidade de olhar incessante (Ribeiro Neto, 2017).

Há uma participação da pulsão escópica na sexualidade neurótica, mas não podendo ocorrer em exclusividade, como já dito anteriormente, pois implicaria uma estruturação perversa. Mas, a pornografia como fonte de excitação de um sujeito sozinho, e, sendo nesse caso, a masturbação e o gozo sozinho podendo fazer parte dessa equação, então, teríamos como resultado um ato de perversidade, mas não necessariamente um sujeito perverso. Esse direcionamento pulsional em si mesmo pode ser entendido como narcisismo, mas também podemos compreender que a partir de uma identificação com um objeto é possível fazer essa substituição, também pela reversão da pulsão em opostos (Freud, 1915/2010b). Se o desenvolvimento desses pares ocorre da atividade para a passividade, pois, o entendimento do olhar, precede o entendimento do ser olhado, assim, o sentido do par só é atribuído quando é a partir do ‘sentir na pele’ que se pode entender aquilo que se

está infringindo na atividade (Ribeiro Neto, 2017).

A ambivalência afetiva é como Freud (1914/2010a; 1915/2010b) define esses opostos que são direcionados ao mesmo objeto, pois a introjeção de objetos que o Eu se identifica é também, de certa forma, um investimento narcísico no próprio Eu. Esse processo de identificação começa a acontecer mais ou menos no mesmo momento em que o complexo de Édipo está acontecendo, dessa forma, o sujeito passa a fazer investimentos por via da identificação. Com isso, se forma o Supereu que se trata de uma internalização da moral e da lei cultural e histórica, sendo, por isso, uma das razões do recalque e do período de latência, uma vez que a partir do desenvolvimento dessa instância o sujeito sentiria a necessidade de recalcar as experiências de sexualidade infantil, fazendo-o entrar nesse período do desenvolvimento (Ribeiro Neto, 2017). Contudo, antes de ocorrer a mudança de objeto pela identificação, a pulsão de olhar é “[...] autoerótico no início de sua atividade, pode ter um objeto, mas encontra-o no próprio corpo. Apenas depois ele é levado (pela via da comparação) a trocar esse objeto por um análogo do corpo alheio” (Freud, 1915/2010b).

A FANTASIA SEXUAL E A PORNOGRAFIA

O olhar daquilo que é ‘proibido’ muitas vezes pode causar excitação, por ser aquilo que não se pode ter enquanto sendo considerado ‘normal’, assim, a pornografia ocupa um papel de provedora dessa fantasia. Essa fantasia é construída a partir das experiências de prazer constitutivas nos bebês e crianças, haja vista, o seio/a mamadeira, a evacuação, o colo, a brincadeira etc., que excedem as funções biológicas de nutrição, evacuação etc. Assim, apesar da satisfação e prazer do autoerotismo ser derivada de funções biológicas, ele não é limitado por elas, passando a ser desejadas para além da sobrevivência (Cowie, 1992). Autoerotismo é um conceito que Freud cunhou também na sua obra *Três Ensaios da Teoria da Sexualidade* (1905/2016), pois, há ‘forças’ no corpo do sujeito que sempre tendem à descarga, sendo assim, o potencial que o corpo tem de causar prazer por si só.

A pornografia estaria dando vazão às fantasias, e a realização delas na realidade compartilhada, o que implica o fim da própria experiência alucinatória (Prioste, 2011). Ou seja, primeiramente frente às necessidades fisiológicas, quando não atendidas no momento que são sentidas, o bebê alucina o objeto de desejo, então, sente prazer e se satisfaz parcialmente e temporariamente, dessa forma (Prioste, 2011). Assim como nos sonhos lúcidos em que temos experiências alucinatórias dentro da nossa própria fantasia que são prazerosas, sugerimos que a pornografia faria esse mesmo papel, como uma promessa do prazer que pode vir a ser. Enquanto há desejo, há fantasia, e segundo Cowie (1992), esta se caracteriza não por alcançar o prazer proporcionado pelo objeto perdido primordial, até porque não

é possível, segundo a teoria psicanalítica, pois, seria uma satisfação plena.

Segundo Ceccarelli (2011), a pornografia pode ter como função a satisfação sexual sem o investimento afetivo, ou seja, quando não há a possibilidade de diminuição das tensões em investimentos objetais externos e concretos, o sujeito pode utilizar desse mecanismo. Ainda segundo o autor, a razão para a necessidade de consumir materiais pornográficos diferentes de forma contínua é porque sem uma relação de objeto, e sem circulação de afeto, o material torna-se entediante, sem causar mais as excitações de antes. Assim, o sujeito recorrerá a pornografia, quando, por algum motivo, ele não consiga experienciar suas fantasias, seja por as sentir como ameaçadoras ou até como proibidas (remonta a questão da moral sexual, já tratada anteriormente). Um dos modos que o sujeito encontra para viver suas fantasias, sem culpa, é justamente através da pornografia (Ceccarelli, 2011).

O sujeito está sempre presente nessas fantasias, seja como observador ou como participante (como na lógica *voyeur/exibicionista*), o que pode justificar o uso da pornografia, como pela impossibilidade de adquirir esses desejos com outra pessoa, também, por não poder expressá-los de forma até consciente, então se refugia na pornografia. Dessa forma, seria a pornografia uma forma de sublimação ou sintoma? Se entendemos ambas as formas como maneiras de lidar com a fantasia, se tratando da primeira positiva e a segunda negativa, então, a pornografia é um sintoma ou uma saída? Pois, da mesma forma que pode significar uma forma segura de viver essas fantasias sem os riscos dos encontros pessoais ou de falar acerca de tais desejos, também pode funcionar como uma forma de fugir do investimento em outro(s) objeto(s) e refugiar-se no narcisismo (Prioste, 2011).

Segundo a mesma autora, a pornografia estaria para os adolescentes como uma forma de defesa, em um lugar potencialmente perverso pela falta de pudor e inibição que funcionam como defesa contra a perversão. Então, ressalta que as intervenções adultas são necessárias para manter o psiquismo, estabelecendo a pornografia como um lugar de segredo, que auxiliaria na distinção das fantasias em relação à realidade. Contudo, ela ainda completa colocando como nesse cenário, de não intervenção adulta, os adolescentes estão “abandonados à própria sorte de pulsões primitivas sem conseguir elementos para sublimá-las” (Prioste, 2011, p. 12), mas que tipo de intervenção adulta? A proibição, ou o limite? Ao mesmo tempo que esses adolescentes não encontram vazão para suas fantasias, as fantasias pornográficas não funcionam ou não servem?

Será que tratando-se da temática com esses adultos de forma educativa, mesmo que, muitas vezes, eles próprios se revestem desse pudor acerca dos riscos e benefícios, a pornografia não poderia ser uma via segura de exploração da sexualidade? Para Ribeiro Neto (2017), a pornografia também tem esse lado mais ‘educacional’, nessas famílias que não

existe diálogo acerca da sexualidade. Concomitantemente, o autor trata de como, por esse mesmo motivo, muitos sujeitos chegam ao consultório comparando suas performances sexuais com referências da pornografia. Para Ceccarelli (2011), outro lado positivo da pornografia é que ela possibilita a vivência da sexualidade sem culpa, pois, o sujeito e seu(s) parceiro(s) estariam protegidos dos investimentos pulsionais sentidos como destrutivos.

Nesse caso, as fantasias são uma possibilidade infinita e irrestrita que a pornografia propõe e que é vista como perversa, se trata na verdade, de uma impossibilidade por si só, as limitações existem de qualquer forma, seja pela realidade, ou pelo próprio psiquismo do sujeito. Então, por mais que no caso da estrutura perversa, por exemplo, esse sujeito não ‘tem limite’, porque para ele não houve a castração, e as restrições não se aplicam a ele, mas, na verdade, o princípio da realidade demonstra outra coisa, mesmo que ele não perceba isso (Ferraz, 2010).

Entender a pornografia como excitadora da pulsão escópica e vasão das fantasias, nesse caso, mais especificamente as sexuais, é uma das formas de interpretar tal fenômeno. Assim, apesar de nos determos na questão da pornografia enquanto atos sexuais, isso é, no sentido estrito do termo, ela também pode se caracterizar como uma relação entre os protagonistas de uma cena, na qual o outro não existe. Esse seria o caso na:

[...] comercialização do sofrimento, das desgraças provocadas por catástrofes naturais, e outras tantas situações das quais a mídia se apropria e passa a utilizar-se delas de uma maneira que toca a exaustão: o limite entre a informação de uma catástrofe e o uso pornográfico da informação sobre a catástrofe é tênue. (Ceccarelli, 2011, p. 09)

Ribeiro Neto (2017) entende que a pornografia pode funcionar como uma solução de compromisso, pois, estaria resolvendo a questão da sexualidade e a moral atual. Desse modo, a pornografia não deve ser vista como vilã, ou ruim por si só, mas, ela surge de uma demanda do sujeito atual que precisa de uma projeção para a sua própria sexualidade. Ou seja, algumas pessoas têm reações de medo, vergonha, nojo, constrangimento ou até riso por se tratar de algo que é comumente reprimido, faz-se surgir, então, a necessidade de disfarçar tais desejos, sendo uma das possíveis formas a própria pornografia (Ribeiro Neto, 2017, p. 11), como estamos refletindo.

É preciso lembrar, que a ‘sexualidade normal’ não é a mesma que a sociedade prevê, mas, aquela que está em sintonia com o próprio sujeito e seu inconsciente, reinventando a sexualidade infantil perverso-polimorfa (Ceccarelli, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de investigar a pornografia e a sexualidade utilizadas pelos autores elenca-

dos foi alcançada na medida em que foi possível constatar as noções de pulsão escópica e de fantasia em ambos os conceitos. Assim, duas assertivas principais motivam a continuidade desta investigação, para além dessa pesquisa, a saber:

1. A sociedade por questões morais elegidas, de forma arbitrária, na transformação histórica e cultural, ao mesmo tempo que proíbe a pornografia como sendo do âmbito do vício, transtorno e do anormal também leva o sujeito a tal forma de vasão da sua sexualidade por não poder vivê-la abertamente, seja consciente como inconsciente;

2. As questões raciais, de gênero e de orientação sexual afetam a lógica da pulsão escópica, da fantasia conseqüentemente, essas questões deveriam ser inseridas, novamente, na sexualidade e pornografia, utilizando-se da perspectiva psicanalítica.

BIBLIOGRAFIA

- BICHARA, Maria Auxiliadora Cordaro. O olho e o conto: as pulsões fazendo histórias. *Mental: Revista de saúde mental e subjetividade do UNIPAC*, v. 4, n. 7, p. 85-105, 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000200006#:~:text=O%20olho%2C%20al%C3%A9m%20de%20controlar,o%20olhar%20surge%20no%20olho.> Acesso em: 12 de abr. de 2024
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. A pornografia e o ocidente. *Revista (In)visível*, v. 1, s/n p. 25-34, 2011. Disponível em <https://ceccarelli.psc.br/texts/ceccarelli_a-pornografia-e-o-ocidente.pdf> Acesso em: 12 de abr. de 2024.
- COWIE, Elizabeth. Pornography and Fantasy. In: SEGAL, Lynn (ed.); MCINTOSH, Mary. *Sex Exposed: Sexuality and the Pornography Debate*. Londres: Virago, 1992, p. 132-152.
- DAMETTO, Jarbas; SCHMIDT, Júlia Cristina. Entre conceitos e preconceitos: a patologização da homossexualidade em Psychopathia Sexualis de Richard Von Krafft-Ebing. *Perspectiva*, v. 39, n. 148, p. 111-121, 2015. Disponível em <https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148_538.pdf> Acesso em: 12 de abr. de 2024
- FAUSTO-STERLING, Anne. *Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality*. Nova Iorque: Basic Books, 2000.
- FERRAZ, Flávio Carvalho. *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade*. São Paulo: Graal Editora, 2005. v. 2 *Ares Erotica*.
- FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo (1914). In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das

- Letras, 2010a. p. 13-50.
- FREUD, Sigmund. O fetichismo (1927). In: FREUD, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 302 – 310.
- FREUD, Sigmund. Os impulsos e seus destinos (1915). In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 51-150.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O Caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 20-172.
- KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- KRAFFT-EBING. *Psychopathia Sexualis*. Londres: Forgotten books, 1894/2012.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- MALLMANN, Cleo José. Escopofilia: De que se alimenta o mundo virtual?. *Estudos de Psicanálise*, s/v, n. 46, 2016. p. 45-54. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372016000200005#:~:text=A%20%20%20BAnica%20fonte%20de%20excita%20%20%20A7%20%20%20A3o,atrav%20%20%20A9s%20do%20olhar%20%20%20A0%20dist%20%20A2ncia.> Acesso em: 12 de abr. de 2024.
- MORAIS, Eliane Robert. *O corpo impossível: a decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2002.
- PRIOSTE, Cláudia. Fantasias virtuais na adolescência: exibicionismo, onipotência e sedução. *Educación, aprendizaje y desarrollo en una sociedad multicultural*, v. 01, n. 01, 2011. p. 1235 - 1250. Disponível em <https://www.academia.edu/11244349/FANTASIAS_VIRTUAIS_NA_ADOLESCENCIA_EXIBICIONISMO_ONIPOTENCIA_E_SEDUCCION> Acesso em 11 de abr. de 2024.
- PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*, v. 12, n. 2, 2009. p. 379-386. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000200011>> Acesso em 09 de abr. de 2024.
- SENA, Tito. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5, estatísticas e ciências humanas: inflexões sobre normalizações e normatizações. *Interthesis*, v. 11, n. 02, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1807-1384.2014v11n2p96>> Acesso em 20 de jan. de 2024.
- SIQUEIRA, Vinicius. Formação discursiva em Foucault e Pêcheux: diferenças e semelhanças. *Colunas Tortas*, 2020. Disponível em: <<https://colunastortas.com.br/formacao-discursiva-em-foucault-e-pecheux-diferencas-e-semelhancas/>> Acesso em 20 de jan. de 2024.
- RIBEIRO NETO, Alberto. *Pornografia na cultura virtual: Considerações psicanalíticas sobre devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais*. 2017. 107 f. (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <<https://ppgp.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/Turma%202014/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Alberto.pdf>> Acesso em 20 de jan. de 2024.
- RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. *Journal of Women in Culture and Society*, v. 5, n. 4, 1980. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3173834>> Acesso em 20 de jan. de 2024.
- STRYKER, Susan (ed.); WHITTLE, Stephen (ed.). *The transgender studies reader*. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2006.
- TANG, G. V. G. K. 150 years ago, the word ‘homosexual’ was coined in a secret correspondence. *Medium*, 2018. Disponível em: <<https://medium.com/@gvgktang/150-years-ago-the-word-homosexual-was-coined-in-a-secret-correspondence-1803ff9a79bc>> Acesso em: 13 de jul. de 2023.
- VANDRESEN, Daniel Salésio. *O discurso como um elemento de articulação entre a arqueologia e a genealogia de Michel Foucault*. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia Moderna e Contemporânea) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2008. Disponível em <<https://tede.unioeste.br/handle/tede/2093>> Acesso em: 11 de abr. de 2024.
- WITTIG, Monique. The straight mind. In: FERGUSON, Russell et al. *Out there: Marginalization and contemporary cultures*. Cambridge: The MIT Press, 1992. Disponível em <<http://faculty.winthrop.edu/stockk/contemporary%20art/Wittig%20straight.pdf>> Acesso em 10 de abr. de 2024.

WEBCAMMING: TRANSFORMAÇÕES DO MERCADO DO SEXO FRENTE À PANDEMIA

Eduardo Silva¹ e Gabrielle Korczagin Padilha²

RESUMO

O presente estudo objetivou compreender como a pandemia da COVID-19 contribuiu para o crescimento das plataformas de *webcamming* e quais são as consequências desse processo. Para tal, efetuou-se um estudo cartográfico em duas etapas, sendo elas a netnografia e entrevistas semiestruturadas, realizada com sete profissionais do ramo. Constatou-se que o *webcamming* é confundido com outros ramos do mercado do sexo, como a prostituição e a pornografia. Observa-se a presença de violência e estigma social. As influências pandêmicas e midiáticas são claras para as profissionais, inclusive em suas próprias trajetórias.

PALAVRAS-CHAVE

Pandemia; trabalho sexual; *webcamming*; mídia social.

ABSTRACT

The present study aims to understand how the COVID-19 pandemic contributed to the growth of *webcamming* platforms and what the consequences of this process are. To this end, a cartographic study was carried out in two stages, namely netnography and semi-structured interviews, carried out with seven professionals in the field. It was found that *webcamming* is confused with other areas of the sex market, such as prostitution and pornography. Observe the presence of violence and social stigma. The pandemic and media influences are clear to professionals, including in their own trajectories.

KEYWORDS

Pandemic; sex work; webcamming; social media.

1 Formado em Filosofia (UniFebe), Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade (Univille), Doutor em Comunicação (UFRJ). Na Universidade da Região de Joinville (Univille) é Professor Adjunto dos cursos de Licenciatura e Social Aplicadas, e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

2 Graduanda em Psicologia, Universidade da Região de Joinville (Univille).

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, foram propostas diversas teorias sobre a origem da existência humana, mais precisamente sobre como e quando um indivíduo se torna um sujeito cultural, social e historicamente colocado. Entre tais debates, as concepções acerca da corporeidade ganham destaque e “não há mais hesitação nas ciências sociais de que o corpo é um recurso importante para se compreender como se constroem as relações entre as estruturas sociais e simbólicas e a ação individual (Silva; Jayme, 2015, p. 201). Para Le Breton (2007, p. 7) “do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator”.

É necessário considerar, no entanto, que o corpo não pode ser concebido como um fato isolado que se inicia e finaliza em si próprio, pois constitui um processo inacabado de intermediações sociais que marcam suas performances e atuações no contexto em que está inserido (Silva; Jayme, 2015). Assim, eventos históricos, crises econômicas, religiosas, sanitárias e/ ou políticas são capazes de modificar as relações sujeito-corpo-meio e os sistemas simbólicos a eles designados. Tais modificações são, ainda, marcadas por interseccionalidades entre raça, gênero e classe que atravessam “o corpo de atores em carne” (Le Breton, 2007, p. 10) e o põe em maior ou menor grau de controle, exploração e subjugação, a depender do tempo, espaço e local de que se fala.

A sexualidade, sendo exercida, performada e expressada através do corpo, torna-se assim como ele, sensível às construções históricas, culturais e sociais que a permeiam. Em diferentes épocas, perante as leis culturais, ao domínio religioso e/ou utilitarismo político e econômico, os múltiplos discursos acerca da sexualidade ganham contorno, contraste e controle (Butler, 2018). Como afirma Foucault (1998, p. 97), “nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação as mais variadas estratégias”.

Diante disso e ao considerar que Foucault (1998, p. 119) apresenta a sexualidade como o “conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa”, compreende-se que a sexualidade concebida pelo poder do discurso, não é intrínseca a uma suposta natureza humana, mas apresenta-se como “um texto socialmente construído” (Preciado, 2022, p. 26). Assim, as concepções higienistas, cisheteronormativas e burguesas que constituem os princípios da sexualidade ocidental, embora busquem apresentar-se como naturais, são provenientes de uma estrutura social específica e defendem os interesses desta (Foucault,

1998; Butler, 2018).

Do mesmo modo que próprias bases que o fundamentam, a forma com que o sujeito emprega seu corpo, e concomitantemente, sua sexualidade, está relacionada à estrutura social vigente e a um conjunto de sistemas simbólicos que coexistem no âmbito individual e coletivo (Le Breton, 2007). Neste sentido, ao adentrar aos debates que contornam as relações econômicas da sexualidade - isto é, o mercado sexual - o corpo e a sexualidade são convertidos,

[...] em espaço sobre o qual se inscrevem significados sociais e culturais que aludem à associação na categoria de profissional do comércio sexual, em acordo com os ambientes de socialização com seus pares e prática profissional dentro de uma estrutura social mais ampla. (Silva; Jayme, 2015, p. 205)

Ao longo da trajetória humana, diferentes culturas desenvolveram concepções próprias acerca do mercado do sexo. No mundo ocidental emergem discursos higienistas e patologizantes, os quais posicionam a prostituição como um desvio social e sanitário marcado pela degeneração e imoralidade (Ibacache; Íñiguez-Rueda, 2019). Essa visão guia as intervenções estatais para a busca por um controle biológico, negligenciando as demandas de proteção social desses sujeitos. Além disso, tais discursos incorporam ao imaginário coletivo a imagem do trabalhador sexual como uma identidade pré-determinada, “como *algo que é* e não como *algo que é feito*” (Ibacache; Íñiguez-Rueda, 2019, p. 6-7, tradução nossa).

No decorrer da história, a ausência de políticas públicas e o crescente desenvolvimento tecnológico compeliram os profissionais do sexo a reinventarem suas práticas visando atender as demandas do mercado. Nesse cenário, o advento da internet e o consequente esvaecimento das fronteiras anteriormente conhecidas, impulsionaram o surgimento de novos ramos do comércio sexual, como exemplificado pelo *webcamming* (Caminhas, 2021).

O *webcamming* surge no Brasil a partir dos anos 2000 sendo realizado majoritariamente por mulheres cis-gênero que “encenam diante da câmera atos eróticos e sexuais para uma audiência em troca de dinheiro e outros bens materiais” (Caminhas, 2021, p. 2). A partir dessa prática interativa reconstroem-se as ligações entre desejo, ação e satisfação e “reinventam-se o corpo e as relações sexuais” (Silva; Jayme, 2015, p. 202).

Para Caminhas (2021) essa variação de trabalho sexual derivou de um estilo de transmissão online predominante nos anos 1990, denominado *homecamming*. Nessa modalidade, também realizada principalmente por mulheres cis-gênero, as *webcams* - câmeras de vídeo conectadas diretamente a um computador - eram utilizadas para compartilhar experiências cotidianas (Caminhas, 2021).

Os estilos de transmissão eróticos e sexuais desenvolvem-se, então, paralelamente ao

homecamming, apropriando-se de sua principal característica: “a interação mediada simultânea composta por um polo de exibicionismo e outro de voyeurismo” (Caminhas, 2021, p. 2). Neste cenário, o *webcamming* passa a integrar o mercado do sexo e as *camgirls* - termo utilizado para referir-se às profissionais que atuam nesse ramo - são associadas a atrizes pornôs e prostitutas (Caminhas, 2021).

Tal associação sucede-se porque “as fronteiras que separam os diversos tipos de trabalho sexual são frágeis e movediças, sempre sujeitas a alterações e revisões”, sendo construídas a partir da experiência cotidiana dos atores (Caminhas, 2021, p. 8). No entanto, com o crescente desenvolvimento do *webcamming* emergiu a necessidade de uma delimitação que o apresente como uma modalidade específica do comércio sexual (Caminhas, 2021).

Neste sentido, o *webcamming* desenvolveu características próprias que o distinguem das demais modalidades de trabalho sexual. Essa prática não engloba somente o “consumo pornográfico de vídeos e imagens pelos usuários, mas também uma relação comercial de corpos como objetos de consumo e desejo expostos em vitrines mundializadas” (Silva; Silva, 2017, p. 153). Ademais “a interatividade é um dos principais bens comercializados, na medida em que se paga tanto pela interação quanto pelo conteúdo sexual/erótico” (Caminhas, 2021, p. 13).

Após seu início em meados dos anos 2000, o *webcamming* manteve um progressivo crescimento (Caminhas, 2021). No entanto, como mencionado anteriormente, eventos históricos e as consequentes crises a ele atrelados são capazes de modificar parâmetros anteriormente conhecidos, e alterar o curso de determinados fenômenos. Essa modalidade de trabalho sexual, por sua vez, mostrou-se extensivamente impactada pela pandemia da COVID-19 (Ramalho, 2021).

A COVID-19 é uma infecção respiratória potencialmente grave que iniciou uma pandemia global a partir de dezembro de 2019. Por possuir alta transmissibilidade, uma das primeiras ações governamentais diante da COVID-19 foi a adoção de políticas restritivas de isolamento da população (Orellana; Aragón, 2020). Apesar de apresentar-se como uma ação necessária para reduzir a curva de contágio e evitar o colapso dos sistemas de saúde, Ramalho (2021) afirma que a pandemia e suas medidas de prevenção provocaram uma turbulência social que modificou o estilo de vida, as interações e as relações econômicas.

Ao considerar que, durante a pandemia, o ambiente virtual demonstrou-se como um espaço biosseguro, levando todas as ações de interação possíveis para seu interior, “não seria de se espantar que a sexualidade também passasse a ser vivida de forma mais intensa pela internet” (Ramalho, 2021, p. 86). Assim, o *webcamming* ganhou significativa notoriedade dado que “muitas pessoas viram no online uma saída para extravasar a libido quarente-

nal” (Ramalho, 2021, p. 86).

Esse movimento pode ser observado através do considerável aumento nos números apresentados por plataformas vinculadas ao *webcamming*. Persch et al. (2023) e Cruz (2020) afirmam que no período entre os dias 1 e 19 de março de 2020, o site *Camera Hot* apresentou um aumento de quase 300 mil visitantes em comparação com o mesmo período do mês anterior. Por sua vez, a plataforma *Only Fans* - um site de conteúdos por assinatura que, apesar de não ser utilizado exclusivamente como ferramenta da indústria do entretenimento adulto, é majoritariamente empregado com essa finalidade - apresentou uma ampliação de cerca de 553% de seus rendimentos em relação à receita do ano anterior, com seu lucro saltando de 42 milhões para 371 milhões em 2020 (Ravache, 2021; Persch et al., 2023).

Por outro lado, identifica-se também o aumento no número de profissionais cadastrados nestas plataformas. Persch et al. (2023) e Cruz (2020) relatam um crescimento de cerca de mil novos cadastramentos por dia no período entre 1 e 19 de março, o que representa um número 30% maior se comparado ao mês anterior. Ao analisar esses números é necessário ponderar dois principais pontos. Primeiro, a pandemia foi responsável por uma alta taxa de desemprego, levando parte da população a buscar formas alternativas de renda (Orellana; Aragón, 2020). Em segundo lugar, os índices de desemprego mostraram-se extensivamente atravessados por recortes de gênero, escancarando a “vulnerabilidade das mulheres como grupo social” (Ramalho, 2021, p. 85).

Ao considerar que os trabalhos informais e de meio período são realizados majoritariamente por mulheres e que esses são os primeiros a serem depostos em momentos de instabilidade, observa-se que essa parcela da população permanece socioeconomicamente desprotegida, sendo compelida a buscar formas alternativas de renda (Pisani, 2020; Ramalho, 2021). Com a pandemia da COVID-19 e o extensivo impacto ao emprego feminino, o *webcamming*, ao ser um espaço já ocupado majoritariamente por mulheres cis-gênero e biosseguro, mostrou-se como uma possibilidade rentável (Caminhas, 2021; Ramalho, 2021).

Concomitantemente, essa modalidade ganha destaque por apresentar-se como uma “prática que tem sido propagandeada pela mídia como uma das mais vantajosas em termos de monetização dentro do mercado erótico” (Ramalho, 2021, p. 87). Tem-se como exemplo manchetes, como da revista *Vice*, publicada em 2020, que afirma: “As *camgirls* brasileiras estão enchendo o bolso na quarentena” (Lopes, 2020), e do site FA Notícias em 2021 que declara: “*Camgirls* impulsionam mercado e ganhos chegam até R\$ 200 mil” (FA Notícias, 2021). Ramalho (2021, p. 89) afirma que “esse tipo de chamada reforça o

imaginário que considera trabalho sexual uma forma de ganhar “dinheiro fácil””, sendo responsável por atrair cada vez mais pessoas para este ramo.

Diante do exposto, o presente estudo buscou compreender como as profissionais do sexo que atuam no *webcamming* significam suas relações com esse trabalho e como compreendem as influências pandêmicas e midiáticas para o crescimento desse ramo. Objetiva-se ainda conceituar o *webcamming* como uma nova forma de trabalho sexual a partir das experiências pessoais de profissionais atuantes. Compreende-se que a delimitação dele abre possibilidades de pensar formas de garantir segurança, dignidade e direitos para os sujeitos que atuam nesse ramo, tencionando ultrapassar o padrão de violência que acompanha o mercado do sexo.

METODOLOGIA

O presente estudo possui base metodológica cartográfica e foi dividido em duas etapas, a saber, netnografia e entrevistas semiestruturadas.

A escolha da cartografia como método basilar ultrapassa a busca por uma normatização de protocolos e procedimentos de pesquisas e apresenta-se na construção de uma análise crítica e política acerca da temática. Segundo Prado Filho e Teti (2013, p. 47) a cartografia possibilita a compreensão das “relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade”.

Partindo da cartografia desenhada por Deleuze e Guattari (1995), objetivou-se traçar os movimentos das relações de poder que atravessam subjetividades de trabalhadores sexuais. Neste cenário, por entender que “a produção política da subjetividade é um dos focos centrais e estratégicos da análise cartográfica”, defende-se que a escolha pela escuta e análise das narrativas de vida de *camgirls* surge para afirmar as subjetividades dessas (Prado Filho; Teti, 2013, p. 56). Essa perspectiva possibilita “a singularização, [e] a produção de si mesmo a partir de novas estéticas da existência” (Prado Filho; Teti, 2013, p. 57).

Mantendo no horizonte as perspectivas cartográficas e após a obtenção do parecer de aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) nº 5.691.384 de 07/10/2022, o presente estudo foi construído em duas fases: a netnografia e a entrevista semiestruturada.

A netnografia configura-se como “um método de pesquisa derivado da técnica etnográfica desenvolvida no campo da antropologia” (Rocha; Montardo, 2005, p.13). Esse método realiza a análise de mídias sociais e tem apresentado um significativo crescimento devido à busca pela compreensão das complexas relações estabelecidas no ambiente virtual (Rocha; Montardo, 2005). Por ter como objeto de pesquisa o *webcamming*, um movi-

mento pertencente ao mundo digital, a presente pesquisa compreende que a netnografia apresenta possibilidades de (re)conhecimento do cotidiano das trabalhadoras atuantes nesse ramo. Assim posto, realizou-se a observação da rotina dessas profissionais em redes sociais como *Instagram*, *Twitter* e *TikTok*, durante três meses, de outubro a dezembro de 2022.

Concomitantemente a isso, elaborou-se um mapeamento de possíveis candidatas que se dispusessem a participar voluntariamente de uma entrevista individual sobre a temática, ação que inaugura a segunda etapa da pesquisa. Foram selecionadas para a entrevista profissionais mulheres cis-gênero, com faixa etária igual ou superior a 18 anos de idade, as quais atuaram em plataformas de webcamming durante o período entre março de 2020 e novembro de 2022, e que estavam atuando no momento da realização da pesquisa.

Ao todo foram convidadas 77 profissionais, dentre as quais 15 acenaram seu desejo de participação. Entretanto, 8 entrevistas não foram realizadas devido ao não envio de documentação ou desistência das participantes. Dessa forma, ao todo, entrevistaram-se 7 profissionais, no período entre novembro de 2022 e abril de 2023.

A entrevista seguiu o modelo semiestruturado, uma vez que esse permite um desenvolvimento mais amplo da fala dos entrevistados, ao mesmo tempo em que garante ao pesquisador a possibilidade de ter acesso às informações que julgar importantes para o desenvolvimento do estudo (Flick, 2009). O roteiro de entrevista foi composto por questões abertas e perguntas controladas, que se basearam na literatura científica da área e em hipóteses teóricas dos pesquisadores (Flick, 2009). Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e da autorização de uso de imagem e voz, as entrevistas foram realizadas de maneira on-line mediadas pelas plataformas MS Teams e Skype.

Os dados coletados foram confrontados com pesquisas semelhantes publicadas nos periódicos da CAPES, Scielo, e Google Acadêmico, a fim de evidenciar as semelhanças, diferenças ou transformações das concepções acerca da temática. Essa pesquisa contou com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil das entrevistadas

Para analisar os relatos de experiência das sete profissionais entrevistadas, é necessário considerar o perfil singular e as consequentes interseccionalidades que aproximam,

distanciam ou modificam tais relatos entre si. Nesse sentido, serão apresentados a seguir os dados acerca da faixa etária, identidade racial, região do país em que reside e escolaridade das profissionais participantes. Para referir-se às entrevistadas serão utilizados nomes fictícios, objetivando manter o anonimato delas.

A faixa etária das entrevistadas manteve-se entre 19 a 32 anos de idade, com predominância de mulheres mais jovens. Em relação à residência, há destaque para a região sudeste (três entrevistadas) e para a região nordeste (duas entrevistadas). Quanto à identidade racial, três entrevistadas identificam-se como brancas, duas como pardas, uma como negra e uma optou por não declarar. No que se refere à escolaridade, três estavam cursando ensino superior em diferentes áreas, e quatro possuíam ensino médio completo.

Entrevistada	Idade	Região onde mora	Identidade Racial	Grau de Escolaridade	Início na profissão
Sofia	22 anos	Nordeste	Parda	Ensino superior incompleto (em curso)	2020
Isabela	19 anos	Sul	Branca	Ensino superior incompleto (em curso)	2022
Camila	32 anos	Sudeste	Não declarada	Ensino Médio Completo	2022
Mariana	25 anos	Sudeste	Parda	Ensino Médio Completo	2020
Juliana	26 anos	Sudeste	Negra	Ensino Médio Completo	2020
Ana	20 anos	Não especificado	Branca	Ensino Médio Completo	2022
Gabriela	22 anos	Nordeste	Branca	Ensino superior incompleto (em curso)	2020

Tabela 1: Dados das trabalhadoras entrevistadas obtidos durante a pesquisa, sendo divididos por: nome fictício, idade, região onde reside, identidade racial, grau de escolaridade e início no *webcamming*.

A predominância de profissionais jovens mostra-se atrelada a aspectos sociais, econômicos e culturais. Bichir (2022, p.56) afirma que, por um lado, o estilo de sociedade patriarcal que sustenta a estrutura social vigente, sujeita as *camgirls* a normas sexistas, principalmente à “valorização exclusiva do corpo de mulheres jovens”. Por outro lado, os cenários de crise econômica, desemprego e dificuldades de inserção no mercado de trabalho, compelem a população jovem, principalmente mulheres, a buscar formas alternativas de renda (Bichir, 2022).

Os dados referentes à identidade racial e escolaridade apresentam um relativo distanciamento do perfil de trabalhadoras sexuais atuantes na prostituição, que segundo Góes (2017) é majoritariamente marcado por mulheres negras e de baixa escolaridade. Os estudos realizados por Bichir (2022), Jones (2015) e Batista (2019) confirmam que

o *webcamming* é marcadamente realizado por mulheres brancas e denunciam o racismo imbricado nos sites que abrigam as atividades desta modalidade de trabalho sexual. Segundo as autoras, as modelos que mais lucram nestes sites “são brancas, magras, de aparência muito jovem e que apresentam mais características socialmente apontadas como femininas” (Bichir, 2022, p. 10).

De maneira geral, é possível observar que as profissionais entrevistadas apresentam um perfil variado e multifacetado que se mostra refletido em suas práticas e experiências profissionais com o *webcamming*. A variabilidade no perfil das *camgirls* também foi identificada nos estudos de Caminhas (2021), que entrevistou 15 mulheres que atuavam nesse ramo, e de Silva e Jayme (2015), que entrevistaram outras 9 profissionais.

Entrada no Webcamming

As sete entrevistadas iniciaram suas atuações no *webcamming* após o início da pandemia, sendo quatro delas em 2020 e três em 2022. Dentre as principais motivações que conduziram as profissionais a adentrar essa modalidade de trabalho sexual, observa-se a predominância das questões financeiras (cinco entrevistadas), seguido pela influência midiática (uma entrevistada) e a busca pela comodidade do trabalho em casa (uma entrevistada).

Apesar de uma motivação destacar-se nos discursos, há uma mescla de influências nas experiências relatadas. A pandemia da COVID-19, por exemplo, sobressaiu-se em suas falas, sendo associada às questões financeiras, como é caso de Sofia e Gabriela:

Sofia: Eu terminei uma extensão na faculdade em que eu recebia uma bolsa e foi bem no período em que a gente começou a ser avisado que as coisas iriam fechar. [...] Eu falava que eu não botava fé que a pandemia ia ser curta e inclusive não foi. [...] E aí uma amiga minha que estava trabalhando com *camming* falou: “Olha, eu acho que você vai se dar bem, a gente pode logar (*sic*) algumas vezes juntas, você deveria testar”. [...] E aí eu só comecei a entrar e fui indo e indo, escalando, escalando até que cheguei aqui.

Gabriela: Eu acho que o que me motivou mesmo foi porque eu não tinha mais nenhum outro emprego. Estava no ano da pandemia, ninguém ia conseguir mais nenhum emprego. E foi uma possibilidade, porque foi um mercado que bombou muito. Quando começou a pandemia, todo mundo comentava. E é muito fácil também, só precisa ter um celular e você consegue fazer tudo.

Em concordância com Pisani (2020) e Ramalho (2021), os relatos das *camgirls* constatarem que os impactos econômicos provenientes da pandemia da COVID-19 são desproporcionalmente marcados pela questão de gênero. Concomitantemente, os estudos de Orellana e Aragón (2020) e Nascimento (2021) evidenciaram que em 2020 as mulheres tinham uma maior probabilidade de perderem o emprego e menor chance de uma nova

contratação se comparado aos homens. Quando associados aos relatos das entrevistadas, os estudos supracitados reiteram a vulnerabilidade socioeconômica ao qual as mulheres são relegadas em períodos de instabilidade, e apontam para a necessidade de desenvolvimento de políticas de proteção social para esse grupo populacional.

Por sua vez, a mídia e a demanda financeira também apresentam suas relações nos discursos de Isabela, Mariana e Ana:

Isabela: Eu comecei a vender conteúdo, né? Tipo (*sic*) eu já conhecia o *Privacy*, o *OnlyFans* por causa da fama, enfim. E aí eu comecei a ver alguns vídeos no *TikTok* que me apareciam [...] E eu já via algumas propagandas em sites pornô, aparecia sempre. E aí eu pensei: “Ah, quer saber? Vamos tentar né”, e aí eu fui.

Mariana: Bom, eu tava (*sic*) grávida e eu tinha acabado de gastar todo o meu dinheiro de rescisão aqui nesse espaço que era pra ser um salão de cabeleireiro e aí eu me descobri grávida e foi um desespero. Na hora, eu não conhecia esse mundo do *camming* mas eu assisti num filme na *Netflix* e eu descobri o filme “*Cam*” [...] E aí, na época eu era casada, eu fui e fiz um teste e em uma semana eu consegui fazer um salário mínimo. Aí eu saquei esse dinheiro, fiquei esperando meu marido chegar em casa e falei assim, “olha, consegui esse dinheiro, mas foi assim, assim e assado (*sic*)” e ele topou da gente fazer junto e aí foi.

Ana: O dinheiro. [...] Eu vi os vídeos de umas *camgirls* no *TikTok* e aí me interessou.

Além das influências oriundas da grande indústria midiática e cultural, que como apontado por Ramalho (2021), coloca o *webcamming* como um dos ramos mais lucrativos do mercado do sexo, torna-se relevante destacar as influências que ganham corpo no interior do próprio grupo social. A partir do estudo netnográfico realizado e apoiando-se nas evidências apresentadas por Caminhas (2021), foi possível observar que uma prática comum entre as profissionais do ramo consiste em compartilhar suas experiências profissionais em diversas plataformas midiáticas.

Em redes sociais como o *TikTok*, as trabalhadoras relatam que, apesar de possuir riscos, há “benefícios que estariam presentes nessa atividade, como maior segurança e possibilidade de criação dos próprios horários” (Bichir, 2022, p.6). Esses relatos compartilhados por *camgirls* atuantes, atraem para o ramo outras pessoas interessadas nos benefícios divulgados, como por exemplo, as entrevistadas destacadas acima.

Mesmo fora das redes sociais, os relatos de profissionais já atuantes também contribuem para a divulgação do *webcamming*. Tal movimento é perceptível nos relatos de Camila e Juliana:

Camila: Necessidade de dinheiro. [...] Eu já tinha dado uma olhada, acho que desde 2016 eu já cheguei a dar uma pesquisada. Só que na época eu não tive coragem e tal. Só que

passou o tempo e daí ano passado eu me peguei na situação de realmente estar precisando. Eu tenho amigas que trabalham também mais ou menos com isso [...] E daí elas me indicaram, e daí eu falei: “Quer saber? Vamos lá”.

Juliana: [...] Na época, nessa casa moravam outras meninas também. E eu vi que elas ficavam passando de um lado para o outro, a maioria das vezes nuas [...] E aí eu quis, eu perguntei com o que elas trabalhavam. E aí elas me passaram assim, eu vi também muitas vezes e aí eu comecei a trabalhar com isso.

Juliana afirma ainda que o principal motivo que a levou a entrar no *webcamming* foi a comodidade de trabalhar em casa e estar mais próxima de sua filha. Segundo a participante:

Juliana: Antes eu era recepcionista da caixa econômica e eu saía, minha filha estava dormindo, eu chegava em casa, minha filha estava dormindo [...] Eu já estava ficando psicologicamente abalada com isso, porque era uma rotina de trabalho muito intensa. Eu trabalhava muito longe de casa e passava mais tempo dentro do transporte do que fora.

Quando as condições de vida e de trabalho se tornam adoecedoras, o sujeito busca alternativas que possam o libertar deste sistema explorador. Neste contexto surge a intensa procura pelo empreendedorismo e o autoemprego. Bichir (2022, p. 14) afirma que “o autoemprego é percebido como sinônimo da liberdade, numa sociedade de risco, no qual desapareceu do horizonte a estabilidade representada pelo estado-providência”. Entretanto, “alardeado como desejo de autonomização, o autoemprego raramente é uma opção do trabalhador, e sim falta de opção frente ao mercado de trabalho restrito” (Bichir, 2022, p. 14). A falta de possibilidades diversas também pode ser observada na fala da mesma entrevistada:

Juliana: Antigamente eu mesma já fui essa pessoa que fala assim: “vamos fazer um docinho e tal, comida ninguém se recusa a comprar não”. Mas hoje é: “vamos vender o corpo, hoje ninguém se recusa a comprar o teu corpo”.

Assim, ao buscar a emancipação através do empreendedorismo e do autoemprego, o trabalhador recai sobre outras formas de exploração articuladas no interior do sistema capitalista. Em um primeiro olhar, o gerenciamento de horários, a escolha do local de trabalho e da duração da jornada, apresentam-se como benefícios libertadores (Bichir, 2022; Abílio, 2020). No entanto, “vê-se nesses formatos de trabalho um processo de adoecimento cuja origem está, dentre outros fatores, no processo de individualização dos serviços - o trabalhador está solitário” (Bichir, 2022, p. 16). Alguns desses aspectos podem ser observados nos relatos das trabalhadoras acerca de suas experiências com o *webcamming*.

Experiência com o Webcamming

Ao analisar os relatos das trabalhadoras, é necessário considerar que, além das interseccionalidades mencionadas anteriormente, a experiência que as profissionais estabelecem com esse trabalho mostram-se relacionadas com dois pontos específicos. São eles: a maneira que compreendem o *webcamming* e a dependência financeira que estabelecem com ele.

No que tange a compreensão do *webcamming* dentro do mercado sexual, observa-se que algumas profissionais o associavam a uma forma de pornografia interativa ou prostituição, enquanto outras referiam-se a ele como um ramo específico. A mesma ambiguidade é observada na literatura da área. O estudo de Caminhas (2021) apresenta-se como um dos primeiros que expõe a preocupação, tanto das profissionais quanto da própria pesquisa, em delimitar o *webcamming* como uma nova modalidade. Em estudos anteriores como os de Silva e Silva (2017), Silva e Jayme (2015), Miranda (2014), Lopes (2013) e Ribeiro e Miranda (2012), esse ramo do trabalho sexual é definido como strip-tease virtual, cibersexo, pornografia interativa, ciberprostituição, entre outros.

A dubiedade identificada tanto na fala das entrevistadas, quanto na literatura da área coloca o *webcamming* num vácuo entre a pornografia e a prostituição, dificultando os “processos de autoapresentação e autorepresentação” das *camgirls* (Caminhas, 2021, p. 7). Ao delimitar, descrever e singularizar um determinado fenômeno, reconhece-se sua existência e compreende-se o campo semântico e simbólico que lhe é próprio (Caminhas, 2021). Concomitantemente, possibilita que as profissionais possam se reconhecer dentro de sua prática e construir novos sentidos a partir de suas vivências singulares.

Acerca da dependência financeira, identificou-se que, até o período de finalização da pesquisa, cinco entrevistadas mantinham o *webcamming* como principal fonte de renda (Sofia, Mariana, Juliana, Gabriela e Ana), enquanto outras duas o utilizavam como uma renda extra (Isabela e Camila). Bichir (2022) afirma que, assim como em todo sistema capitalista neoliberal, o dinheiro é a peça central no *webcamming*. Entretanto, nesse ramo ele ganha uma valorização excepcional se comparado a outras formas de trabalho assalariado, haja vista que, em diversas plataformas, as *camgirls* recebem por cada minuto trabalhado (Bichir, 2022).

Além de apresentar-se como um dos principais atrativos para a entrada de profissionais nesse ramo, o dinheiro coloca-se ainda um como regulador das práticas realizadas por elas. Identifica-se indícios deste fenômeno nos relatos de Sofia e Mariana:

Sofia: Você acaba ficando nesse local no qual você precisa do dinheiro e aí a maioria dos homens acha que você é uma boneca, e que eles podem realizar todos os desejos deles

contigo. Você acaba indo, porque você precisa do dinheiro. A maioria das *camgirls* acaba se submetendo porque ela precisa da grana.

Mariana: Seu momento de fama vai passar e você vai começar a fazer coisas que nunca faria, por exemplo fetiches muito pesados [...] Já fiz coisas assim, que são coisas que eu nunca pensaria em fazer na minha vida e eu fiz por dinheiro. Você se corrompe por dinheiro, você chega a deturpar o seu caráter e você se transforma em outra pessoa.

Em seu estudo, no qual entrevistou três profissionais do ramo, Bichir (2022) deparou-se com relatos semelhantes. Segundo a autora, as três entrevistadas afirmaram que, durante suas práticas profissionais, realizaram ações que não gostariam, mas que foram financeiramente compensatórias. Nesse cenário observa-se que as experiências vivenciadas no interior do *webcamming* mostram-se marcadas por fatores interseccionais que atravessam os campos singulares e coletivos. Portanto, como afirma Dobson (2008) citado por Bichir (2022, p. 59) “não se deve cair em simplismos quando aborda-se o *camming*, ou seja, evitar reduzir este a discursos individualistas e acrílicos voltados para “escolha pessoal” e “liberdade””.

Ao considerar os pontos supracitados, serão dispostos a seguir os relatos de experiências das profissionais entrevistadas com o *webcamming*. Isabela, Camila e Ana, as quais declaram que possuem vivências positivas neste ramo:

Isabela: É uma experiência boa. Eu poucas vezes me senti desconfortável durante o trabalho, eu gosto do que eu faço [...] A minha pessoa faz bem.

Camila: Olha, pra mim tá ok (*sic*). Quando eu fui começar, as minhas amigas falaram bastante da questão de peso psicológico e tal. Mas eu sou uma pessoa muito tranquila com isso, sabe? Sou bem resolvida com isso. Quando não tá tranquilo pra mim numa sala eu fecho.

Ana: Aí, é bom.

Em contrapartida, nos relatos apresentados por Mariana, Juliana e Gabriela destacam-se as experiências negativas proporcionadas por esse ramo do mercado sexual:

Mariana: Eu não estou satisfeita com o que eu faço, eu não quero mais continuar com isso. Só que eu não tenho outra alternativa, então eu to levando enquanto eu tento aprender coisas novas.

Juliana: Então, não vou dizer que é boa. Não é porque lidar com homens é uma coisa muito complicada. Na verdade, lidar com o público, né? Eu achava que lidar com o público de maneira direta, pelo fato de eu ser recepcionista, era ruim. Mas já teve dias que eu fui dormir chorando, já teve dias que eu deixei de me alimentar por conta de um estresse

que eu passei. [...] Para mim não é muito boa, mas dá para levar.

Gabriela: É um trabalho muito cansativo e demanda muito tempo e, pra falar a verdade, não dá muito retorno financeiro. Dá, mas você precisa trabalhar muito, passar muitas horas disponível para as pessoas e é muito cansativo fisicamente e mentalmente.

Ademais, Sofia afirma que suas vivências são marcadas por uma mescla de experiência com momentos agradáveis e desagradáveis:

Sofia: É uma experiência contraditória [...]. Metade do tempo eu gosto e eu acho uma boa profissão, eu me divirto, eu conheço pessoas incríveis e em outra metade do tempo eu estou em puro surto e ódio porque eu trabalho com pessoas e a pior coisa que um trabalhador pode fazer é lidar com público. Então gosto mas ao mesmo tempo me pergunto se é isso mesmo que eu deveria gostar. Mas, em geral, tem sido mais positivo do que negativo. E no quesito emocional, físico, financeiro, todos os quesitos acabam sendo mais positivos do que negativos.

As diferentes histórias apresentadas pelas entrevistadas e as diferentes significações que cada uma desenvolveu diante do *webcamming* demonstram que não existe possibilidade de definir este ramo de maneira absoluta. Ao citar Rubin (2003) Ramalho (2021, p.86) afirma que ao abordar a temática em questão, é necessário desviar de “categorias reducionistas, que considerem o trabalho sexual como inerentemente explorador ou empoderador”. Segundo as autoras, buscar por uma normatização universal das experiências no interior do comércio sexual, produz um entendimento binário e essencialista acerca do tema, impedindo o desenvolvimento de uma concepção ampla que busque garantir, acima de tudo, a dignidade e o direito dessas trabalhadoras.

É, no entanto, inegável que as relações de violência transpassam historicamente o mercado do sexo e acabam por alcançar o *webcamming*. O contato físico não está presente, mas a violência encontra outros modos de manifestação, como se observa no discurso de Sofia, Isabela e Juliana:

Sofia: Eu estou numa bolha do *camming* em que eu consigo me privar de certos tipos de violência que eu sei que a maioria das *camgirls* não estão. Então antes de eu entrar nessa bolha [...] quando minha primeira renda era o *CameraPrive*, por exemplo, eu era ameaçada de estupro, acho que, duas vezes por semana.

Isabela: Tem algumas situações chatas, né? Gravarem tela já aconteceu, coisas assim.

Juliana: Tem muitas meninas que entram em depressão. Eu conheço várias meninas que pararam de vender conteúdo porque vazou, que trancou a faculdade porque o conteúdo vazou e tudo mais. Muitas entendem como marketing: “Uau, vazou, meu marketing, não é? Tá fazendo propaganda de graça”. Já outras não levam tão bem.

As experiências das profissionais vão de encontro aos estudos de Bichir (2022) e de Jones (2015) os quais afirmam que atuar no *webcamming* pode proporcionar riscos. Como por exemplo: diferentes formas de assédio através de frequentes mensagens ofensivas e indesejadas - caso relatado por Sofia -, e o *capping*, que se fundamenta na gravação não consentida das performances das profissionais e a distribuição online desse material - caso relatado por Isabela e Juliana. No entanto, assim como destacado por Bichir (2022) e Mantilla, Toloza e Cacia (2020), ocorre ainda uma naturalização da violência, a qual algumas profissionais não percebem ou, quando percebem, compreendem-na como parte do trabalho e consideram que sua atenuação cabe a ações individuais das *camgirls*. São os movimentos identificados nas falas de Isabela, Camila e Juliana:

Isabela: Eu consigo entender que quando eu to ali, o *camming* é tipo uma performance pra mim, eu consigo entender isso.

Camila: Sim, tem [violência]. Mas também é isso, é só você cortar e ver que não serve pra você aquilo.

Juliana: Quando você começa a vender conteúdo, você tem que estar preparada para se aquilo ali vazar (*sic*).

As violências as quais atravessam as experiências dessas profissionais, não se resumem, no entanto, a relação com o cliente. Como afirma Bichir (2022, p. 52), o preconceito e o estigma social produzem “um impacto significativo na vida das trabalhadoras”. Ao citar Agustín (2007), Caminhas (2021, p.7) aponta que o estigma mostra-se presente no próprio termo prostituição - que aqui podemos ampliar para trabalho sexual -, pois esse “funciona como uma construção linguística associada a um processo de categorização social, que constrói a “classe de mulheres perigosas”, relacionada à criminalidade, à decadência moral e à pobreza”:

Mariana: Afetou e afeta até hoje, né? Ninguém me respeita [...] Hoje eu não consigo me relacionar com outros caras. Eu não gosto de esconder nada e quando eles sabem disso [profissão] eles mudam completamente o comportamento comigo.

Gabriela: Depois que descobrem, te tratam de uma forma completamente diferente [...] Por exemplo, eu não falo mais hoje em dia com meu pai por causa disso. Ele descobriu, não aceitou de jeito nenhum e preferiu cortar contato comigo. Então, com certeza influencia.

Nos relatos, observa-se que assim como afirmou Bichir (2022), o preconceito e o estigma social podem apresentar um impacto potencialmente mais prejudicial do que o próprio trabalho. São, por vezes, as experiências vividas fora da *webcam* que desencadeiam

sofrimento e adoecimento das trabalhadoras.

Pandemia

Como explicitado anteriormente, a pandemia da COVID-19 e os consequentes riscos apresentados por ela, motivaram ações governamentais de contenção de danos por todo o globo, entre as quais destacam-se as políticas restritivas de isolamento da população (Orellana; Aragón, 2020). Entretanto, o acesso a um isolamento econômico, social e fisicamente seguro não se deu de maneira proporcional para a toda a população, restringindo-se a “algumas categorias mais privilegiadas, isto é, aquelas com maior acesso a capital social, humano, financeiro e político”. (Passos; Almeida-Santos, 2020, p. 4245).

Nesse cenário, apresenta-se, de um lado, uma parcela privilegiada da população que encontrou na internet uma possibilidade de exercitar sua sexualidade em momentos pandêmicos, e de outro, um grupo socioeconomicamente vulnerável em busca de garantir renda para satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência em um sistema capitalista. Tal movimento é passível de observação a partir dos relatos de experiência das *camgirls* entrevistadas, as quais, unanimemente, relataram que identificam relações entre a pandemia da COVID-19 e o crescimento do *webcamming*:

Camila: Cresceu muitas meninas na venda de conteúdo nesse tempo [de pandemia] e ao mesmo tempo está rolando uma naturalização disso [...] Ter que ficar em casa, precisar da renda e tipo, a internet tá paga, tá ali, sabe? É um dinheiro que entra fácil.

Mariana: Quando chegou a pandemia chegaram muitas meninas novas nos grupos, meninas que entravam ali e dava uma semana, um mês, e paravam. Não ia muito pra frente. Mas sim, foi um *boom* muito grande, principalmente no *Facebook*.

Gabriela: Cresceu muito o número de mulheres que começaram a fazer porque muitas pessoas ficaram desempregadas e viram isso como uma opção. Acho que a pandemia tem influenciado muito e tem feito crescer de um jeito que eu e ninguém nunca tinha visto.

Embora o *webcamming* tenha se apresentado como uma possibilidade rentável, é importante considerar que “a autoorganização de indivíduos e grupos é geralmente insuficiente para mitigar o impacto da pandemia por COVID-19, não devendo ser considerada como um perfeito substituto para o devido apoio governamental” (Passos; Almeida-Santos, 2020, p. 4246). Quando se está falando de trabalhadores sexuais, o descaso do Estado soma-se ainda “ao estigma e abandono por parte do poder público em garantir direitos básicos para a categoria” (Passos; Almeida-Santos, 2020, p. 4245).

O desamparo socioeconômico vivenciado por essa parcela populacional durante a pandemia e a consequente busca pelo *webcamming* como uma possibilidade rentável fazem

surgir novas problemáticas, como a saturação desse mercado e a necessidade do desenvolvimento de novas práticas dentro dele:

Sofia: No *CameraPrive*, antes da pandemia, eu lembro que eram dez mil, onze mil meninas. E agora o *CameraPrive* está cinco vezes esse tamanho, cinco vezes esse número de mulheres. Tanto que desde o fim de 2020, eles tiveram que aplicar um filtro. É um filtro aleatório na verdade. A cada dez pessoas que se inscrevem, eles escolhem aleatoriamente uma delas, porque é um número tão grande de cadastros que eles não podem comportar todas aquelas mulheres.

Mariana: As meninas começaram a explicar muito isso [*webcamming*] e a querer dar mentoria. Questão acho que mais por desespero, tipo, “caramba, não to conseguindo vender nada, então vou passar a dar mentoria”.

Juliana: Meio que desvalorizou o nosso trabalho, porque muitas meninas sem informações acham que é só chegar ali e vender, né? Mas na verdade, tem todo um trabalho [...] Antigamente eu conseguia cobrar facilmente R\$50 por 5 minutos de chamada. Hoje no *Telegram*, tem menina que cobra R\$1 por minuto de chamada. [Agora] eu também dou mentoria para as meninas que são iniciantes.

Os relatos supracitados denunciam a crescente vulnerabilidade que as trabalhadoras sexuais têm vivenciado. Nesse cenário se torna importante analisar o posicionamento do Governo Federal brasileiro diante desta problemática. O Ministério do Trabalho inseriu a prostituição na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) em 2002. A CBO da profissão descreve as condições do exercício dela, ressaltando que esses profissionais trabalham por conta própria, sem local ou horário definido, estando também expostos à discriminação social, ao contágio de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), a maus tratos, violência e morte (Brasil, 2010). Esse movimento realizado pelo Ministério do Trabalho não garante a regulamentação da profissão, apenas revela o reconhecimento de que parte da população brasileira exerce essa atividade (Pereira; Feijó, 2014).

O *webcamming*, por sua vez, mostra-se ainda mais invisibilizado pelo poder público que nem sequer reconhece sua existência ou, quando muito, associa-o com a prostituição, negligenciando as demandas específicas de cada ramo do comércio sexual. Diante do exposto, Pena e Silva (2021, p. 39) afirmam que “devido à falta de políticas públicas que reconheçam as necessidades das trabalhadoras sexuais e dos desafios enfrentados pelas organizações que lhes orientam e dão suporte, ações de apoio de fortalecimento são urgentes”. Torna-se imprescindível o desenvolvimento de políticas sociais que garantam a regulamentação trabalhista, a segurança e a dignidade dos profissionais do sexo. Nesse movimento se objetiva ultrapassar o histórico de violência que não se resume à relação

trabalhador-cliente, mas é intensificado por uma estrutura social higienista e moralizante, a qual insiste em subjugar, explorar e violentar trabalhadores sexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou apresentar as significações e representações desenvolvidas por *camgirls* em relação a suas práticas profissionais, com ênfase aos atravessamentos pandêmicos presentes em suas experiências. Para além do perfil multifacetado das participantes, foi possível observar os elementos racistas, sexistas e etaristas que transpassam as relações comerciais do *webcamming* e influem significativamente nas vivências das trabalhadoras.

As experiências das profissionais, sendo atravessadas por marcadores sociais, pela compreensão que essas possuíam do *webcamming* e pela dependência financeira que estabeleciam com o trabalho, apresentaram-se de forma amplamente diversa. Nesse cenário, reitera-se que os debates acerca do mercado do sexo devem ultrapassar lógicas acríticas que desconsideram os fatores socio-histórico-culturais inerentes ao sujeito, bem como a visão normatizante e binarista, a qual busca definir o comércio sexual como essencialmente explorador ou emancipador.

Evidenciou-se que as influências pandêmicas e midiáticas aparecem de forma clara na fala das entrevistadas, inclusive em suas próprias motivações para adentrar o mercado do sexo. Compreende-se que a partir do déficit econômico, a pandemia expôs a desigualdade social e a desigualdade de gênero próprias de uma estrutura social patriarcal e burguesa, escancarando assim, a vulnerabilidade das mulheres enquanto grupo social. Concomitante a isso, as intensas formas de publicização e glamourização do trabalho sexual na mídia, contribuíram para tornar o *webcamming* alvo de diversas pessoas em busca de renda.

Salienta-se que o presente estudo não objetivou esgotar a problemática em questão. Ao contrário, defende-se que a escassa literatura sobre o tema e as consequentes lacunas formadas, tornam-se elementos instigadores de mais pesquisas, como, por exemplo, estudos voltados para as vivências de pessoas trans no *webcamming*. Entretanto, advoga-se que toda a tentativa de produção de conhecimento sobre o mercado do sexo seja construída com os sujeitos que o vivenciam cotidianamente. Não se deve ter como objetivo falar por esses trabalhadores, mas sim, dar voz a quem foi, é, e segue sendo sistematicamente invisibilizado.

BIBLIOGRAFIA

- ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: a era do trabalhador just-in-time?. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 98, p. 111-126, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.008>>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- AGUSTÍN, Laura. *Sex at the margins: migration, labour markets and the rescue industry*. Trechos traduzidos por Lorena Caminhas. London: Zed Books, 2007. 256 p.
- BATISTA, Paula Nogueira Pires. Todos querem paz e amor, mas o dinheiro apimenta o mundo: notas iniciais sobre clientes de cam girls, afeto e mercado transnacional de sexo online. In: OLIVEIRA, Thiago (Org.). *Homens nos mercados do sexo: reflexões sobre agentes, espaços e políticas*. Salvador: Editora Devires, 2019. p. 105-134.
- BICHR, Marta de Castro Alves. *Camgirls: o impacto do trabalho na vida das modelos de webcam*. 2022. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/27632>>. Acesso em: 05 fev. 2024.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 16. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 288 p.
- BRASIL. *Classificação Brasileira de Ocupações: CBO – 2010*. 3. ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/observatoriosocial/files/2014/09/CBO-Livro-1.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2023.
- CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira. Webcamming erótico comercial: nova face dos mercados do sexo nacionais. *Revista de Antropologia*, v. 64, n. 1, p. 1-22, 28 abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2021.184482>. Acesso em: 18 set. 2023.
- CRUZ, Felipe Branco. Após coronavírus, busca por sites pornô e *camgirls* cresce no Brasil. *Revista Veja*, 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/apos-coronavirus-busca-por-sites-pornos-e-camgirls-cresce-no-brasil>>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 94 p.
- DOBSON, Amy Shields. Femininities as commodities: Cam girl culture. In: *Next Wave Cultures: Feminism, Subcultures, Activism*. Routledge, 2008. p. 125-150. Traduzido pelos autores. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9780203940013-9/femininities-commodities-amy-shields-dobson>. Acesso em: 03 mar. 2024.
- FA NOTÍCIAS. *Camgirls impulsionam mercado e ganhos chegam até R\$ 200 mil*. 2021. Elaborada por Yahoo. Disponível em: <https://fanoticias.com.br/camgirls-impulsionam-mercado-e-ganhos-chegam-ate-r-200-mil/>>. Acesso em: 10 out. 2022.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1998. 149p.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.
- GÓES, Juliana. *Corpo, autonomia e associativismo: A participação das prostitutas da Guaicurus*. 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-AQFQ8A/1/disserta_o_final.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2024.
- IBACACHE, Jacqueline Espinoza; ÍÑIGUEZ-RUEDA, Lupinício. *Mujeres profesionales del sexo: prácticas reflexivas y posiciones en el campo*. Tradução dos autores. Cadernos Pagu, v. 1, n. 56, p. 1-31, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201900560013>>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- JONES, Angela. *For Black Models Scroll Down: webcam modeling and the racialization of erotic labor*. Tradução dos autores. *Sexuality & Culture*, v. 19, n. 4, p. 776-799, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1007/s12119-015-9291-4>>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- LE BRETON, David. *A Sociologia do Corpo*. 2. ed. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- LOPES, Maycon. *Pornografia Amadora em Tempo Real: observações preliminares sobre o cam4*. In: Simpósio em Tecnologias Digitais e Sociabilidade, 1, 2013, Salvador. Anais do Evento. Gits, 2013. p. 1-14. Disponível em: <http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/10/13n1_pornografia_49579.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- LOPES, Débora. As *camgirls* brasileiras estão enchendo o bolso na quarentena. 2020. *Revista Vice*. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/884-bwa/as-camgirls-brasileiras-estao-enchendo-o-bolso-na-quarentena>>. Acesso em: 20 out. 2022.
- MIRANDA, Thais Bittencourt de. Pornografia online amadora e seus desafios metodológicos. *Internet Latent Corpus Journal*, v. 4, n. 1, p. 82-93, 1 jan. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.34624/ILCJ.V4I1.14821>>. Acesso em: 05 ago. 2023.
- MANTILLA, Silvia Juliana Quijano; TOLOZA, Jenny Rocío Peña; CACUA, Silvia Nathalia Villamizar. *Modelos Webcam: repercusiones en la vida diaria y percepción de violencia de género*. 2020. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Psicologia, Facultad de Ciencias de Ciencias de La Salud, Universidad Autónoma de Bucaramanga, Floridablanca, 2020. Tradução dos autores. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.12749/11720>>. Acesso em: 02 fev. 2024.
- NASCIMENTO, Joyce Camila. *As dificuldades que as mulheres enfrentam no mercado de trabalho em tempos de Covid-19*. Conteúdo Jurídico, Brasília - DF, n. p., jan. 2021. Disponível em: <<https://conteudojuridico.com.br/consulta/artigos/56025/as-dificuldades-que-as-mulheres-enfrentam-no-mercado-de-trabalho-em-tempos-de-covid-19>>. Acesso em:

- 20 jun. 2023.
- ORELLANA, Vívian dos Santos Queiroz; ARAGÓN, Jorge Alberto Orellana. *Efeitos da Pandemia da COVID-19 no mercado de trabalho brasileiro*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 48., 2020. Anais... [Local de realização não mencionado: ANPEC], 2020. p. 1-17. Disponível em: <https://www.anpec.org.br/encontro/2020/submissao/files_I/i12-ae4477897c425dea5b67238fc1da22b3.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- PASSOS, Taciana Silveira; ALMEIDA-SANTOS, Marcos Antonio. *Trabalho sexual em período de pandemia por COVID-19 no contexto ibero-americano: análise de anúncios em websites*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 11, p. 4237-4248, nov. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320202511.26622020>>. Acesso em: 05 fev. 2024.
- PENA, João Soares; SILVA, Fernanda Priscila Alves da. Trabalho Sexual e COVID-19: entre o risco e a sobrevivência. *Revista Espirales*, v. 5, n. 2, p. 36-43, 2021. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2769>>. Acesso em: 05 mar. 2024.
- PEREIRA, Jesana Batista; FEIJÓ, Maurício Eduardo Vasconcelos. Prostituição e Preconceito: Uma análise do Projeto de Lei Gabriela Leite e à violação da dignidade da pessoa humana. *Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT*, v. 2, n. 1, p. 39-57, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/1348>>. Acesso em: 08 out. 2023.
- PERSCH, Hudson Carlos Avancini; SILVA, Flávia Torres; DAROLT JUNIOR, Rubens; BRESSAN, Paulo Roberto Meloni Monteiro; LEAL, Tamires de Assis. Uma análise das falhas de mercado da plataforma OnlyFans na pandemia da COVID-19. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, v. 14, n. 1, p. 368-384, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.31072/rcf.v14i1.1254>> Acesso em: 3 ago. 2023.
- PISANI, Mariane da Silva. O enfrentamento e a sobrevivência ao Coronavírus também precisa ser uma questão feminista!. *Boletim n. 12 - Ciências Sociais e Coronavírus*, [S. l.], p. 1-5, 3 abr. 2020. Disponível em: <https://sbpcsc.paginas.ufsc.br/files/2020/04/Boletim-n12-Mariane-Pisani.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 38, p. 45-59, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.
- RAMALHO, Núbia Sena dos Santos. *O Camming no Brasil: Uma breve análise sobre a satisfação de necessidades eróticas e afetivas em tempo de pandemia*. In: SIQUEIRA, Laurinda Fernanda Saldanha; SILVA, Maynara Costa de Oliveira (org.). *Diálogos Contemporâneos: Gênero e sexualidade na pandemia*. São Luis: Editora Expressão Feminista, 2021. Cap. 8, p. 85-93.
- RAVACHE, Guilherme. OnlyFans cresce 600%: Pandemia, crise e mais de 300 milionários explicam. 2021. UOL. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/onlyfans-cresce-600-pandemia-desemprego-e-novos-milionarios-explicam-56494>>. Acesso em: 14 maio 2023.
- RIBEIRO, José Carlos; MIRANDA, Thais. *Sites de vídeos pornográficos amadores: encenação, midiatisação e exibicionismo do anonimato*. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 21., 2012, Juiz de Fora. Anais [...]. Juiz de Fora: Galoá, 2012. p. 1-12. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2012/trabalhos/sites-de-videos-pornograficos-amadores-encenacao-midiatisacao-e-exibicionismo-do?lang=pt-br>>. Acesso em: 05 set. 2023.
- ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. *E-Compós*, Brasília, v. 4, n.1, p. 1-22, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.30962/ec.55>>. Acesso em: 04 mar. 2024.
- RUBIN, Gayle S. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 21, p. 41-81, 2003. Disponível em: <<https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/2711>>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- SILVA, Maria Aparecida Ramos da; SILVA, Allyson D. M. da. A virtualização da relação sexual em Cam4: o corpo enquanto objeto de desejo e consumo. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 143-155, 2017. Portal de Periódicos UFPB. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2017v24n1.34363>>. Acesso em: 04 jul. 2023.
- SILVA, Weslei Lopes; JAYME, Juliana Gonzaga. Close na web: incorporando femininos desejáveis. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 20, n. 1, p. 194-216, mar. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n1p194>>. Acesso em: 15 set. 2023.

PRAZER VISUAL E IDENTIFICAÇÃO: UMA LEITURA POSSÍVEL ENTRE TEORIA DO CINEMA ERÓTICO/PORNOGRÁFICO E PSICANÁLISE LACANIANA

Danilo Martins Vitagliano¹ e Vit Tiscoski Ramos²

RESUMO

Neste artigo, pretendemos relacionar os processos de constituição do cinema enquanto produto artístico inserido na indústria cultural, mediante os processos de identificação pressupostos na psicanálise de Jacques Lacan. Os filmes são produzidos, exibidos e recebidos, e por isso são constituídos de maneira conectada. Esta relação se dá mediante aos processos de identificação entre espectador e tela de maneira análoga à constituição do 'eu' a partir do outro elaborado no estádio do espelho por Lacan, sendo o desejo resultante desta relação de identificação, além de ser um processo contínuo delimitado pelo contexto histórico e pelos papéis sociais a ele associados.

PALAVRAS-CHAVE

Cinema; Psicanálise; *Porn Studies*; Identificação; Estádio do Espelho; *Stag Films*.

ABSTRACT

In this article, we intend to relate the processes of constitution of cinema as an artistic product within the cultural industry, through the processes of identification presupposed in Jacques Lacan's psychoanalysis. Films are produced, shown and received, and are therefore constituted in a connected way. This relationship takes place through the processes of identification between spectator and screen, in a manner analogous to the constitution of the 'I' from the other, as elaborated in Lacan's mirror stage, with desire resulting from this relationship of identification, as well as being a continuous process delimited by the historical context and the social roles associated with it.

KEYWORDS

Cinema; Psychoanalysis; *Porn Studies*; Identification; Mirror Stadium; *Stag Films*.

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES).

2 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES).

INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretendemos relacionar os processos de constituição do cinema, enquanto produto artístico inserido na indústria cultural, mediante aos processos de identificação pressupostos na psicanálise de Lacan. Os filmes são pensados e produzidos a partir da relação entre produção, exibição e recepção, e por isso são constituídos desta relação de maneira conectada. A audiência além de receber e concatenar acerca do conteúdo exposto, também é responsável pela constituição da própria narrativa, dos signos e significados produzidos e projetados na tela. Os espectadores têm agência para debater valores sociais que são produzidos, reproduzidos, significados e ressignificados mediante esta relação em profunda e infinita realimentação. Dessa forma, o cinema se estabelece como um campo de disputa político-ideológica pelos seus usos de representações sociais (Lagny, 1997). Compreendemos que esta relação se dá mediante aos processos de identificação entre espectador e tela de maneira análoga à constituição do 'eu' a partir do 'outro' elaborado no estádio do espelho por Jacques Lacan (1998a).

Primeiramente, faremos um resgate do chamado 'primeiro cinema', período de estabelecimento desta mídia como linguagem própria. Traremos o exemplo dos *stag films* como sub-gênero clandestino para compreender como o prazer visual se apresentou primeiramente e como foi recebido pelos espectadores. Posteriormente, traremos discussões dos *porn studies* acerca dos conceitos de *male gaze* e voyeurismo, para depois adentrar na teoria psicanalítica de Lacan. Para isso, visamos estabelecer um entendimento da constituição do 'eu' a partir do estádio do espelho, entendendo que essa constituição se refere não somente à imagem tal qual ela é apreendida pelo bebê, mas também à imagem do outro semelhante. Recorreremos, então, ao esquema óptico de Lacan, para pensarmos e complexificarmos esse estádio a partir da relação do Outro simbólico como mediador desse processo de identificação e reconhecimento. Posteriormente, apresentamos uma breve descrição do desenvolvimento teórico lacaniano em torno do objeto *a*, para constituir um objeto que pudesse escapar ao 'nó da servidão imaginária' concebido no estádio. Nesse desenvolvimento, passamos pela leitura que Lacan realiza do *das Ding* freudiano, do *agalma* em *O Banquete* de Platão e do conceito de 'nada' tal qual concebido por Immanuel Kant. Atentamos que esse desenvolvimento é constantemente realizado por Lacan para pensar um objeto que escape a qualquer noção de totalidade e de unidade, recorrendo à noção de objeto parcial para abordá-lo. Fazemos uma breve descrição, após, da figura topológica do toro e de sua relação na constituição do desejo como desejo do Outro e do objeto *a* como seu furo central, para podermos estabelecer uma relação entre o objeto parcial e o objeto *a*.

Recorremos, enfim, à retomada que Lacan realiza do esquema óptico no Seminário 10 para pensá-lo agora com a inclusão do objeto *a* e, como defendemos, do objeto parcial enquanto seu *a* posição. Essa retomada é, então, pensada, em diversos âmbitos, em sua possível relação com o discurso cinematográfico. Pensando que lugar o cinema pode ocupar como um Outro, representante da lei simbólica, e como esse lugar pode influir, então, nos processos de constituição do ‘eu’ imaginário, a partir de suas identificações e reconhecimentos com os outros semelhantes, assim como também no processo de constituição de desejos.

O PRAZER VISUAL NO CINEMA

Para Paul Preciado (2018), o pornô foi inventado pelo museu, mediante achados do museu secreto bourbônico de Nápoles do século XVIII. Preciado parte de Walter Kendrick (1987), que afirma a noção de pornografia emergente nas línguas europeias modernas entre 1755 e 1857 atendendo ao descobrimento de diversas peças das ruínas de Pompeia, dentre elas, esculturas de corpos animais e de humanos nus entrelaçados, diversos pênis de tamanho vultuoso não reservados à prostíbulos, como pensado primeiramente. Estas peças foram selecionadas pelo museu de Nápoles e sob a autoridade do governo de Carlos III de Bourbon, foram exibidos secretamente num espaço fechado, regulando, vigiando e controlando por meio do olhar o acesso a esse tipo de artefato. Somente homens aristocratas teriam acesso a esta parte segregada do museu. Mulheres, crianças ou pessoas das camadas populares da sociedade não teriam acesso. Dessa forma, “O muro do museu materializa as hierarquias de gênero, idade e classe social, construindo diferenças político-visuais através da arquitetura e de sua regulação do olhar” (Preciado, 2018, p. 27).

A palavra ‘pornografia’ no contexto museístico aparece nas palavras do historiador da arte alemão C. O. Muller, que define os conteúdos do Museu Secreto como pornográficos partindo da raiz grega da palavra - porno-grafei: pintura das prostitutas, escrita da vida das prostitutas. A definição de 1864, em inglês do dicionário Webster, indica ‘pornografia’ como “aquelas pinturas obscenas utilizadas para decorar os muros das habitações de Pompéia, cujos exemplos se encontram no Museu Secreto” (Preciado, 2018, p. 27). A regulação do Museu Secreto, assim como das noções de ‘infância’, ‘feminilidade’ e ‘classes sociais’, serve como fundador da ‘pornografia’ porque opera sob os significados visuais, sexuais e urbanos da modernidade ocidental, principalmente mediante o controle do olhar e da vigilância do corpo excitado em espaço público. O corpo masculino aristocrático representa, assim, a nova hegemonia político-visual e, portanto, político-orgásmica, sendo a única com acesso a excitação sexual em público.

Ao longo do século XIX, a noção de pornografia se transforma em retóricas higienistas das metrópoles modernas, sempre relacionadas à prostituição, a vida nas cidades e a higiene pública. É compreendida como uma forma de controle dos corpos, da vigilância policial e sanitária da atividade sexual no espaço público. As ‘mulheres solitárias’ eram comparadas ao lixo, aos animais mortos e outras ‘carniças’ nas ruas de Paris e Londres, por exemplo. A construção de bordéis são uma proposta de gestão da prostituição para sanear a cidade de Paris.

Assim como o Museu Secreto regula o olhar, o acesso à arte e à história em relação à mulheres, crianças e pessoas de classes mais baixas, a pornografia como categoria higiênica controla a sexualidade das mulheres em espaço público, principalmente por estar fora das estruturas institucionais do matrimônio e da família. “A pornografia é o braço público de um amplo dispositivo biopolítico de controle e privatização da sexualidade feminina na cidade moderna” (Preciado, 2018, p. 29).

Antes de se estabelecer como produto artístico com uma linguagem própria, o cinema do final do século XIX era caracterizado por encenações improvisadas, muito mais ligadas à cultura circense, experimentações, brevidade, anarquia, senso de humor, trucagens, improvisação, movimento e descontinuidade. Eram comuns imagens que exploravam métodos de ilusionismo, viagens no tempo, espetáculos chamados ‘ultra-realistas’, com simulação de viagens de trem em exposições dentro de vagões, e também a exploração da sexualidade, como em filmes erótico/pornográficos³.

Empresários como Thomas Edison e os irmãos Lumière contrataram diversos inventores para competir em feiras, como a Exposição Universal de Paris de 1900, por exemplo. Foram elaboradas diversas máquinas para captar, projetar, e/ou gravar imagens em movimento, alimentando, assim, um crescente e fértil mercado de novas tecnologias com alto potencial econômico. Muito rapidamente essa expansão transformou as imagens em movimento desconexas e confusas para uma linguagem própria, para uma forma de fazer e consumir filmes. O contexto de crescente urbanização, industrialização, aceleração dos transportes, das comunicações e da classe média do período da virada do século XIX para o XX serve para explicar a aceleração deste processo, que se deu principalmente

3 Utilizaremos este termo englobando o que se entende como erótico ou pornográfico, geralmente separados no campo cinematográfico, já que esta visão se trata de uma estratégia lucrativa da indústria audiovisual, que divide o público entre ‘convencional’ e ‘subterrâneo’. Para discutir o objeto, neste caso, filmes com representações de sexo diversas, deve-se primeiramente considerar as diferentes relações históricas de mecanismo de poder e sexualidade que envolvem essas representações, e as relações de poder, opressão e resistência que estas classificações envolvem (Gerbase, 2006).

pelas tendências múltiplas e conflitantes de se operar os filmes. Assim, o primeiro cinema⁴ apresenta um caráter contraditório de uma energia anárquica, irreverente, de uma expressão artística ainda bastante marginalizada, que buscava diversas formas de atrações, do choque, da comédia, e de espetáculo. A contradição jazia no paradoxo da busca por verossimilhança, ao mesmo tempo que seu caráter de subversão e experimentação, amplamente exemplificados pelas obras de Georges Méliès. Esse caráter artesanal do primeiro cinema, muito ligado à comicidade, contrariava a noção de progresso do modernismo e por isso logo foi desbancado.

Com a expansão do mercado de royalties e patentes de grandes empresários como da Companhia de Thomas Edison, a facilidade da invenção e experimentação perderam espaço. Este foi um período de institucionalização, quando o caráter anárquico é abafado em detrimento da autocensura e auto-regulamentação para garantir a sobrevivência da nova mídia. Assim como o uso das máquinas era cobrado, a projeção passou a ser mais controlada, assim como também a produção. Por exemplo, as intervenções dos atores com a câmera no início eram muito utilizadas, mas posteriormente o olhar extradiegético, ‘para fora’, era considerado prejudicial para a linguagem pretensamente realista. Por conta destas mudanças, Flávia Cesarino Costa (2005) compreende este período do primeiro cinema como de crescente transformação, separando-o didaticamente - e de maneira fluida e não hermética -, em três momentos. Um primeiro que vai aproximadamente de 1894 a 1898, caracterizado pela noção de espetáculo; um segundo de narração que vai de 1898 a 1908; e um terceiro e último de domesticação, a partir de 1908.

No período de narração há uma estabilização da técnica e forte experimentação de planos e cortes. Eram muito comuns filmes de comédias, muita utilização de trucagens, histórias religiosas e filmes erótico/pornográficos, de caráter extremamente preconceituosos e estereotipados. A maior característica dos filmes deste período era a ausência de moralismo. A transgressão era a única regra. Estes filmes eram feitos para serem exibidos em feiras, circos, teatros de ilusionismo, parques de diversões e cafés com espetáculos de variedades, e principalmente nos chamados vaudevilles e nickelodeons⁵, como os cha-

4 O primeiro cinema ocorreu aproximadamente de 1894 a 1908, e a expressão é derivada da inglesa *early cinema*. Flávia Costa (2005) discorda das atribuições de Noel Burch de ‘cinema primitivo’, ou de uma tradução da expressão ‘cinema dos primeiros tempos’ de André Gaudreault, pois estão associados a uma visão determinista da história do cinema, como se os filmes tivessem um caminho ascendente de aperfeiçoamento da linguagem. Segundo a autora, Burch critica esta historiografia, mas não se desvencilhou dela, mantendo o termo.

5 Nos vaudevilles, salões com grande capacidade de público, podendo chegar até a 9 mil pessoas, eram exibidos filmes de 10 a 20 minutos com vários atos sem coesão narrativa ou temática. Eram peças

mados ‘salões de curiosidades’ e bordéis de luxo.

Neste contexto, os filmes erótico/pornográficos tinham forte caráter de comicidade, e eram feitos para levar a audiência - diferente da forma que a pornografia é consumida na contemporaneidade - a excitação e ao prazer sexual. No documentário *Polissons et Galipettes* (2002) são apresentadas diversas produções da época com cenas explícitas de sexo heterossexual, homossexual, envolvendo personagens de freiras, padres, enfermeiras, relações em grupo, entre professores e alunas, animações, prostituição, pedofilia e zoofilia.

Fora do controle das elites, o cinema desses anos desfila uma infinidade de estereótipos raciais, religiosos e de nacionalidade. Há gozações de caipiras, imigrantes, policiais, vendedores, trabalhadores manuais, mulheres feias, velhos. E muitos filmes eróticos, feitos principalmente pela Biograph para serem exibidos nos mutoscópios. Os cenários utilizados eram bastante simples e chapados, com painéis pintados e poucos objetos de cena. O deslocamento dos atores se dava pelas laterais, acentuando a sensação de plenitude e de teatralidade. (Costa, 2006, p. 33)

Estes espaços de exibição apresentavam uma série de problemas na visão higienista e classista da crescente burguesia, que debatia a necessidade de uma estética mais pura, para agradar à “sensibilidade das senhoras e à inocência dos mais jovens” (Costa, 2005, p. 66). A intenção era, portanto, regular a liberdade que a ampla audiência detinha, passando a controlar a produção para, supostamente, ensinar as classes mais baixas os valores do trabalho, da honestidade e da moralidade.

Dessa forma, o cinema enquanto produto artístico inserido na lógica industrial, surge pela exigência de um realismo artístico e filosófico vindo de uma burguesia surgida da Segunda Revolução Industrial (1850-1945). O contexto era de ascensão do capitalismo industrial e financeiro (produtores); surgimento da classe trabalhadora (audiência); crescimento das lutas sindicais (locais de encontro, organização política e de reivindicação); expansão da economia global de maneira desigual e colonial; crescimento dos nacionalismos (cultura, língua e identidade); crise do liberalismo oitocentista; novos padrões de moralidade e ética pautados pela burguesia (Hobsbawm, 1979). Neste período, imperam as tecnologias disciplinares que normatizam a vida, com hora para o trabalho, para o sono,

de comédia, acrobacias de animais, poesias ou números dramáticos. Estes espaços eram considerados a versão estadunidense dos cafés europeus, espaços em que se conciliavam diversas atividades diferentes de lazer. Os chamados ‘nickelodeons’, eram espaços ainda maiores, e tinham como principal público a população operária. O ingresso era muito barato, e enquanto nos vaudevilles os ambientes eram mistos, os nickelodeons eram exclusivamente frequentados por homens. As histórias se sustentavam baseadas no humor racista e anti imigrante herdado dos vaudevilles. Com a regulamentação da distribuição dos cinemas, estes espaços passaram por um processo de elitização, com o aumento no valor dos ingressos, e na reforma das salas transformadas em palácios luxuosos.

para o sexo, e para o lazer. As instituições e políticas sociais organizam os seres humanos pelas prisões, escolas, fábricas, igrejas para ter controle sobre os corpos, de maneira não mais pública. Tal controle social opera para formar seres ‘normais’ (Foucault, 1987).

Foi neste contexto que surgiram os *stag films* (1915-1968), um sub-gênero clandestino na pornografia. Estes filmes geralmente tinham duração de 15 minutos ou menos, sem uma narrativa coesa e, assim, continuaram mesmo depois da consolidação das narrativas sonoras de longa-metragens. Seus autores eram geralmente amadores e anônimos, e o público-alvo era completamente masculino. Os curtas eram caracterizados por conter cenas de sexo explícito focados no prazer visual masculino em duas etapas, geralmente com uma cena de strip-tease e outra focada na ereção e na penetração vaginal, terminando com o final da relação, mas geralmente omitindo a ejaculação, como se deixando para os espectadores a busca por completar a narrativa, como se o prazer do inacabado, do não visto, do inalcançado fosse um gatilho para o espectador. Nestes casos, o ponto de vista também era masculino, já que as cenas eram filmadas por homens com intenções de consumo para o prazer reservados aos homens, majoritariamente heterossexuais, tanto que destas produções, muitas apresentam relações heterossexuais e/ou relações lésbicas.

A pornografia funciona como uma prótese masturbatória de subjetivação de caráter virtual, externo e móvel que se caracteriza, ao menos em sua origem e até os anos 70, por estar reservada ao uso masculino. [...] As técnicas visuais de produção de prazer sexual estão segregadas em termos de gênero, idade e classe social. (Preciado, 2018, p. 29)

Mais à frente exemplificaremos alguns destes sub-gêneros de filmes com as contribuições de Linda Williams, por ora trouxemos apenas sua contextualização histórica.

Assim como em outros gêneros como a comédia ou o terror, a pornografia no cinema tem intencionalidade visual não diretiva, mas reativa. Nesse sentido, o corpo é vulnerável à imagem. Porém, não devemos enxergar esta leitura como unidirecional, como os casos de Andrea Dworkin (1993) ou Catherine Mackinnon (1993) levadas em consideração por Laura Mulvey, em que o poder patriarcal masculino é um fator de estruturação semiótica visual da pornografia que transforma o corpo feminino em objeto de prazer visual. Segundo Williams (1991),

O prazer visual do *Stag Film* pode, portanto, ser caracterizado como uma oscilação prolongada entre dois pólos de prazer. O primeiro é herdado do striptease, porém mais amplo: é o prazer do grupo masculino coletivo que expressa seu desejo heterossexual pelos corpos das mulheres em exibição. Nesse prazer, o corpo da mulher é o mediador da conquista da identidade masculina. O segundo polo de prazer consiste em avançar em direção à identificação com um protagonista masculino que realiza atos sexuais com o corpo feminino que se mostra ao espectador, mas nunca a alcança plenamente. No modo

de recepção característico do *Stag Film*, essa identificação plena com os atores sexuais é impedida por necessidades aparentemente mais urgentes de se identificar com os outros homens na plateia, que preferem o conhecimento das “maravilhas do mundo invisível” - incluindo não apenas a aparência dos corpos das mulheres, mas também, como Scott MacDonald (1983, p. 13) observou, a aparência dos corpos dos homens quando eretos e quando “paus” são enfiados em “bocetas” - à identificação vicária com seus atores sexuais substitutos. O prazer visual do filme parece, portanto, hesitar perpetuamente entre essas duas formas de prazer: por um lado, um prazer que ainda se apegua a resquícios do striptease de palco, mas agora realizado para uma câmera que vê mais - exemplificado em *A Country Stud Horse* [1920] pela tomada dos lábios abertos que encerra a sequência do striptease - e, por outro, um prazer que antecipa, mas não alcança, a organização posterior desses elementos em eventos narrativos - exemplificado aqui pela sucessão descontínua de tomadas de carne e o “jogar a toalha”. (Williams, 1991, p. 80, tradução nossa)

Apesar de seu grande sucesso com sessões lotadas em vaudevilles e nickelodeons ao final do século XIX, estes locais estavam mudando, deixando de ser exclusivamente masculinos e sexualizados, para se tornar um ambiente pretensamente familiar por conta das políticas higienistas e classicistas da sociedade burguesa. Assim como socialmente, a narrativa hegemônica do cinema como arte se constitui, se estabelece e é determinada para agir enquanto homogeneizadora, domesticadora e higienizadora, passando de um público aberto e livre, para salas mais controladas com a presença do lanterninha e filmes construídos para ditar a moralidade e os comportamentos respeitáveis, abandonando principalmente os filmes erótico/pornográficos, tão comuns no primeiro cinema. O consumo de bebida alcoólica, dos cigarros e da criminalidade dos salões passou a ser proibido, para se voltar à exaltação de valores morais por meio de histórias com heróis e heroínas. Dessa forma, o cinema surge como espetáculo, passa pela narração e se torna meio de domesticação (Costa, 2005).

Feita esta contextualização histórica da constituição do cinema enquanto uma arte singular de narrativa própria, envolvida nas questões de luta de classes e hegemonia, que tornou clandestinos filmes que não encaixavam nas pretensões morais da classe burguesa, iremos avançar no próximo tópico apresentando alguns conceitos importantes da teoria do cinema para discutir a sexualidade nos filmes, para a frente, debatermos como estas relações espectatoriais podem ser compreendidas mediante a psicanálise como ferramenta possível para pensar a problemática do prazer visual e dos processos de identificação no cinema erótico/pornográfico.

MALE GAZE, VOYEURISMO E PORN STUDIES

O diálogo entre psicanálise e a teoria do cinema tem longa duração e diversas inter-

pretações. Neste trabalho, nos deteremos às suas influências aos chamados *porn studies*, que aliam teoria do cinema, psicanálise e estudos de gênero. Um dos grandes nomes desses diálogos é Laura Mulvey, que resgata as noções de dispositivo, sutura, perversão, fetichismo e voyeurismo vistas com Christian Metz - por sua vez influenciado por nomes como Derrida, Foucault, Deleuze, Lacan e Baudry - para dialogar com a teoria feminista.

Laura Mulvey investiga a identificação espectral na narrativa clássica hollywoodiana por meio da lente feminista de análise. A autora traz para o centro do problema a questão das mulheres, tendo em vista que a discussão da psicanálise no cinema tinha deixado de lado até então. Para Mulvey, no cinema, o prazer pelo olhar, enquanto escopofílico, aflora do prazer em outra pessoa como objeto de estímulo sexual pelo olhar; além disso, o prazer do olhar na fruição cinematográfica lida com a libido do ego, que resulta da identificação com a imagem. Como já iniciada a discussão em Metz no fetiche da castração, apesar de parecer agradável, o olhar pode resultar em angústia ao revelar o que pode estar oculto na representação. Nesse sentido, para Mulvey, é a figura da mulher enquanto personagem que entra em ação na relação com o dispositivo psíquico. Ou seja, a construção diegética de uma personagem feminina passa necessariamente pelo prazer espectral masculino, chamado de *male gaze*⁶.

Influenciada por Mulvey, Linda Williams partiu para seus estudos na busca por responder a questão de ‘como o prazer é representado no cinema?’. A autora aprofunda suas análises do cinema pornográfico principalmente tratando do sub-gênero já citado: *stag films*. *A Free Ride* (1915) é possivelmente o primeiro *stag film*, com a data ainda incerta. Após o título aparecer na tela, como de costume neste campo, o humor bronco aparece com a ficha técnica: “Directed by A. Wise Guy / Photographed by Will B. Hard / Titles by Will She”. A história se trata de um homem que dá carona para duas mulheres, e para para urinar. Elas saem para observá-lo e se tocam. Logo depois elas também vão urinar, e ele as observa com prazer e também se toca. Eles depois iniciam o ato sexual à três. As mulheres disputam a atenção do homem, elas tiram as roupas, e ao terminar retornam ao carro e retomam seu caminho.

Era comum ao cinema pré-narrativo uma estrutura inteligível, mas não narrativa. Os *stag films* mantêm esta linguagem mesmo após o estabelecimento de uma narratividade própria. Neste sub-gênero, os movimentos têm finalidade em si, e não são parte central

6 Alguns autores apontam para pontos fracos na teorização de Mulvey, por não apontar o prazer visual das mulheres, justamente quando se fala da narrativa clássica hollywoodiana sendo construída a partir do melodrama com intenções de agradar o público feminino. Críticas como esta e outras levantadas por feministas e autoras militantes foram discutidas por Mulvey em livros posteriores, como em *Afterthoughts on 'Visual Pleasure and Narrative Cinema' inspired by King Vidor's Duel in the Sun*, de 1993.

dos eventos nem resolvem a estrutura climática destes filmes. Como o foco destes filmes é a ação sexual, a narrativa é construída apenas até o momento que o ato ‘hardcore’⁷, - como chama Linda Williams - começa.

Ele não apenas centraliza e fixa nos detalhes genitais dos encontros sexuais que constituem sua ação principal, mas também o faz de forma obsessiva e repetitiva, embora sem oferecer continuidade temporal. É como se, depois de dominar o grau limitado da técnica narrativa necessária para colocar a ação genital mais radical em foco para o espectador, o *stag film* se contentasse em oferecer esses detalhes como muitos espetáculos descontínuos, sendo que cada cena separada é, como podemos deduzir, um show bom o suficiente por si só. (Williams, 1991, p. 65, tradução nossa)

O voyeurismo é outra característica muito forte neste sub-gênero, como em todos, mas se apresenta de maneira diferenciada por partir somente do ponto de vista masculino. “Os atores masculinos nesses filmes podem ser substituídos pelos espectadores masculinos, mas, se forem, é porque a subjetividade masculina é dominante” (Williams, 1991, p. 59, tradução nossa). O foco da narrativa está em expor as partes do corpo feminino normalmente escondidas, causando prazer no olhar masculino, visado como público-alvo deste gênero, assim, o prazer visual deste cinema não está na narrativa, mas sim no olhar penetrante provindo da câmera e a lógica abstrata que une fragmentos de enquadramentos isolados no espaço-tempo da diegese.

É justamente a visão voyeurista do cinema que forma a linguagem cinematográfica como conhecemos. Para exemplificar isso, Noel Burch cita *The Gay Shoe Clerk* (1903), e Linda Williams resgata sua análise. O curta de menos de 2 minutos trata de um evento cômico de um balconista com uma cliente. A moça senta para calçar o sapato, e o *close-up* no pé dela mostra-a levantando a saia para provocar o balconista. No plano mais afastado vemos o beijo dos dois, que logo é reprimido por uma terceira pessoa, que bate no homem com um guarda-chuva, e as duas saem do local. “Muitos dos primeiros filmes desse tipo empregavam algum tipo de dispositivo óptico para motivar o que foi o primeiro uso verdadeiramente narrativo de close-ups no cinema” (Williams, 1991, p. 66, tradução nossa). O uso do *close-up* nestes casos, geralmente se dá pelo desejo em ver mais em detalhes o corpo feminino, e não necessariamente pelo ponto de vista do personagem que interage com a mulher, como em outros casos com óculos de leitura, pelo buraco da fechadura, por um telescópio, por uma câmera ou pelo espelho.

Apesar de o voyeurismo ser uma prática comum no primeiro cinema, esta técnica apresentava limites, principalmente em relação ao final dos filmes, que deveria ter uma

7 Linda Williams (1991) chama de *hardcore*, em geral, a promessa do prazer visual pela aparição da ‘coisa’, que seria uma ação involuntária de um confesso corpo em prazer.

conclusão para que o espectador pudesse se retirar satisfeito da história, que não deveria parar abruptamente, sentindo que não teria mais nada para ver. Outra diferença do uso do voyeurismo nos *stag films* em relação ao primeiro cinema é o ponto de vista e os *close-up*, que são utilizados de maneira limitada, fazendo com que o olhar do espectador masculino não entre completamente no espaço narrativo diegético, lembrando-os de seu lugar no espaço de exibição.

Apesar de a *meat shot*⁸ ser comum em filmes pornográficos, os *stag films* se diferenciam por utilizá-los também em seu fim, diferente dos longas pornôus usuais, que tem por final quase sempre, não só o close da penetração, mas também devem ter a satisfação - que pode ser representada em várias formas, seja por sons de gemidos, suspiros, ou diálogos, mas principalmente pela ejaculação, chamada de *money shot*⁹. Não era comum, apesar de haver, cenas de ejaculação nos *stag films*, pelo menos não antes do estabelecimento dos longas pornôus no mercado. A intenção dos *stag films* era, na verdade, econômica, já que eram exibidos principalmente em bordéis, estes filmes deviam estimular o espectador a comprar os serviços de uma das mulheres da casa, por conta disso a ejaculação não era o foco do final destes filmes, deixando para o espectador a possibilidade de ‘resolver’ a história.

Outra característica crucial para a construção da representação do prazer visual nos *stag films* está na atuação das atrizes, que diferente das strippers profissionais, atuam de maneira crua, desajeitada e amadora ao exibir-se para a câmera e ao realizar atos sexuais com parceiros masculinos e femininos. Os sorrisos e a consciência da exposição que uma stripper performaria não é representada pela atriz do *stag film* para tornar a atuação justamente mais verossímil.

Apresentada essa introdução em relação à historicidade do cinema pornográfico, vamos agora adentrar na compreensão da teoria psicanalítica de Jacques Lacan a respeito dos processos de identificação e de reconhecimento, e como esses atravessam a constituição de um desejo, para pensarmos, então, o modo em que a sexualidade é trabalhada no cinema pode intervir em discursos políticos e sociais que colocam em disputa a forma hegemônica em que os sujeitos reconhecem em si algo de uma sexualidade e como o protagonismo de um prazer pode ser pautado por meio do discurso cinematográfico.

IDENTIFICAÇÃO IMAGINÁRIA EM LACAN

Uma das primeiras elaborações teóricas de Lacan, situada no que, posteriormente, vai ser nomeado como registro imaginário, consiste no estádio do espelho. Esse conceito

8 *Close-up* da penetração.

9 *Close-up* da ejaculação.

foi apresentado inicialmente em 1936 e depois em 1949, cuja versão está contida em sua coletânea de textos, *Escritos* (1966), sob o título *O estádio do espelho como formador da função do eu*. O ponto central de tal texto é elaborar um processo de constituição do ‘eu’, o qual colocaria a psicanálise como um campo alheio a “qualquer filosofia diretamente oriunda do *Cogito*” (Lacan, 1998a, p. 96).

Pois bem, Lacan parte de um aspecto comportamental para o estabelecimento dessa teoria: o reconhecimento da própria imagem por um *infans* da espécie humana, ainda em tenra idade.

Esse acontecimento pode produzir-se [...], a partir da idade de seis meses, e sua repetição muitas vezes deteve nossa meditação ante o espetáculo cativante de um bebê que, diante do espelho, ainda sem ter o controle da marcha ou sequer da postura ereta, mas totalmente estreitado por algum suporte humano ou artificial [...], supera, numa azáfama jubilatória, os entraves desse apoio, para sustentar sua postura numa posição mais ou menos inclinada e resgatar, para fixá-lo, um aspecto instantâneo da imagem. (Lacan, 1998a, p. 97)

Temos aqui um acontecimento que Lacan nomeia como uma “verdadeira prematuração específica do nascimento no homem” (Lacan, 1998a, p. 100), de modo que, por um lado, ocorre um atraso do desenvolvimento do neuroeixo nos primeiros seis meses de idade, o qual situa a criança em uma condição de impotência motora e de dependência de um outro para sua sobrevivência, mas, por outro lado, há uma antecipação funcional, em contraste com esse desenvolvimento primeiro, da maturação da percepção visual. Essa discordância temporal entre esses dois eixos implica que a criança, ainda que não possa controlar, nem dominar seu corpo, o qual se apresenta, a partir de sua percepção inicial, como fragmentado e despedaçado, possa, por meio de um júbilo promovido por um olhar e por sua subsequente identificação, alienar-se em uma imagem, a qual se apresenta, não sem enganos, enquanto completa e unificada. “Pois a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como *Gestalt*, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída” (Lacan, 1998a, p. 98).

O estádio do espelho pode ser compreendido, pois, como essa identificação, como uma transformação produzida nesse ser que, ao se deparar com uma imagem, a qual é assumida por ele enquanto própria, produz uma “matriz simbólica em que o ‘eu’ se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (Lacan, 1998a, p. 97). Temos, portanto, uma dialética temporal nessa identificação, que opera categoricamente no processo de formação do ‘eu’. Tal passagem ocorre partindo de um corpo que

se encontra despedaçado, fragmentado e mergulhado ainda em seu processo de constituição motora, antecipando sua imagem como uma unidade aparentemente provida de uma organização espacial. Essa suposta ordenação, contudo, é estabelecida por meio de um engano, dado que essa imagem, aparentemente estruturada, esconde a desorganização vivenciada e experimentada, acarretando, assim, em uma identificação alienante que confere ao 'eu' seu alicerce imaginário.

Essa antecipação imagética constitutiva do 'eu' produz uma alienação, desse modo, a uma imagem que lhe é exterior. Essa exterioridade promove uma identificação não somente de uma imagem entendida como sua, mas também à imagem de um outro que lhe é semelhante, isto é, ao corpo desse outro que é mirado em seu olhar. Portanto, essa imagem, por mais que possa ser entendida enquanto própria, não deixa de ser constituída como um outro e a partir de um outro - dada a exterioridade em que tal imagem é experienciada -, de modo que “é no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta a princípio” (Lacan, 1998b, p.182). Podemos, assim, dizer que esse acontecimento no qual um ser se identifica e se aliena com uma imagem, compreendida como sua, deve ser complementado também por uma identificação e por uma alienação à imagem de um outro, de forma que “o outro tem para o homem valor cativante, pela antecipação que representa a imagem unitária tal como é percebida, seja no espelho, seja em toda realidade do semelhante” (Lacan, 1986, p.148). É, portanto, por meio do outro que constituímos nosso 'eu', compreensão que leva Lacan a prestar homenagem ao poeta Arthur Rimbaud ao dizer que o “Eu é um outro” (Rimbaud apud Lacan, 1987, p. 14).

A identificação com essa imagem enganosa de um semelhante, ilusoriamente completa e unificada, velaria que esse outro se encontra no mesmo estado de “miséria original” (Eidelsztein, 2018, p. 36), fruto de nossa condição de nascente enquanto um ser de linguagem que ocupa um corpo biológico, perdido para sempre em suas identificações imaginárias. Assim,

Funda-a uma forma de causalidade que é a própria causalidade psíquica - a identificação, que é um fenômeno irreduzível -, e a *imago* é a forma definível, no complexo espaço-temporal imaginário, que tem por função realizar a identificação resolutive de uma fase psíquica, ou, em outras palavras, uma metamorfose das relações do indivíduo com seu semelhante. (Lacan, 1998b, p. 189)

Essa identificação, a qual se inscreve “numa ambivalência primordial que nos aparece [...] no espelho, no sentido de que o sujeito se identifica em seu sentimento de si, com a imagem do outro, e de que a imagem do outro vem cativar nele esse sentimento” (Lacan, 1998b, p.182), produzindo uma alienação com seu semelhante, é articulada por Lacan a

partir da dialética do reconhecimento hegeliana. Segundo Kojève¹⁰, assíduo leitor de Hegel, e o qual Lacan frequentava os seminários, ao discorrer sobre essa dialética, afirma:

O homem se confirma como humano ao arriscar a vida para satisfazer seu desejo humano, isto é, seu desejo que busca outro desejo. Ora, desejar um desejo é pôr-se no lugar do valor desejado por esse desejo. Porque, sem essa substituição, desejar-se-ia o valor, o objeto desejado, e não o próprio desejo. Desejar o desejo do outro é, em última análise, desejar que o valor que eu sou ou que represento seja o valor desejado por esse outro: quero que ele reconheça meu valor como seu valor, quero que me reconheça como um valor autônomo. Isto é, todo desejo humano [...] é, afinal, função do desejo de reconhecimento. (Kojève, 2002, p. 14)

Desse modo, o próprio do desejo humano se constituiria na mediação com o outro. O desejo é, pois, o desejo de fazer seu próprio desejo ser reconhecido no e a partir do outro. Essa identificação com a imagem do outro se torna, assim, em um desejo de reconhecimento por esse outro. Em um desejo entendido como um reconhecimento pelo semelhante, o qual é representado a partir da dialética do senhor e do escravo hegeliana. Essa dialética, contudo, é lida por Lacan a partir da existência de um simbólico como fato anterior a sua operação. Pois, sem essa lei simbólica, sem um “pacto prévio” (Eidelsztein, 2018, p. 37) que possa permitir a renúncia à luta até a morte, essa dialética não teria saída, a não ser a própria morte ou a agressividade interminável.

A relação do senhor e do escravo é um exemplo-limite, porque, é claro, o registro imaginário em que se desdobra só aparece no limite da nossa experiência. A experiência analítica não é total. É definida num outro plano que não é o plano imaginário - o plano simbólico. (Lacan, 1986, p. 254)

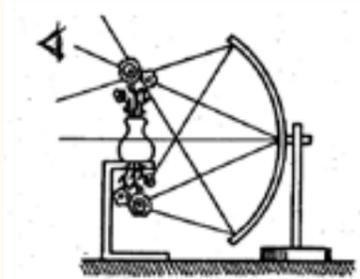
Esse mito imaginário de conflito entre o senhor e o escravo, essa relação intersubjetiva de reconhecimento imaginário, possui, assim, uma regra implicada, que é justamente a ordem simbólica que media as relações imaginárias, a qual possibilita que as posições de senhor e de escravo sejam reconhecidas como tais. Ou melhor, que possibilita que as relações de intersubjetividade e de reconhecimento possam operar, através do estabelecimento dos significantes que coordenam as trocas simbólicas. Pois, “a troca simbólica é o que liga os seres humanos entre si, ou seja, a palavra, e que permite identificar o sujeito” (Lacan, 1986, p. 166). Assim,

10 Não é de nosso interesse aqui discorrer sobre a fidelidade da leitura de Kojève à letra hegeliana. Mas sim ao fato de que essa leitura foi importante para o desenvolvimento teórico de Lacan nesse momento. Cf. ARANTES, Paulo Eduardo. Hegel no espelho do Dr. Lacan. In: Psicologia USP, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 11-38, 1995. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicosp/v6n2/a02v6n2.pdf>. Acesso em: 12 de abr. de 2024.

É nesse plano que se sustenta a dialética do olhar. O que conta não é que o outro veja onde estou, é que veja aonde vou, quer dizer, muito exatamente que veja onde não estou. Em toda análise da relação intersubjetiva, o essencial não é o que está ali, o que é visto. O que a estrutura, é o que não está ali. (Lacan, 1986, p. 256)

Desse modo, ao introduzir o simbólico como mediador no modo em que compreende a dialética do reconhecimento, Lacan propõe um esquema, dito óptico, para estabelecer qual seria seu papel de mediação entre o ‘eu’ e seu semelhante, assim como para elaborar outras questões acerca da identificação e da alienação em torno de sua imagem. Contudo, antes de entrarmos propriamente nesse esquema tal como proposto por Lacan, creio ser proveitoso passarmos por um que lhe é anterior e que lhe serve de base para seu subsequente desenvolvimento. O psicanalista recorre, primeiramente, ao experimento do buquê invertido para pensar nas relações entre imagens reais e imagens virtuais, tais como elas são compreendidas pela física óptica.

Imagem 1: o experimento do buquê invertido.



Fonte: Lacan, 1986, p. 94

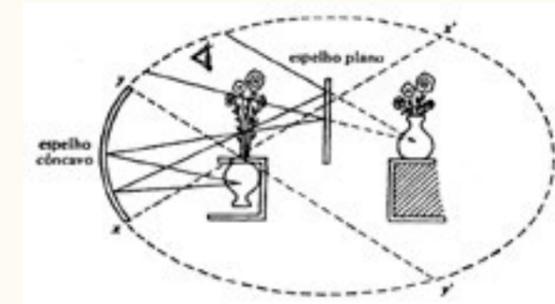
Temos, pois, com o experimento acima retratado, que o buquê de flores que se encontra embaixo da caixa, escondido ao olhar daquele que o observa, aparece, a partir de sua reflexão no espelho côncavo, como uma imagem dita real, passando a sensação de estar dentro do próprio vaso. Seu reflexo tem a característica de ser uma ilusão, dando a impressão, para aquele que o vê, do buquê estar ali de fato, e não sua imagem refletida. Tal imagem é chamada de real no campo da física, e não de virtual, por conta de sua produção ocorrer no mesmo plano em que se encontra o objeto em questão, no caso, o buquê. Como afirma Lacan, “nesse momento, enquanto vocês não veem o buquê real, que está escondido, verão aparecer, se estiverem no bom campo, um buquê imaginário muito curioso, que se forma bem no gargalo do vaso” (Lacan, 1986, p. 95).

Encontramos aqui uma analogia importante a ser estabelecida com o estádio do espelho, acima descrito. A pessoa que olha sua imagem no espelho tem a impressão dessa ser sua imagem real, constituída como um corpo unificado e fechado, dado que passaria

a condizer com a constituição de sua imagem como própria. Contudo, tal apreensão não passaria de um engano, de uma ilusão, dado que, assim como no experimento do buquê invertido, temos que essa imagem possui a característica de ser uma ilusão produzida para aquele que a observa. Por isso, tal imagem tem para o ‘eu’ uma função alienante, a qual implica em sua constituição imaginária. Sendo que sua imagem prévia ao júbilo do olhar promovido no estádio do espelho se apresenta como inacessível a esse sujeito, assim como o buquê escondido na caixa. Segundo Lacan, “na relação do imaginário e do real, e na constituição do mundo tal como ela resulta disso, tudo depende da situação do sujeito. E a situação do sujeito [...] é essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico” (Lacan, 1986, p. 97).

Posteriormente, Lacan complexifica tal esquema e promove o que ficou conhecido como ‘esquema de dois espelhos’ ou ‘esquema do vaso invertido’, representado a seguir.

Imagem 2: esquema de dois espelhos.



Fonte: Lacan, 1986, p. 147

As mudanças produzidas nesse esquema são as seguintes: primeiramente, temos a inversão entre o vaso e o buquê de flores, onde antes tínhamos o buquê escondido atrás da caixa, agora temos o vaso; e em segundo lugar, temos a inclusão de um outro espelho, um espelho plano, o qual agora reflete a imagem real produzida pelo espelho côncavo, situado atrás do olho do observador. Esse espelho é trabalhado como uma analogia ao Outro, enquanto campo da linguagem, bateria dos significantes, que no esquema passa, então, a mediar a relação do sujeito com sua imagem. Não mais temos a imagem ilusória diretamente acessível para aquele que a observa, essa imagem agora passa a ser mediada pelo Outro, antes de ser, de fato, apreendida enquanto tal. Lacan utiliza dessa analogia para mostrar que o simbólico impera desde antes das relações de identificação e de reconhecimento¹¹. Assim, a imagem narcísica só seria acessível para o ser humano através da mediação do

¹¹ Importante salientar aqui que quando tratamos dos registros lacanianos do Real, Simbólico e Imaginário, os três existem conjuntamente, como foi posteriormente desenvolvido em seu nó borromeano, não sendo possível desvincular um sem que se perca os outros dois.

Outro, pois é “a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê” (Lacan, 1986, p. 165).

Em relação à nova posição das flores e do vaso no esquema, Eidelsztein nos esclarece que,

Autorizados pela estrutura analógica do modelo, comparando, por um lado, o vaso / continente com o corpo cujos furos representam as zonas erógenas e comparando, por outro lado, as flores / conteúdos com os objetos parciais pulsionais, podemos concluir que é ao redor dos objetos parciais da pulsão que, na teoria psicanalítica, se constitui o corpo [...] O vaso dentro da caixa, por sua vez, também inacessível ao sujeito na nova posição que ocupa junto ao modelo, representa o corpo como organismo biológico, perdido para o sujeito humano, mais além dos avatares das histórias particulares. (Eidelsztein, 2018, p. 39)

Esse esquema, permite, então, abarcar a “função de desconhecimento que nossa concepção do estádio do espelho instaura como princípio da formação do eu” (Lacan, 1998c, p. 682), a partir do vislumbre dessa imagem especular entendida como um outro semelhante, pois “o ser humano não vê sua forma realizada, total, a miragem de si mesmo, a não ser fora de si” (Lacan, 1986, p. 164), marcando, assim, o papel fundamental do imaginário na constituição do ‘eu’, que aliena-o a essa imagem, a qual, por sua vez, é apreendida enquanto uma totalidade unificada ilusória, imaginária, constituída em torno dos objetos parciais pulsionais; não sem antes passar pelo campo do Outro simbólico, o qual realiza a mediação entre as relações imaginárias de identificação e reconhecimento com os semelhantes, pois “seria um erro acreditarmos que o Outro maiúsculo do discurso possa estar ausente de alguma distância tomada pelo sujeito em sua relação com o outro, que se opõe a ele como o pequeno outro” (Lacan, 1998c, p. 685).

CONSTITUIÇÃO DO OBJETO DO DESEJO

O objeto parcial da pulsão como aparece aqui vai ser posteriormente lido por Lacan enquanto objeto *a*, isto é, objeto causa de desejo. Tal objeto começa a ser desenvolvido a partir da imagem produzida pelo estádio do espelho, por meio do que ele chama de “nó de servidão imaginária” (Lacan, 1998a, p. 103), de modo que tudo o que adviria como objeto de desejo carregaria a marca desse objeto primeiro. Esse desenvolvimento se alia, seguidamente, a uma leitura do *das Ding* freudiano. Afirmar Freud, quando intentava elaborar uma ligação possível entre uma memória que provoque um desejo de um objeto e a percepção presente desse mesmo objeto, no texto *Projeto para uma psicologia científica* (1895),

Suponhamos que, em termos bastante gerais, a catexia de desejo se relaciona com o neurônio *a* + o neurônio *b*, e a catexia perceptiva, com os neurônios *a* + *c*. [...] esta [a linguagem] chamará o neurônio *a* de a coisa, e o neurônio *b*, de sua atividade ou atributo - em

suma, de seu predicado. (Freud, 1996, p. 249)

A Coisa seria, então, o que faria a ligação entre a ‘catexia de desejo’ e a ‘catexia perceptiva’, enquanto aquela parte que permanece inalterada entre ambas, estabelecendo, assim, uma relação possível entre diferentes complexos de representação. Não podendo, contudo, ser predicável, dado que a predicação é estabelecida pelo elemento que acompanharia *das Ding*. É o elemento irreduzível que se apresentaria tanto ao desejo, por meio de uma memória, quanto à percepção, no que ela lhe seria semelhante, porém não pertencendo diretamente a nenhum dos dois.

Lacan encontra aqui um meio de pensar o objeto de forma que escape ao ‘nó de servidão imaginária’, entendendo o *das Ding* freudiano enquanto aquilo que escapa à toda representação possível, mas que esteja, ao mesmo tempo e irreduzivelmente, compondo o objeto de desejo, a Coisa, desse modo, “abria uma via para conseguir sustentar a existência de um objeto que houvesse rompido as amarras com a unidade” (Le Gaufey, 2015, p. 63). Temos, pois que *das Ding* representaria, assim, algo do objeto enquanto perdido, tendo rompido com a unidade do ser do objeto. Como pode nos afirmar Garcia,

Afinal, com *das Ding*, se trata exatamente disso: de um vazio no simbólico, objetivado enquanto vazio, enquanto algo de uma perda que se faz valer como perda [...], trata-se desse objeto perdido, primordialmente positivado em sua falta, fundamental para a determinação do desejo do sujeito. (Garcia, 2015, p. 107)

Desse modo, *das Ding* “funda a orientação do sujeito humano em direção ao objeto” (Lacan, 1988a, p.74). Tal desenvolvimento é continuado no seminário 8 (1960-1961), *A transferência*, em torno da noção de *agalma*. Esse termo grego é retirado do texto *O Banquete* de Platão, e designa um objeto precioso. Em linhas gerais,

Trata-se de uma noção que aponta para o valor social, circulável, dos objetos tidos como valiosos, mas não num sentido mercantil, e sim como portador de uma série de atribuições que podem ser encarnadas naqueles sujeitos a quem são atribuídos o valor do objeto agalmático. (Garcia, 2015, p. 119)

O que mais interessa a Lacan em relação ao *agalma* é sua condição algo como brilhante, como afirma, “isso basta para nos indicar que o importante é o sentido brilhante, o sentido galante, pois esse termo vem de *gal*, brilho no francês antigo” (Lacan, 1992, p. 184). Temos, então, que não é um objeto que recai sobre esse conceito, mas sim uma propriedade desse objeto.

O *agalma*, para dizê-lo em termos aristotélicos e para o Lacan que se valia deles, não é tanto um ser quanto um acidente. Menos um substantivo que um adjetivo. E, no entanto, Lacan o traz e o considera como um objeto [...]. É um objeto... que não tem o ser pleno

e estável que se tem o hábito de esperar de um objeto. (Le Gaufey, 2015, p. 66)

Portanto, por mais que o *agalma* se apresente mais como uma propriedade de um objeto do que como um objeto em si, Lacan não deixa de pensá-lo como um objeto que esteja colocado em um campo passível de desejo, mas um que não se seja dotado de uma substância que o faria participar de uma ontologia no sentido clássico aristotélico.

Lacan vai pensá-lo a partir do amor, enquanto aquilo que o amante procura em seu amado, cuja relação entre desejante e objeto de desejo se constitui a partir de “algo que não está à sua disposição, e que não está presente, em suma, alguma coisa que ele não possui, algo que não é ele mesmo, algo de que está desprovido. [...] Aquilo de que ele é faltoso, o que lhe falta essencialmente” (Lacan, 1992, p.149). O *agalma* aqui é entendido, então, como algo que se encontra ausente para o sujeito e que é tido por ele como um brilho, de modo a provocar um desejo, “o traço agalmático projeta um brilho fascinante sobre o desejante, por ser esse objeto privilegiado que o completaria” (Garcia, 2015, p. 120). Tal brilho, contudo, mantém o objeto desejado enquanto velado para o sujeito que o procura, permanecendo desconhecido. O *agalma* é, assim, um traço brilhoso de um objeto que causa fascinação para um sujeito, fazendo com que esse objeto seja desejado, e, nesse processo, esse brilho ofusca a visão desse sujeito, impedindo-o de desvelar o que constituiria tal traço.

Lacan relaciona-o, pois, com o objeto parcial:

Em suma, de que se trata? - senão daquilo do qual nós, analistas, descobrimos a função sob o nome do objeto parcial. A função do objeto parcial é uma das maiores descobertas da investigação analítica. [...] Havia ali uma descoberta, a do lado fundamentalmente parcial do objeto na medida em que ele é pivô, centro, chave do desejo humano. (Lacan, 1992, p. 184)

Temos aqui o objeto parcial que Lacan chama de ‘chave do desejo humano’, o qual é entendido como algo que escapa a toda tentativa de totalidade, não constitui um substância ontológica no sentido aristotélico, localizável no espaço e no tempo, pois “se fizermos dele apenas um objeto, ele será um objeto qualquer, um objeto como os outros, um objeto que pode ser rejeitado, trocado, em suma, ele vai ser profundamente desvalorizado” (Lacan, 1992, p. 186). Esse objeto é, assim, apreendido apenas a partir de seu traço agalmático.

Se este objeto os apaixona é porque ali dentro, escondido nele, há o objeto do desejo, *agalma*. É isso que dá o peso, a coisa pela qual é interessante saber onde está ele, este famoso objeto, qual é sua função, onde ele opera tanto na inter como na intrassubjetividade. Este objeto privilegiado do desejo culmina, para cada um, nessa fronteira, nesse ponto limite que lhes ensinei a considerar como a metonímia do discurso inconsciente. [...] Esse objeto, qualquer que seja o modo pelo qual falem dele na experiência analítica, quer o chamem

de seio, falo ou merda, é sempre um objeto parcial. (Lacan, 1992, p. 188)

Lacan, no Seminário 9 (1961-1962), *A identificação*, traz mais um elemento para a elaboração teórica de seu objeto, ao articular a conceitualização que Immanuel Kant faz em relação ao ‘nada’ em seu livro *A crítica da razão pura* (1781). Toda discussão estabelecida pelo filósofo em sua obra é extensa demais para nos adentrarmos nessa ocasião, mas o que nos interessa para nossa discussão e o que Lacan resgata em sua leitura é o modo que Kant pensa o ‘nada’ a partir de quatro distintas maneiras. Sendo elas (Kant, 2018): o conceito vazio sem objeto (que não pode ser contado entre as possibilidades, embora não seja tido enquanto impossível); o objeto vazio de um conceito (a negação de alguma coisa, o conceito da falta de um objeto, como a sombra e o frio); a intuição vazia sem objeto (simples formas da intuição, como o espaço puro e o tempo puro, os quais são algo como forma de intuição, mas não podem ser em si objeto da intuição) e o objeto vazio sem conceito (objeto de um conceito que se contradiz a si próprio). Esse último será de maior interesse de Lacan, sobre o qual, remete o psicanalista, ao articular a relação do sujeito com a Coisa,

O nada que tento, para vocês, fazer proceder desse momento inicial na instituição do sujeito, é outra coisa. O sujeito introduz o nada como tal e esse nada é distinto de qualquer ser de razão, que é aquele da negatividade clássica, de qualquer ser imaginário, que é aquele do ser impossível quanto à sua existência [...], que também não é o *ens privativum* que é, propriamente falando, o que Kant, admiravelmente, na definição dos seus quatro nadas, da qual ele tira tão pouco partido, chama de *nihil negativum*, a saber, para empregar seus próprios termos: *leerer Gegenstand ohne Begriff*, um objeto vazio, porém acrescentemos, sem conceito, sem ser possível agarrá-lo com a mão. (Lacan, 2003, p. 228)

Lacan, desse modo, continua sua concepção do objeto parcial, enquanto a Coisa, como algo que escapa à qualquer noção de unidade ou totalidade, agora pensando-o como um ‘objeto vazio sem conceito’, partindo da maior negatividade kantiana em seus termos, retirando-o, não somente de uma constituição ontológica, mas também da própria ideia de conceito em si, o qual poderia levar esse objeto de volta à uma unidade de um entendimento filosófico clássico. Nesse movimento, o psicanalista continua sua elaboração teórica para constituir a existência de um nada que possa ser pensado sem qualquer essência.

Esse objeto parcial, esse *das Ding*, esse *agalma*, portanto, para escapar ao ‘nó da servidão imaginária’, para escapar de qualquer delimitação escópica que possa levá-lo a uma consistência que o transformaria em um objeto qualquer, transformando-o em uma totalidade fechada em si, perdendo assim sua potência como objeto causa de desejo, é elaborado por Lacan de diversas maneiras, nesse movimento constante de desidentificação de um ser dotado de substância com tal objeto. O psicanalista recorre à Coisa freudiana

para demonstrar que seu objeto se apresenta como um elemento irreduzível tanto ao desejo, apreendido a partir da memória, quanto à percepção, mas que não se encontra em nenhum desses dois, sendo, assim, um objeto perdido, no sentido de ser algo inacessível em si, um vazio no simbólico. Depois, Lacan utiliza o recurso do *agalma* tal como ele aparece em *O Banquete* de Platão, para pensá-lo como um traço brilhoso, algo que se apresenta mais como um adjetivo do que como um substantivo, mas cujo brilho provoca seu eclipse, de modo que tal objeto permanece, assim, desconhecido ao sujeito que o deseja. Tal desenvolvimento teórico é, então, relacionado com uma noção de objeto parcial, o qual escapa a qualquer possibilidade de totalidade, não sendo localizável no espaço e no tempo e se opondo a uma unidade com o ser desse objeto no sentido de algo dotado de uma substância. Para encontrar, enfim, na maior negatividade kantiana, o objeto vazio sem conceito, uma contradição em seus termos, um lugar para que esse objeto possa escapar, não somente de uma substancialização, mas também à própria noção de conceito em si, a qual poderia, posteriormente, trazê-lo de volta ao reino da essência como fundamento de seu ser. Pois bem, como Lacan afirma, a partir desse desenvolvimento, ao contrariar toda relação possível entre sujeito e objeto da filosofia numa compreensão clássica, “aquilo de que temos que falar mediante o termo [objeto] *a* é, justamente, um objeto externo a qualquer definição possível de objetividade” (Lacan, 2005, p. 99). Um objeto que escape à própria noção de objeto, portanto.

Esse desenvolvimento apreendido por Lacan nessa breve incursão teórica sobre tal objeto nos aproxima do que ele entende com o registro do real, enquanto aquilo que escapa a toda simbolização possível, ou, como nos remete o psicanalista com um de seus aforismos, o real é aquilo que “não cessa de não se escrever” (Lacan, 2010, p. 133). Desse modo, o real “se afirma nos impasses da lógica” (Lacan, 2012, p. 39), justamente por ser aquilo onde nenhuma simbolização se faz possível, o impossível por excelência.

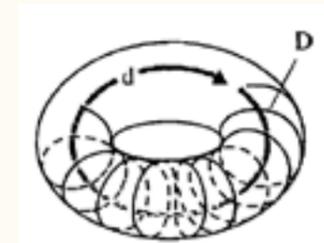
O real é o que comanda toda a função da significância. O real é aquilo com que vocês deparam, justamente por não poderem escrever em matemática seja o que for. O real é o que concerne a que, no que é a função mais comum, vocês se banham na significância, mas não podem segurá-los todos ao mesmo tempo, os significantes. Isso é proibido pela própria estrutura deles. Quando vocês têm alguns, um embrulho deles, não têm os outros. Eles são recalcados. Isso não significa que vocês não os digam, ainda assim. Justamente, vocês os dizem *inter*, eles são interditos. O que não os impede de dizê-los. Mas vocês os dizem censurados. Ou tudo o que é a psicanálise não tem nenhum sentido, deve ser jogado no lixo, ou o que estou lhes dizendo com isto deve ser a sua verdade primeira. (Lacan, 2012, p. 29)

Lacan aqui é bem enfático com o que estrutura o real, enquanto aquilo que está in-

terdito, mas que não pode ser, de fato, dito. Esse *inter* se relaciona com a impossibilidade de escrevê-lo em matemática, ou seja, de escrevê-lo a partir da lógica. É a impossibilidade de realizar uma escrita desses significantes, é o que faz questão, portanto, nos intervalos dos significantes, justamente onde eles não se inscrevem. Onde eles não cessam de não se inscrever. Justamente nesses espaços que Lacan vai situar seu objeto *a*, nesses vazios da estrutura, pois “o *a* minúsculo não atravessa jamais essa hiância [...], como objeto indeglutível [...], que resta atravessado na garganta do significante” (Lacan, 1988b, p. 255).

Temos, pois, aqui, uma apreensão dupla do modo que podemos estabelecer esse objeto, que, embora tenham uma relação direta, diferenciam-se estruturalmente. Lacan recorre à figura topológica do toro para articular a relação entre demanda e desejo, e, conseqüentemente, a relação entre o objeto parcial e o objeto *a*, propriamente dito.

Imagem 3: demanda e desejo no toro.



Fonte: Lacan, 2003, p. 222

O toro é uma figura topológica que se assemelha ao formato de uma câmera de ar de um pneu de bicicleta, contudo, topologicamente, ele é definido como “a superfície de revolução deste círculo em torno de um eixo, e o que é engendrado é uma superfície fechada” (Lacan, 2003, p. 182). O importante para nós aqui é que Lacan localiza nessa superfície as voltas da demanda, representadas pelo *D* maiúsculo e o desejo, como aquilo que está mais além da demanda, passando por meio dessas voltas, representado pelo *d* minúsculo.

Através de todas essas demandas, é, de alguma forma, esse desejo inconsciente, a metonímia de todas as demandas. [...] Aqui a metonímia encontra, de algum modo, sua aplicação mais sensível, como sendo manifestada pelo desejo, sendo este o que nós articulamos como suposto na sucessão de todas as demandas, enquanto elas são repetitivas. (Lacan, 2003, p. 221-222)

Quando os laços da demanda completam uma volta, realizada de metonímica, e se fecham sobre si mesmos, ocorrem a formação de duas bordas do toro. Uma dessas bordas seria aquela preenchida pelos laços da demanda e a outra seria uma interna, delimitada por meio desses laços, denominada por Lacan de ‘círculo vazio’.

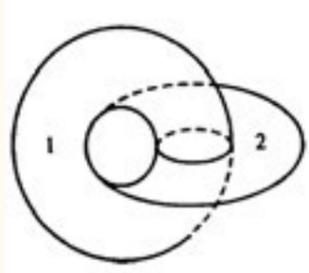
Nesse movimento, nessa dimensão nos aparece por que o desejo é o que suporta o movimento, certamente circular, da demanda sempre repetida, mas da qual um certo nú-

mero de repetições podem ser concebidas - aí está o uso da topologia do toro - como completando alguma coisa. O movimento de bobina da repetição da demanda se fecha em algum lugar, mesmo virtualmente, definindo um outro círculo que se alcança nessa mesma repetição e que desenha o quê? [...] É pelo fato de ter sido tomado no movimento repetitivo da demanda, no automatismo de repetição, que ele se torna objeto do desejo. (Lacan, 2003, p. 312)

Temos, pois, que nessa borda central produzida no toro, nesse vazio na estrutura, nesse real pelo qual as voltas da demanda circundam, é onde Lacan vai localizar seu objeto *a*. Furo esse que poderá ser, então, preenchido, provisoriamente, pelos objetos de desejo parciais, mas nunca de modo a eliminá-lo por completo. Um movimento desejanse que se constitui desse modo, operacionado por uma falta que é apresentada na estrutura, a qual delimita seu lugar como limite, pelo qual o desejo pode vir a aparecer. Aqui o objeto *a* aparece enquanto causa de desejo, *causa* incessante de desejo, não um objeto desejado em si, mas sim estruturado topologicamente a partir de significantes, enquanto aquilo que a linguagem encontra como limite, no vazio de sua estrutura. Os objetos parciais, doravante, operam nesse limite, de modo a constituir esse movimento desejanse, ao desempenharem a função de manejar essa falta, não para cerrá-la, o que seria impossível, mas sim para que o sujeito se coloque nesse movimento.

Contudo, para Lacan, um toro não existe sozinho, mas sim entrelaçado com outro toro. De modo que temos o toro que pode ser dito do sujeito e o toro que pode ser dito do Outro, os dois em imiçãõ. Assim, o vazio central de um é preenchido pelo círculo pleno de outro. E os laços da demanda de um preenchem o vazio do objeto do desejo do outro. “O que o neurótico visa, como objeto, é a demanda do Outro; o que o neurótico demanda, quando ele demandar apreender *a*, o inapreensível objeto de seu desejo, é *a*, o objeto do Outro” (Lacan, 2003, p. 356). Pode ser dito, então, que o objeto parcial é o objeto que o neurótico toma emprestado da demanda do Outro para preencher, provisoriamente, o lugar vazio de seu desejo.

Imagem 4: dois toros entrelaçados.



Fonte: Lacan, 2003, p. 200

Desse modo pode-se reiterar que desejo é desejo do Outro. Como Lacan afirma em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960), “com efeito, é muito simplesmente [...] como desejo do Outro que o desejo do homem ganha forma” (Lacan, 1998d, p. 828). Assim, é somente a partir do desejo do Outro que o desejo do sujeito pode se compor, pode advir enquanto tal. Mais à frente, o psicanalista continua,

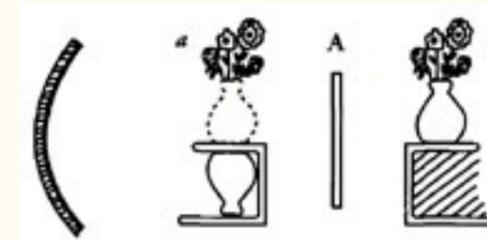
Pois aí se vê que a insciência que o homem tem de seu desejo é menos insciência daquilo que ele demanda - que, afinal, pode ser cingindo - do que a insciência a partir da qual ele deseja. E é a isso que corresponde nossa formulação de que o inconsciente é o discurso do Outro [...] Mas acrescentando também que o desejo do homem é o desejo do Outro, onde o “de” fornece a determinação chamada pelos gramáticos de subjetiva, ou seja, é como Outro que ele deseja. (Lacan, 1998d, p. 829)

É como o Outro que o sujeito deseja. O desejo do sujeito está atravessado de tal modo pelo Outro que já não é possível falar um ‘eu desejo’ desde a perspectiva de um desejo inconsciente. Há algo que é desejado em mim. ‘Isso’ deseja. Somos atravessados por esse desejo constituído no Outro, isto é, na linguagem, nas articulações significantes, na estrutura simbólica.

O ESQUEMA ÓTICO, MAIS, AINDA

Voltemos agora ao esquema óptico e a como esse vai ser elaborado por Lacan no Seminário 10 (1962-1963), *A angústia*, após ter desenvolvido seu conceito de objeto *a* propriamente dito.

Imagem 5: esquema óptico simplificado.



Fonte: LACAN, 2005, p. 132

As flores agora podem ser compreendidas com maior esmero, tendo sido apresentada uma breve compreensão sobre a conceitualização do objeto *a* de Lacan. Sobre o esquema, o psicanalista afirma,

É com a imagem real, constituída ao emergir como *i(a)* [ao lado esquerdo do espelho plano], que nos apoderamos ou não, nessa aparência, da multiplicidade dos objetos *a*, aqui representados pelas flores reais, graças ao espelho côncavo do fundo, símbolo de algo que deve ser encontrado na estrutura do córtex, fundamento de uma certa relação do homem com a imagem de seu corpo e com os diferentes objetos constitutivos desse corpo, com

pedaços do corpo original, captados ou não no momento em que $i(a)$ tem a oportunidade de se constituir. Antes do estádio do espelho, aquilo que será $i(a)$ encontra-se na desordem dos pequenos a que ainda não se cogita ter ou não ter. (Lacan, 2005, p. 132)

Temos, pois, que os três registros se articulam aqui nesse esquema. O corpo do bebê, representado pelo vaso descontínuo, que se apresenta despedaçado e fragmentado, é, a partir da mediação do Outro, representado pelo espelho plano, transformado em uma imagem ilusória de uma totalidade imaginária, entendida como um outro semelhante, pela qual o bebê se aliena e possa a vir a constituir seu 'eu'. Essa constituição se dá, então, em torno das flores, os pequenos a , os quais, enquanto lugares vazios de causa de desejo, podem constituir um corpo de maneira simbólica, a partir do que lhe aparece como seu limite, como um impossível marcado pelo vazio na estrutura. Todo esse processo ocorre de maneira simultânea, sem antecedentes. É um tempo lógico e não cronológico que opera segundo o psicanalista nessa composição. Portanto, ao mesmo tempo em que o Outro advém para constituir uma imagem por sua mediação, essa própria imagem, que aparece como um outro semelhante, e o objeto a , marcado por um vazio ao redor do qual uma imagem pode se formar, também tomam seu lugar. Real, simbólico e imaginário aparecem enodados no que Lacan irá denominar de nó borromeano, pelo qual, não se pode ter um sem os demais.

O objeto a , objeto real, causa de desejo, constituído a partir de um vazio, de um impossível, o qual implica na constituição do sujeito, possui, como vimos, uma segunda implicação na forma de um objeto parcial, o qual pode vir a tomar o lugar desse vazio, provisoriamente, nesse movimento de causa de desejo. Creio que é isso que está representado no esquema, a partir das flores, dado que elas aparecem em ambos os lados do espelho plano. O objeto a real, inapreensível, e o objeto parcial, que Lacan denomina de objeto a postiço, fantasmático, o qual atravessa a mediação do simbólico para implicar o sujeito em seu desejo. Assim, “o objeto a é o objeto perdido, intangível e também se imaginariza em objetos da realidade” (Garcia, 2015, p. 162). Sobre isso, afirma Lacan,

Ele [o desejo, via fantasia] se encena como papel, é claro, mas o que importa não é o papel, como todos sabemos por experiência e por certeza íntimas, e sim o que resta além desse papel. Um resto precário e submisso, sem dúvida, pois, como todos sabem hoje em dia, sou para sempre o objeto cedível, o objeto de troca, e esse objeto é o princípio que me faz desejar, que me torna desejoso de uma falta - falta que não é uma falta do sujeito, mas uma carência imposta ao gozo situado no nível do Outro. (Lacan, 2005, p. 359)

Assim, se o real é aquilo que pode ser definido como o que escapa à qualquer simbolização, enquanto aquilo que resiste à linguagem, o que se inscreve a partir de sua pura

negatividade, ele precisa estar em uma relação com o que se inscreve positivamente na estrutura, para que assim ele tenha uma implicação para um sujeito desejante. De modo que o objeto a , objeto real, causa de desejo, se relaciona diretamente com os objetos parciais, os objetos a postiços, fantasmáticos, os quais implicam o sujeito com seu desejo.

PSICANÁLISE, PRAZER VISUAL E CINEMA CONTEMPORÂNEO: UMA LEITURA POSSÍVEL

Tal processo, contudo, representado no esquema óptico, de identificação e alienação de um 'eu' a partir do outro semelhante, mediado pelo campo simbólico, cuja implicação tem causa no desejo de um sujeito, não é algo estático, definido em um passado encerrado e inerte. Mas sim, é um processo contínuo e constante. A estrutura simbólica é um campo vivo, em relação, de modo a sempre provocar mudanças nas constituições imaginárias, a partir de sua mediação, e nos impasses reais, entendidos enquanto seu limite.

Nosso intuito aqui é compreender como esse processo pode ser aplicado para pensarmos os discursos que circundam o cinema e como esses discursos podem causar tais mudanças, dialeticamente, nesse campo de embates de trocas simbólicas. Um ponto importante da teoria lacaniana que até agora não mencionamos é que há duas formas possíveis de se pensar o Outro. Uma delas é que a vínhamos trabalhando até agora, o Outro enquanto campo da linguagem, tesouro dos significantes, contudo, como nos remete Eidelsztein (2021), um outro semelhante também pode ser colocado por um sujeito no lugar de um Outro, representante da lei simbólica. Esse pequeno outro não precisa ser, necessariamente, uma pessoa, um indivíduo, pode ser qualquer objeto que faz parte do complexo imaginário, desde que ele possua uma importância de representar algo de uma verdade de uma lei simbólica para o sujeito em questão. A partir disso, podemos pensar o cinema, enquanto uma forma de linguagem, ocupando esse lugar de um Outro, dado que as relações simbólicas e imaginárias que o cinema tem o potencial de fabular, são de grande importância para nossa cultura e sociedade tal como ela se apresenta, tanto no contemporâneo, quanto historicamente.

Assim, podemos inferir que o cinema, atuando enquanto Outro, tem a potencialidade de mediar as relações de identificação e de reconhecimento, tais quais elas são representadas por suas películas - temos aqui o imaginário. Também podemos inferir que, como observamos no esquema óptico, tal qual apresentado no Seminário 10, os objetos parciais que funcionam como objetos a postiços, de modo a causar um movimento desejante em torno de um vazio remetido ao real, também participam do processo de constituição de um 'eu', através da mediação simbólica - temos aqui o real, principalmente ao considerar-

mos que esse real depende do simbólico para o estabelecer como limite, como impossível a si mesmo. Outro ponto importante para pensarmos o posicionamento do discurso cinematográfico ocupando o lugar de Outro é o modo que o desejo se estabelece a partir desse Outro, não somente na constituição de seus objetos, mas de seu próprio processo desejante, pois, como vimos, é como o Outro que o sujeito deseja.

Assim, a maneira com que o cinema é engendrado pode influir diretamente no modo em que os ‘eus’ que se constituem e se alienam em torno dele podem se identificar, se reconhecer e desejar. Nossa questão se constitui em torno do entendimento do cinema erótico/pornográfico a partir de alguns momentos históricos, para pensarmos de que modo a constituição do desejo, da identificação e do reconhecimento podem ser atravessados pelo modo em que o prazer visual e a sexualidade são representados.

Após o estabelecimento da narrativa clássica hollywoodiana como padrão da linguagem fílmica, dominada pela indústria audiovisual e disseminada para qualquer produção, mesmo fora dos Estados Unidos, (Bordwell, 2005) os filmes continuam a provocar o prazer visual pautado no olhar masculino. As atrizes como ‘musas’ no cinema hegemônico produzidas pelo *star system*,¹² desde a inocência dos cachinhos dourados de Lilian Gish, passando pelos pecados das *vamps* como Theda Bara, do ‘it’ de Betty Lou, juventude divertida dos banhos nus dos anos 1920 de Clara Bow, o êxtase de Hedy Lamarr, as pernas das dançarinas de Can Can, a frieza mortal de Brigitte Helm, a trajetória angelical de Greta Garbo, os cabelos loiros de Jean Harlow, o sotaque sulista de Bette Davis, May West com sua sensualidade cômica por ser ‘fora do padrão’, a pureza de Shirley Temple, o alívio da guerra em Rita Hayworth, Elizabeth Taylor com o exotismo de Cleópatra, todas elas numa só com Marilyn Monroe, a cativante Sophia Loren, e a rebeldia de Brigitte Bardot. Partindo da carreira prodígio de Audrey Hepburn, até mesmo crianças são apontadas como musas e deusas do amor, sempre muito aplaudidas e cobiçadas, como demonstra o documentário de Saul J. Turell, *The Love Goddesses* (1965).

Todos estes nomes são exemplos de que o sexo e o erótico no cinema não estão presentes apenas no gênero pornográfico. Essas representações de atrizes ‘provocantes’ são aplaudidas e defendidas há muito tempo. Diante desta trajetória, atualmente vemos narrativas contra-hegemônicas que desafiam este olhar dominante do cinema, como é o caso do sufocante *Titane* (2021) de Julia Ducournau e do recente *Poor Things* (2023) de Yorgos Lanthimos. Ambos geraram debates acerca dos limites da nudez e do sexo das telas de cinema. *Titane* foi Vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes e celebrado

12 Cf. Meneguello, Cristina. *Poeira de Estrelas: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

por diversos críticos internacionais, como *The New York Times*, *The Wall Street Journal*, e *The Guardian*, por exemplo,¹³ apesar de ser um filme esteticamente bastante desafiador e desconfortável de horror corporal, humor cínico, trazendo diversos questionamentos das construções sociais de gênero, com debate sobre a transexualidade e a ciborguização. Por outro lado, *Poor Things*, que esbanjou cenários deslumbrantes, humor leve e sarcástico, debateu liberdades sexuais e relações de poder envolvendo gênero e machismo. Foi vencedor do Leão de Ouro de melhor filme no Festival de Cinema de Veneza, indicado a 7 categorias do Oscar e vencedor de 4, incluindo melhor atriz. Apesar de estas premiações significarem a valorização do filme pela academia, a produção causou muitas reações descontentes por conta de suas diversas cenas de nudez e sexo,¹⁴ apesar de serem muito

13 Cf. Scott, A.O. ‘Titane’ Review: Auto Erotic: julia ducournau’s new film, a prizewinner at cannes, is a grisly, philosophical thriller that puts the pedal to the metal.. Julia Ducournau’s new film, a prizewinner at Cannes, is a grisly, philosophical thriller that puts the pedal to the metal.. 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/09/30/movies/titane-review.html>. Acesso em: 09 abr. 2024.

Corrall, Cody. Julia Ducournau takes the wheel with Titane: it’s a ride worth taking’ if you can stomach it.. It’s a ride worth taking—if you can stomach it.. 2021. Disponível em: <https://chicagoreader.com/film/julia-ducournau-takes-the-wheel-with-titane/>. Acesso em: 09 abr. 2024.

Chang, Justin. ‘Titane’ review: A sexy and violent yet sweet Cannes winner. 2024. Disponível em: <https://www.latimes.com/entertainment-arts/movies/story/2021-09-30/titane-review-julia-ducournau-palme-cannes-film-festival>. Acesso em: 09 abr. 2024.

Morgenstern, Joe. ‘Titane’ Review: Murder, She Did: a prodigiously predatory young woman comes up against the kindness of others in julia ducournau’s sumptuous second feature. A prodigiously predatory young woman comes up against the kindness of others in Julia Ducournau’s sumptuous second feature. 2021. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/titane-julia-ducournau-agathe-rouselle-vincent-lindon-11633037489>. Acesso em: 09 abr. 2024.

Hornaday, Ann. The Palme d’Or-winning ‘Titane’ wants to make you squirm. 2021. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/goingoutguide/movies/titane-movie-review/2021/09/28/bed102ba-1ca3-11ec-8380-5fbadbc43ef8_story.html. Acesso em: 09 abr. 2024.

Bradshaw, Peter. Titane review – freaky Cronenbergian body-horror show is a car crash. 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2021/jul/14/titane-review-julia-ducournau>. Acesso em: 09 abr. 2024.

14 Cf. Seth, Radhika. The Vogue Review: Poor Things Is A Madcap Delight With A Dazzling Emma Stone Performance. Disponível em: <https://www.vogue.co.uk/article/poor-things-review>. Acesso em: 09 abr. 2024.

Macnab, Geoffrey. Poor Things review: Emma Stone has never been bolder than in this odd, surreal farce. 2024. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/films/reviews/poor-things-review-emma-stone-b2476603.html>. Acesso em: 09 abr. 2024.

Nishijima, Atsushi. Poor Things review: Emma Stone is ‘perfectly cast’ in this truly bizarre female Frankenstein story. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/culture/article/20230901-poor-things-review-emma-stone-is-perfectly-cast-in-this-truly-bizarre-female-frankenstein-story>. Acesso em: 09 abr. 2024.

menos desconcertantes que o uso de *body horror* em *Titane*.

Contudo, não devemos com isso dar um ponto final para as diferenças de recepção destes filmes com uma simples comparação. Ainda assim, não podemos deixar de apontar as contradições, sempre presentes na sociedade quando se fala da indústria cultural, principalmente neste contexto de valorização do mercado das pautas sociais utilizadas em seu favor, tendo em vista que vendem bem e repercutem mais facilmente. É nítido com as reações à representação da jovem Bella Baxter em *Poor Things* indicam ainda grande resistência a figuras como esta, que sai em busca de liberdade sexual, estando desvinculada do aparato social que a envolve enquanto indivíduo oprimido e delimitado em papéis sociais específicos limitantes. Neste sentido, o olhar para Alexia/Adrien, protagonista de *Titane*, está muito mais ligado a um voyeurismo do desconforto, da busca por espiar a dor e o sofrimento da personagem em detrimento do alívio do espectador afastado. A sexualidade de Alexia não incomoda apesar de não ser heteronormativa justamente pelo espetáculo do exotismo, as transas com carros não passam de uma fantasia, nesse sentido. A ameaça do exemplo que Bella Baxter poderia dar às jovens mulheres, influenciando-as na busca pela liberdade sexual e desvencilhamento do poder masculino sobre elas é mais ameaçador que uma assassina em série ciborgue.

Portanto, a partir da representação de uma sexualidade de forma não hegemônica, encontrada nos exemplos acima citados, maneira a qual difere da maior parte da trajetória da história do cinema, constituída com base no *male gaze*, podemos observar a constituição de uma disputa na maneira de compreender o modo em que os discursos que giram em torno de uma identificação e de um reconhecimento são colocados. Desse modo, por meio da desconstrução do papel masculino como protagonista do prazer sexual, é possível observar a disponibilidade de outros recursos simbólicos que implicam em modos de constituição de um 'eu' e de sua sexualidade que não estejam associadas e alienadas exclusivamente a uma imagem que até então poderia ser entendida e lida como universal. Decorre disso, que as particularidades das elaborações desejantes que são atravessados pela linguagem cinematográfica se complexificam e diversificam, tanto em seu objeto, quanto em construção, a partir desse Outro, representado pela linguagem do cinema. Tal modo desafia a posição prevalente no campo social, causando um mal-estar associado, não às imagens representadas, mas à disputa pelo lugar de reconhecimento de um desejo que não esteja inscrito como submetido ao masculino cisheteronormativo.

Lodge, Guy. 'Poor Things' Review: Emma Stone and Yorgos Lanthimos Fly Their Freak Flags in a Delicious Coming-of-Age Story Like No Other. 2023. Disponível em: <https://variety.com/2023/film/festivals/poor-things-review-emma-stone-1235710477/>. Acesso em: 09 abr. 2024.

Assim, de maneira análoga, podemos observar como a forma hegemônica de representar a sexualidade e o protagonismo masculino por meio do cinema, tanto historicamente, quanto no contemporâneo, é importante para a constituição de uma centralidade do prazer sexual na figura do homem cis hétero. De tal forma que as narrativas cinematográficas que escapam dessa estrutura estabelecida simbolicamente de como o prazer deveria ser entendido e experimentado provocam desconforto e revolta de uma parcela considerável de seus espectadores, por promover outras maneiras de conceber o prazer sexual que não esteja associada exclusivamente ao prazer masculino, como pode ser visto nos exemplos acima citados. Tal disputa se faz importante, uma vez que o cinema é compreendido como um importante meio de vincular discursos simbólicos que operam nas formas que se pode compreender uma dialética de um reconhecimento e de constituição de um desejo.

O cinema, portanto, pode ser lido por meio do esquema óptico proposto por Lacan, representado como esse grande espelho com a figura de um Outro encarnada, o qual, em uma dialética do olhar, coloca os sujeitos que o presenciam em uma espécie de reflexão, fazendo alusão ao espelho, acerca de como pode ser experimentado o que se entende de uma identidade capaz de sentir prazer por meio do que se entende de uma sexualidade. Desse modo, pode-se considerar que há um corpo em um processo de constituição, assim como no esquema, que se dá em volta dos objetos de desejo, objetos esses que são atravessados pelo discurso cinematográfico e pela narrativa por ele construída. Assim, enquanto há um predomínio da centralidade cisheteromasculina e do prazer associado ao pênis e na ejaculação na historicidade cinematográfica, tal imagética transmitida atravessa as formas constituídas de como se entende o ato de transar e o ato de obtenção prazer sexual, moldando tais ações por meio de suas imagens. Ao mesmo tempo, a disputa desse lugar, a construção de outras formas de prazer e de outros sujeitos que tomam o lugar de protagonismo desse prazer, atravessam a constituição desses fazeres antes estabelecidos, de modo a propiciar no campo de disputa simbólica outros modos de existência acerca da relação com a sexualidade e com o prazer sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os filmes erótico/pornográficos do primeiro cinema tinham foco na experimentação e na comicidade, ou seja, as cenas de sexo explícito não buscavam apenas a excitação para o prazer sexual, mas também o riso e a liberdade - muitas vezes opressora - de um ambiente ainda bastante anárquico, até a sua regulamentação e censura chegar, em concomitância com a intencionalidade do controle dos corpos pelos preceitos da moralidade burguesa. Dessa forma, compreendemos que a censura do sexo explícito das telas de exibição não

se deu pelo controle de alguma ameaça às violências possíveis geradas pela relação entre imagem e audiência, mas sim pela busca do controle institucional, capitalista e social da época.

Após esta virada de regulamentação e censura os filmes erótico/pornográficos passaram de seu caráter artesanal, experimental, diverso e cômico para chegar no foco da ejaculação masculina. As questões deste artigo nos levam a crer que o estabelecimento do *male gaze* gerou até os dias de hoje incômodo com o prazer feminino e contra-hegemônico no cinema contemporâneo, vide a forma com que filmes recentes, como foi o caso de *Poor Things*, serem mal recebidos por grande parte da crítica.

O público-alvo majoritário dos filmes pornô, seja no primeiro cinema, nos *stag films*, ou no pornô contemporâneo, é reservado aos homens. Já os outros filmes citados neste trabalho, têm como público-alvo principalmente mulheres. O ponto de vista destes filmes, principalmente nas sequências em que o ato sexual é representado, é justamente das protagonistas, que possuem interesses na experimentação das mais diversas formas de prazer sexual, o que antes não era possível, já que o foco era no prazer visual masculino, que não continha o prazer feminino em seu objetivo, mas sim seu foco era no pênis, seja pelo *meat shot* ou pelo *money shot*. O prazer visual em *Poor Things* e em *Titane* está na excitação e no gozo destas personagens, não havendo interesse narrativo ou visual no prazer do homem.

Apesar de a diferenciação histórica ser necessária em muitas análises que tratam de fontes tão longínquas temporalmente como os *stag films* e o cinema contemporâneo, por exemplo, não devemos cair na falsa argumentação de uma mentalidade ‘de seu tempo’, tendo em vista que houveram produções artísticas contra as relações de poder, como é o caso da diretora, roteirista, produtora e atriz Florence Lois Weber, que produziu 40 longas e 100 curtas. Lois Weber foi a primeira mulher a dirigir um longa-metragem, *O Mercador de Veneza* (1914). Também foi a primeira mulher a dirigir um estúdio de Hollywood, o *Lois Weber Productions*, de 1917. Ela não via o cinema como puro entretenimento¹⁵, mas como produção social. O primeiro nu frontal é de um filme de Lois Weber, *Hipócritas* (1915), feito como crítica às hipocrisias da Igreja Católica, e não simplesmente para o prazer do olhar masculino. Muitas das produções de Lois Weber indicam seus ideais, utilizando o cinema como arena de debate e espaço para pautar suas lutas. A pobreza urbana e a equidade salarial são representadas em *Shoes* (1916), por exemplo. Lois Weber também foi pioneira em técnicas formais, como na tela tríplica em *Suspense* (1913).

¹⁵ Como foi o caso do amplamente citado D. W. Griffith, pioneiro na construção da dominante narrativa clássica hollywoodiana mediante o filme *O Nascimento de uma Nação* (1915), que trouxe à tona a KKK como salvadora da pátria estadunidense, mediante o rendimento das resistências de escravizados na Guerra de Secessão.

Assim, podemos compreender, a partir do cinema, processos de estabelecimento do desejo e da sexualidade e como eles são disputados no campo social, entendendo a linguagem cinematográfica como uma potente ferramenta artística e política, que pode reverberar em diversos contextos particulares e coletivos. Desse modo, o erótico/pornográfico se torna uma importante narrativa para a compreensão de tal processo histórico e social em disputa.

BIBLIOGRAFIA

- BORDWELL, David. O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos. In: RAMOS, Fernão (org.). **Teoria contemporânea do cinema**. São Paulo: Senac, 2005. p. 277-302.
- COSTA, Flávia Cesarino. **O Primeiro Cinema**: espetáculo, narração, domesticação. Rio de Janeiro: Azougue, 2005, pp.17-70.
- DWORKIN, Andrea Dworkin. **Pornography: Men Possessing Women**, New York: Plume, 1979.
- EIDELSZTEIN, Alfredo. **Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan**. Tradução de José Luiz Caon. São Paulo: Toro Editora, 2018.
- EIDELSZTEIN, Alfredo. **Las estructuras clínicas a partir de Lacan**, volume 2 (4ª ed.). Buenos Aires: Letra viva, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhte. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREUD, Sigmund. Projeto de uma psicologia científica. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, volume 1. Tradução de Luis Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- GARCIA, Luiz Fernando Botto. **O despertar do real: a invenção do objeto a**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- HOBBSAWM, Eric. **A Era do Capital** (1848-1875). Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KANT, Immanuel. **A crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão (9ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.
- KENDRICK, Walter. **The Secret Museum: Pornography in Modern Culture**, California University Press, Berkeley, 1987.

- KOJÈVE, Alexandre. **Introdução à leitura de Hegel**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2002.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Tradução de Betty Milan (3ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Tradução de Marie Christine Laznik Penot (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1987.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Tradução de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988a.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução de M.D. Magno (3ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988b.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 8: a transferência**. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992.
- LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998a, p. 96-103.
- LACAN, Jacques. Formulações sobre a causalidade psíquica. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998b, p. 152-194.
- LACAN, Jacques. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998c, p. 653-691.
- LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998d, p. 807-842.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 9: a identificação**. Tradução de Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: a angústia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: encore**. Tradução de Analucia Teixeira Ribeiro. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2010.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 19: ...ou pior**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2012.
- LAGNY, Michele. **Cine e historia: problemas y métodos en la investigación cinematográfica**. Barcelona: Bosch, 1997.
- LE GAUFEY, Guy. **O não-todo de Lacan: consistência lógica, consequências clínicas**. Tradução de Paulo Rona. São Paulo: Scriptorium, 2015.
- MACKINNON, Catherine. **Only Words**. Cambridge: Harvard University, 1993.

- MASCARELLO, Fernando (Org). **História do cinema mundial**. Campinas: Papirus Editora, 2006.
- MULVEY, Laura. Afterthoughts on «Visual Pleasure and Narrative Cinema» inspired by King Vidor's *Duel in the Sun* (1946). In: EASTHOPE, Antony (Org). **Contemporary Film Theory**. Longman, 1993. p. 125-134.
- MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. In: BRAUDY, L.; COHEN, M. (Orgs). **Film Theory and Criticism: Introductory Readings**. Eds. Leo Braudy and Marshall Cohen. New York & Oxford: Oxford University Press, 1992, p. 746-757.
- PRECIADO, Paul. Museu, lixo urbano e pornografia. Tradução de Bryan Axt Correio. **Periódicus**, Salvador, n. 8, v. 1, nov. 2017-abr. 2018.
- WILLIAMS, Linda. **Hardcore: power, pleasure, and the frenzy of the visible**. Califórnia: University of California Press, 1991.